OBRAS

DO

POETA CHIADO

COLLIGIDAS, ANNOTADAS E PREFACIADAS

POR

ALBERTO PIMENTEL

Socio correspondente da Academia real das sciencias de Lisboa,
do Instituto de Coimbra, da real Academia de historia de Madrid, antigo deputado
da nação, e redactor do diario da camara dos pares

1889

Á VENDA
NA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52 e 54—RUA AUGUSTA—50, 52 e 54
LISBOA

Ao Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro
Antonio José de Barros e Sá
off.
em signal de amisade
agradecida
Alberto Pimentel.

OBRAS DO POETA CHIADO

OBRAS

DO

POETA CHIADO

COLLIGIDAS, ANNOTADAS E PREFACIADAS

POR

ALBERTO PIMENTEL

Socio correspondente da Academia real das sciencias de Lisboa,
do Instituto de Coimbra, da real Academia de historia de Madrid, antigo deputado
da nação, e redactor do diario da camara dos pares

OFFICINA TYPOGRAPHICA
DA
EMPREZA LITTERARIA DE LISBOA

Calçada de S. Francisco, 1 a 7

ILL.^mo E EX.^mo SR. JOÃO EDUARDO GOMES DE BARROS

Meu presado amigo:

Dissera-me V. Ex.ª um dia que, se eu quizesse fazer reimprimir algum auctor notavel, contasse com o seu auxilio. E insistiu bizarramente n'este ponto, estimulando-me a que o fizesse.

Mezes depois, no inverno de 1888, fallando-lhe eu de trez autos de Antonio Ribeiro Chiado, que tinha lido no precioso exemplar existente na Bibliotheca Nacional, unico que se conhece, offereceu-se V. Ex.ª a occorrer a todas as despezas de cópia e impressão. Em vista da amavel insistencia de V. Ex.ª, ficou resolvido entre nós que eu tratasse de procurar pessoa idonea que se encarregasse da cópia. Essa pessoa appareceu. Foi o sr. João Antonio Moniz, habilissimo empregado da Bibliotheca Nacional. Feito o traslado, promptificou-se V. Ex.ª a tomar parte nas repetidas conferencias que fizemos entre o texto e a cópia. E por vezes o bom conselho e competencia litteraria de V. Ex.ª nos guiaram, sempre que houve duvidas, na laboriosa interpretação do texto.

Sabendo da existencia de obras manuscriptas do Chiado na Bibliotheca de Evora, por noticia

do respectivo catalogo e por um artigo de Cunha Rivara inserto no *Panorama,* tratei de as obter, sempre com auxilio de V. Ex.ª

Obtida a cópia de Evora, verifiquei que algumas das composições que ella abrangia tinham sido editadas por Sousa Farinha em 1783, mas que outras composições eram hoje integralmente desconhecidas. E assim pude enriquecer a nossa edição com estas ultimas, e com outras obras manuscriptas que foram descobertas na Bibliotheca Nacional, completando-a com as que Farinha publicára, e não estavam comprehendidas no codice de Evora.

Nas composições que foram incluidas na edição de 1783 e de que havia cópia na Bibliotheca d'Evora, segui a cópia, e não o editor Farinha, por que d'este modo poderão os estudiosos conhecer, pelo confronto da nossa edição com aquella, as respectivas variantes.

Trabalhando durante alguns mezes, com devotada solicitude, em interpretar e annotar as composições do Chiado, e em estudar a biographia do auctor, procurei corresponder ao fidalgo estimulo com que V. Ex.ª tratou de aplanar todas as difficuldades respectivas á editoração.

O que fiz hão de avalial-o, como entenderem, os poucos leitores que este livro terá. Digo poucos, porque não é esta obra da natureza d'aquellas que lisonjeiam o gosto publico. Não são muitas as pessoas que no nosso paiz se entregam a estudos de archeologia litteraria, mas é tambem certo que já foram menos. O que V. Ex.ª fez habilitando-me a resuscitar trez autos do Chiado, e algumas outras composições que jaziam quasi desconheci-

das nas Bibliothecas de Lisboa e Evora, quero dizel-o bem alto para que o futuro saiba o nome do homem a quem a litteratura portugueza deve um desinteressado e valioso serviço.

Que a modestia de V. Ex.ª releve esta confissão, sincera e agradecida, a quem tem a honra de se assignar

De V. Ex.ª
amigo obrigadissimo

Lisboa, 28 de março de 1889.

Alberto Pimentel.

PREFACIO

I

Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana*, diz que Antonio Ribeiro Chiado *nasceu em um logar humilde do arrabalde da cidade de Evora*. Cunha Rivara foi mais exacto do que Barbosa quando escreveu que : «De paes humildes, nos arrabaldes da cidade d'Evora, nasceu Antonio Ribeiro, conhecido depois pela alcunha de *Chiado*.» [1] E' que Rivara possuia manuscriptos, que legou á bibliotheca de Evora, os quaes revelavam até certo ponto a baixa origem de que proviera o Chiado, sem comtudo determinarem o arrabalde em que nasceu. Os manuscriptos, que o elucidaram sobre tão mysterioso assumpto, são as trovas de Affonso Alvares, que Rivara não chegou a publicar, o que eu, tendo obtido auctorisação do governo para mandar copial-os, realiso hoje, com sincera alegria de o poder fazer.

Ficarão ainda no escuro o sitio e data do nascimento de Antonio Ribeiro Chiado, mas alguma

---

(1) *Panorama*, vol. IV, pag. 406.

coisa se adeanta, graças ás trovas de Affonso Alvares, quanto á sua familia, á condição humilde de seus paes.

Diligenciei em Evora, junto do sr. arcebispo de Perga, obter informações colhidas nos registros parochiaes do seculo XVI.

Auxiliou-me n'esse empenho o illustre prelado, mas a sua resposta foi desanimadora. Em carta datada de 27 de outubro de 1888 dizia-me o sr. arcebispo de Perga:

«Os livros do registro parochial anteriores a 1859 estão archivados no Seminario; mas, como é facil de conjecturar, o registro do seculo XVI é deficientissimo.

«E, sendo, como são, tam escassas as indicações biographicas que do mesmo poeta ministram o *Diccionario* d'Innocencio, a *Bibliotheca Lusitana*, etc.,—que nem sequer apontam os nomes dos paes,—é quasi impossivel descobrir a data do nascimento e só por verdadeira casualidade poderia encontrar-se.

«O sr. A. F. Barata, empregado na Bibliotheca Publica d'esta cidade e escriptor erudito e investigador, a quem pedi que me auxiliasse n'estas pesquizas, assegurou-me que nada conseguira nem esperava conseguir.»

Sabendo-se que Antonio Ribeiro *o Chiado* morreu em 1591, o que permitte fazer uma busca retrospectiva; sabendo-se que Antonio Ribeiro nasceu nos arrabaldes de Evora, e que teve um irmão chamado Jeronymo Ribeiro, auctor do auto do *Fisico* (1) que anda encorporado na primeira edição dos autos de Antonio Prestes, é possivel que,

(1) O *Auto do Fisico*, de Jeronymo Ribeiro, foi impresso com os de Antonio Prestes, Camões, e outros, comprehendidos no exemplar (1587) existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, collecção *Camoneana* A-8.

apesar da deficiencia dos registros parochiaes do seculo XVI, a feliz «casualidade» venha a realisar-se.

Emquanto isso não acontece, contentemo-nos com a indicação, segura e nova, da condição social dos paes de Chiado.

Affonso Alvares, de quem logo fallaremos mais de espaço por não alterar por agora a ordem das materias, lembra ao poeta Chiado, n'uma das suas famosas investidas contra elle, quão baixa era a sua origem:

> *Nasceste de regateira*
> *e teu pae lançava solas:*
> d'onde aprendeste parolas
> e os anexins da ribeira,
> de que cá tinhas escolas.

N'outra passagem, Affonso Alvares volta a fazer allusão aos paes de Antonio Ribeiro, lançando á conta de hereditariedade o desprimor do seu procedimento como frade e como homem:

> Eu li, creio que no Dante,
> os filhos de generosos
> serem muito cubiçosos
> de passar o risco ávante
> nos habitos virtuosos.
>
> E diz mais não pode ser
> que os de ruim villão
> deixem de mostrar que são:
> que ninguem pode fazer
> do vil raposo leão.
>
> *Assi que do sapateiro*
> não pode vir cavalleiro;

nem de regateira pobre
pode nascer filho nobre

E ainda n'outra passagem:

Que nunca *cosi correia,*
nem menos *lancei tacão.*

Chiado não nega a obscuridade do seu nascimento. Limita-se a replicar no mesmo tom, lembrando a Affonso Alvares que era filho de uma padeira:

Eu sou vosso servidor
e por meu senhor vos tinha.
Quem se mette na farinha
logo fica d'outra côr.

A allusão accentua-se ainda mais claramente n'este outro relanço:

O quanto que fui sentindo
e descobrindo
para te dar por retorno:
tua mãe esteve em forno!
E's tão boçal, que me estou rindo
como soffres tal sojorno!

Esta desbragada polemica entre Affonso Alvares e Antonio Ribeiro o Chiado é muito interessante como subsidio para a biographia do nosso poeta.

Vem a proposito da condição obscura do Chiado uma citação da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, acto IV, scena 2.ª:

D. Galindo—Ah! deshumana ceguera! que trago os olhos quebrados, quebrados para quebrar todos os gostos passados.

Xarales—Toma por allá, que concierto de razones!

D. Ricardo—Isso é vosso?

D. Gal.—Senhor, não; é do Chiado.

D. Ric.—*Em algumas cousas teve veia esse escudeiro.*

Germinio—Estes nomeam um escudeiro como os judeus nomeavam samaritano, *como que não procedessem muitos de mais baixos troncos.*

As palavras de Germinio deixam vêr que só abusivamente se podia dar ao Chiado o tratamento de escudeiro.

Este titulo foi primitivamente qualificativo das pessoas que não tinham jurisdicções, nem terras de que se nomeassem senhores; mas importava nobreza advinda de serviços militares. O conde D. Henrique, quando veiu a Hespanha, comquanto pertencesse á nobilissima casa de Borgonha, trouxe o escudo branco, e só depois de se ter assignalado por serviços militares lhe mandou pintar uma cruz azul. Até os principes de sangue real eram escudeiros antes de se distinguirem pelas armas. D. João III, escrevendo a seu irmão o infante D. Luiz, que regressava de Tunes, dizia-lhe: *Folguei muito de ainda virdes escudeiro*, etc.

O grau immediatamente superior a escudeiro era o de cavalleiro, a que apenas se ascendia pela investidura solemne das armas depois de um feito heroico ou para entrar na jurisdicção de algum senhorio.

Fica demonstrado que o tratamento de escudeiro só abusivamente podia dar-se ao Chiado, pois que elle, além de não ter seguido a carreira militar, era

de humilde condição. Pedro de Mariz, na chronica d'el-rei D. Pedro, escreve: «Mandou matar dois escudeiros de sua casa, *que eram os fidalgos d'aquelle tempo.*»

Ageita-se-me agora occasião de dizer quem era o encarniçado adversario do Chiado, Affonso Alvares.

Barbosa dá escassas indicações quer biographicas quer bibliographicas a seu respeito, no artigo que lhe dedica.

Diz-nos que «foi um dos mais estimados criados que teve em a sua numerosa familia o Illustrissimo Bispo d'Evora D. Affonso de Portugal» e que foi «dotado de um genio facil para a Poesia, principalmente na composição de Autos na lingua Portugueza, que varias vezes se representaram no Theatro com geral acclamação dos espectadores.»

Faz menção de terem sido impressas as seguintes composições de Affonso Alvares:

Auto de Santo Antonio feito a pedimento dos muy honrados, e virtuosos conegos de São Vicente. [1] *Cita quatro edições.*

Auto de S. Thiago Apostolo. Uma edição.

Auto de Santa Barbara Virgem e Martyr. Duas edições. [2]

Auto de S. Vicente Martyr. Prohibido pela inquisição.

Resposta feita a huma petição, que fez Antonio

---

(1) Este auto e o de Santa Barbara foram os unicos que pudemos ler na Bibliotheca Nacional (*Azul,* n.º 2:159.)

(2) D'este auto fez o livreiro portuense A. R. da Cruz Coutinho uma edição popular em 1877. Por signal que Affonso Alvares apparece ahi crismado em *Affonso Rodrigues.*

Ribeiro Chiado ao Commissario Geral de S. Francisco. Lisboa por Antonio Alvres 1602, 4.º

Vê-se que Barbosa não conheceu outras composições satyricas de Affonso Alvares contra o Chiado.

No artigo relativo a este escriptor menciona as quintilhas com que elle verberou Affonso Alvares, mas no artigo relativo a Affonso Alvares não dá noticia de que elle respondesse ao Chiado.

Comtudo, Barbosa, da propria menção que faz das quintilhas do Chiado, poderia haver aproveitado alguns subsidios para melhorar a biographia de Affonso Alvares.

Lendo na *Bibliotheca Lusitana* o artigo relativo a Antonio Ribeiro Chiado fica-se sabendo que Affonso Alvares era mulato, que ensinava em Lisboa a ler e escrever, e que casára com a filha de um albardeiro chamado Pedro Rombo.

Até aqui as indicações, mais ou menos *déplacées*, da *Bibliotheca Lusitana*.

Vamos agora esmerilhar no texto das quintilhas do Chiado contra o Alvares, arrancadas á bibliotheca de Evora, o que ellas possam conter de interessante para a biographia de ambos, e para a historia da accêsa polemica travada entre os dois.

Chiado ataca numerosas vezes o seu adversario pela circumstancia de ser mulato. De condição atrabiliaria, Chiado quer feril-o por balda certa, magoal-o pungentemente. Elle mesmo se retrata quando confessa a irritabilidade do seu genio, e a impetuosidade das suas represalias. Diz Chiado:

> Eu sou natural praguento,
> por uma trova dou cento.

não me esperes pelo rabo,
se me vires começar,
pois sabe que *sou diabo.*

Enfurecia-o que Affonso Alvares lhe sahisse ao caminho, ladrando-lhe:

vens-me ladrar aos caminhos
por onde ás vezes venho.

Tu havias de nascer
para ter
bocca contra um sacerdote!

Tinham-se encontrado dois atrabiliarios, dois azedos, que se não poupavam insultos nem sarcasmos. De mais a mais, Chiado, reputando-se superior em talento ao Alvares, não lhe perdoava o ataque:

e és cão *sem ter engenho.*

O facto de ser mulato o adversario, reforçava em Chiado a consciencia da sua superioridade intellectual e physica. Da negrura das faces de Alvares conclue Chiado a negrura do caracter. Vejamos:

Porque certo é para crêr
que quem tem côr de carvão
é signal que o coração
não pode deixar de trazer
de cadella a condição.

tão perto da escuridade
como da virtude áquem.

Chiado criva de epigrammas percucientes a face escura do Alvares:

> Quem vive sempre ás escuras
>
> Profetiso que has de vir
> ser mais negro cada dia
> sem o poder encobrir.
>
> E eu por fado te dou
> seres toda a tua vida
> mulato...
>
> E quem te mais contemplar
> fóra d'esses coiros pretos
>
> Soam cá tuas soalhas,
> negrinho taibo, marafuz
>
> Tinha um pouco de dinheiro
> para haver um negro bom:
> ouvi de ti bom som
> e achei-te tanganheiro;
> faça-te o diabo bom!
>
> Quem de si mesmo é escuro
> inda que faça luar,
> ha mister de se apalpar
> se quer por o pé seguro.

Affonso Alvares doe-se das vaias que lhe roçam pela face parda, mas ampara-se ao orgulho de que o outro só póde atacal-o como mulato:

> Se tens mais que me accusar,
> faze feira do que é.

Dá na côr, falla em Guiné,
que eu não t'o posso negar,
pois que de fóra se vê.

Perante esta confissão, Chiado, para magoar o adversario, lembra-lhe que esse defeito de raça se perpetúa na familia do Alvares, como uma condemnação da natureza:

nascem-te filhos e filhas:
os machos, mulatos baços,
e as femeas são pardilhas.

Todas as circumstancias que podem ferir o Alvares são relembradas em justa desfórra pelo Chiado.

Eu te vi já em Arronches
ser captivo de um Sequeira.

Esta allusão não é inteiramente comprehensivel hoje, mas apura-se d'ella o bastante para entender que Affonso Alvares exercêra em Arronches funcções mais humildes que as de criado do bispo de Evora, e mestre de meninos.

Intellectualmente, já sabemos que o Chiado reputava Affonso Alvares seu inferior. Chiado insiste n'este ponto:

Vós não sabeis entender,
por mais que vos aleaçais,
esse pouco que trovaes.

e pois és
ferrado de mãos e pés.

Sem embargo, Chiado descobre algumas vezes

o desgosto que esta polemica lhe causava; chega a pedir paz:

> Outra vez vos peço paz
>
> Per rogativa vos peço
> que me não ponhaes as mãos,
> nem façaes queixumes vãos,
> porque vol-o não mereço.

Era que o adversario não o poupava, ardia em furia, tornára-se o seu flagellador, atacando-o como homem, como poeta, e como padre.

*
* *

Affonso Alvares accusa Chiado de se entregar á embriaguez:

> E tu queres ser rufião
> e beber como francez.

Os francezes tinham então fama em Portugal de se desmandarem no uso das bebidas.

O proprio Chiado, na *Pratica de oito figuras,* escreve:

> sois bebedinho francez.

Accusa-o de se entregar torpemente á sodomia:

> para frade mal te amanhas,
> porque com tuas más manhas
> deixaste mil fanchonos.

Accusa-o de *souteneur,* rufião, de viver á custa das regateiras e rameiras da rua de S. Julião:

Que te acham em S. Gião
em casa de regateiras
e de p.... taverneiras,
onde tu és mexilhão.

Gil Vicente, no *Pranto de Maria Parda,* falla da rua de S. Julião como de um sitio frequentado pelos rascões do tempo. Havia ahi umas trinta tabernas; nem menos.

Quem levou teus *trinta* ramos?

pergunta Maria Parda, apostrophando aquella rua.

Uma allusão feita por Affonso Alvares parece-me hoje indecifravel:

Tu bebeste no ribeiro
do rio da Palhavan
por seres chocarreiro
que não tem virtude sã,
velhaco frei malhadeiro.

Refere-se talvez a qualquer violencia que o Chiado soffresse em Palhavan para correcção das suas chocarrices e maledicencia.

Vamos porém a outras allusões directamente apontadas contra o frade.

II

Barbosa diz:

«Por não ter validamente professado o Instituto Serafico o largou passando o restante da sua vida no estado do celibato vestido em habito clerical.»

Cunha Rivara observa:

«O motivo de despir o habito franciscano foi, segundo escreve o A. da Bibl. Lusit., o não ter professado validamente: mas pelo que de suas proprias obras se collige, é mais certo que fosse pelos desmanchos da sua vida, menos observante dos rigores da disciplina da regra serafica. N'uma antiga noticia manuscripta lêmos que elle quando frade era *bargante, dizidor, poeta*: e que para usar de sua condição fugiu do mosteiro, e andando fóra alguns dias foi preso e penitenciado no aljube, d'onde escreveu ao seu prelado a carta em verso...»

Não ha duvida que o Chiado esteve preso, por que na petição ao seu commissario o diz claramente:

Ne recorderis peccata
n'este triste *encarcerado*;
que assás está castigado
quem a fortuna maltrata
em poder de seu prelado.

Mas não concordamos com Rivara quando, baseando-se n'uma antiga noticia manuscripta, [1] diz que o Chiado andára fóra da ordem *alguns dias*.
Affonso Alvares, na resposta, refere-se a *vinte annos a eito*:

Mas vós, vinte annos a eito
non habens memoriam nobis;
vivestes por ruim geito
e diz cá nosso direito:
flagelum dabitur vobis.

O que temos por certo é que Chiado, aborre-

---

(1) E' a que vem a pag. 171, e se lê no codice da Bibliotheca de Evora.

cido da vida monastica, tão contraria ao seu genio, a abandonou a principio de motu proprio, independentemente de annullação do voto. Fugiria então para Hespanha, onde esteve, como se conhece dos seus *Letreiros*, nos quaes diz que elle proprio viu os epitaphios que copiou. Ali viveria em commum com estudantes e foliões, gente que apreciava as suas coplas a ponto de copial-as. A rubrica lançada nos manuscriptos da bibliotheca d'Evora revela que um estudante de Salamanca possuia as trovas do Chiado e do seu antagonista Affonso Alvares.

Chiado fôra procurado e preso:

> Deus permittiu e quiz
> viesse vossa pessoa
> *a poder de beleguins,*

diz Affonso Alvares.

Os motivos que levaram Chiado á fuga devem procurar-se na sua condição desenvolta e genio mundano.

> Vosso habito e corôa
> *leixastes por cousas vis.*
>
> Que ereis tão irregular
> á ordem de S. Francisco,
> que todo o mundo a barrisco
> no dissoluto peccar
> vos tinha por basilisco.
>
> Porque ereis tão conhecido
> *por sacerdote perdido*
> com fama de gracioso,

sem graça de virtuoso,
que era mal serdes soffrido
sem castigo rigoroso.

O respeito da pessoa
se ausentou do mosteiro
por se tornar ao cheiro
d'azevia de Lisboa,
manha de gran calaceiro.

No seculo XVI a vida bohemia attrahia para o meio da rua os homens de Lisboa, principalmente os moços, que se abandonavam ao desregramento de todos os vicios. Até os homens melhor comportados não paravam em casa. Vê-se isso do auto do *Fisico*, de Jeronymo Ribeiro:

PAI—Dizei-me, senhora filha,
este moço é d'alfenim!
Derrete-se em estar aqui.
Eu lhe cahirei na trilha.
FILHA—Agora se foi por ahi.
PAI—Parece-me que se aza
fazermos feria, sequer
forrar-me-hei de o não ver,
nem a de ver esta casa
mais que a horas de comer.
FILHA—*Todo o filho de Lisboa*
ha de morrer com esse vicio.

Affonso Alvares continua apodando a abjuração monastica do Chiado:

Que sabeis porque leixou
o bom habito que tinha?
Porque se cobriu da tinha,
que é um mal que o cegou.

Porque a vida soberana
trocastes pela mundana.

Nas trovas de Affonso Alvares abundam passagens abonatorias da nossa asserção.

O proprio Chiado, n'uma das suas cartas, escripta a um amigo que se metteu religioso, diz:

«Oh! quãmanha inveja vos hei! E se já lá não estou, é porque não é chegada ainda a minha hora: e, na verdade, já lá fôra, *se não me detivera a cheia de meus peccados.*»

Na mesma carta promette continuar a escrever ao amigo,—porque as suas cartas o não damnarão tanto, como cuidam frades.

Dos frades é que elle principalmente se queixa.

Parece que Chiado, ao entrar na ordem franciscana, teria adoptado o sobrenome conventual de —*Espirito Santo.*

Chamas-te de Spirito Santo
tão fóra de nunca o ter!
Porque quem tal nome quer
ha de ser santo: portanto
a ti não pode caber.

Seria depois de preso que o Chiado trataria da annullação do voto monastico. Um tal frade não convinha á ordem, nem a ordem lhe convinha a elle. Então, talvez mesmo a instancias da ordem, baixaria o breve pontificio que o secularisou. Chegamos a tentar algumas diligencias, em Roma, para obter cópia de qualquer acto da Santa Sé relativo ao Chiado; mas as diligencias tropeçaram em grandes difficuldades. Restava descobrir o ar-

chivo da provincia; mas até esse recurso se nos tornou impraticavel.

Em 10 de junho de 1707 pegou fogo na egreja de S. Francisco da Cidade (Lisboa) que estava ricamente ornada para a festa de Santo Antonio. Attribuiu-se a origem do incendio a um foguete. Da egreja apenas ficaram de pé o cruzeiro e capella-mór. A egreja começou a reedificar-se em 1709, e estava completa quando, na madrugada de quinta feira 30 de novembro de 1741, pegou fogo no seminario patriarchal situado dentro do convento de S. Francisco. As chammas invadiram a livraria, mas os livros poderam ser salvos por uma brecha aberta na parede, da parte da rua. Perdeu-se porém todo o archivo da secretaria da provincia. Uma nota descriptiva d'este incendio, publicada por Cunha Rivara na *Revista Universal Lisbonense* (tomo 1.º, pag. 475) diz o seguinte: «A (perda) do convento não tem estimação, *por ser irreparavel a da secretaria da provincia, que ardeu inteiramente*». O edificio reconstruiu-se, mas o terremoto de 1755 derrubou-o. Sobre estas ultimas ruinas, tentou-se nova reconstrucção, que aliás ficou incompleta, como ainda hoje a vemos.

Tudo, porem, faz suppôr que a Santa Sé annullaria o voto do Chiado, por interesse de si mesma, pois que um tal frade deslustrava a religião. Então Antonio Ribeiro Chiado viveria em inteira liberdade, habitando casa sua, entregando-se a todos os gosos a que o seu caracter e temperamento o arrastavam.

III

Somos chegado á interessante questão de saber se foi o Chiado que deu o nome á rua, ou se foi a rua que deu a alcunha ao poeta.

O abbade Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana*, escreve:

«O apelido de Chiado lhe ficou pela habitação, que por muitos annos teve em huma rua de Lisboa assim chamada.»

Cunha Rivara, no *Panorama*, diz:

«A alcunha de Chiado veio ao nosso poeta do logar da sua habitação em Lisboa...»

Innocencio vae na esteira de Barbosa e Rivara; mas salva a sua responsabilidade pondo o caso em duvida: «*Diz-se* que o appellido de *Chiado* lhe viéra da rua onde habitava em Lisboa, assim denominada.»

Tendo morrido Antonio Ribeiro Chiado em 1591, como noticía Barbosa, «d'ahi se conclue, pondera o sr. visconde de Castilho (Julio), que já pelo meio do seculo XVI se chamava *Chiado* ao sitio.»

E accrescenta judiciosamente:

«Isso justamente é que nunca achei mencionado, tendo compulsado titulos antigos d'aquellas immediações. Não quer dizer nada, ainda assim. O que de todo não percebo é a significação de tal nome.» (1)

---

(1) *Lisboa antiga*, tomo V, pag. 187.

Fiz, no empenho de esclarecer esta questão, longas e laboriosas investigações tanto na Bibliotheca Nacional como na Torre do Tombo.

Não pude cortar definitivamente o nó gordio; mas encontrei fundamentos, que reputo bastantes, para documentar a minha opinião.

Dirigi-me ao sr. Fernando Palha pedindo-lhe que mandasse proceder a pesquizas no archivo da camara municipal, onde se me afigurava possivel encontrar algum documento que fizesse luz no assumpto.

O sr. Palha accedeu ao meu pedido, e, passados tempos, entregou-me a seguinte carta, que lhe era dirigida pelo empregado que havia encarregado de fazer a busca.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

A denominação de rua *do Chiado* é antiquissima, e, segundo presumo, provinha da *chiadura dos carros que a subiam*.

Não posso suppôr outra etymologia, por isso que, n'este archivo, não existem monumentos escriptos nem tenues indicios a respeito do que motivou semelhante denominação.

Ha quem affirme que Antonio Ribeiro, depois conhecido pela alcunha de *Chiado*, é que deu o nome á rua, eu, porém, conjecturo que foi o poeta que recebeu o nome da rua.

E' tudo quanto sei a respeito da antiga e outr'ora muito empinada *Calçada do Chiado*.

Archivo da Camara Municipal, 30 de janeiro de 1888.

E. Freire d'Oliveira.

A carta do sr. Freire d'Oliveira suggere-me algumas considerações.

A denominação de rua do Chiado é antiquissima, diz s. ex.ª. Nos documentos officiaes da epocha,

não é. Affirmou-o o sr. visconde de Castilho, como já vimos, e repito-o eu, que tambem trabalhei muito por descobrir a verdade.

Darei provas do que affirmo.

A hypothese de que o nome da rua proviria da *chiadura dos carros que a subiam*, não é original do sr. Freire de Oliveira, por quanto Constancio diz no vocabulo *Chiado:* «nome de uma calçada de Lisboa, assim chamada da chiadura dos carros que a subiam.»

Mas esta hypothese affigura-se-me frivola, salvo o devido respeito, porque seria essa uma razão para dar o mesmo nome a todas as calçadas ingremes de Lisboa — e não são poucas — onde os carros chiassem, subindo-as.

Conjectura o sr. Freire d'Oliveira *que foi o poeta que recebeu o nome da rua.*

Eu sou de opinião contraria, e direi por que.

O sr. visconde de Castilho declara, com louvavel franqueza, não perceber a significação de tal nome.

Ora Moraes diz, no seu diccionario, que Chiado é termo asiatico, que significa malicioso.

Era esta, ninguem o póde duvidar, uma das modalidades do caracter de Chiado.

Affonso Alvares chama-lhe malicioso em mais de uma passagem das suas satyras:

> Bargante nonno Chiado,
> que sempre estás refolhado
> de tredoro *malicioso*. . .
>
> Porém os *maliciosos*,
> que são devotos prudentes,
> fazem inconvenientes
> que pódem ser suspeitosos.

Mas occorre a circumstancia de que o verbo *chiar* tinha no seculo XVI a mesma significação que hoje tem: fazer ruido. Camões, n'uma das suas cartas escriptas da India, diz que a voz das damas lisbonenses *chia* como um pucarinho novo com agua.

O proprio Affonso Alvares, n'um dos seus doestos ao Chiado, parece alludir á alcunha que elle tinha:

> que como te ouvir *chiar*
> hei te logo de acamar
> com o mais que não 'screvi.

Sá de Miranda, n'uma ecloga, a nosso vêr, repleta de allusões, escreve:

> Este desafia mil,
> Aquell'outro vende e troca,
> Outro traz graças na bocca,
> Outro *chia* o arrabil.

Nós ainda hoje conservamos, no mesmo sentido, a locução: fazer chiada.

Nada repugna acceitar a hypothese de que, em razão da sua vida escandalosa, fosse dada ao poeta uma alcunha que lembrava a sua notoriedade como dizidor e bargante.

De mais a mais era moda, no seculo XVI, pôr alcunhas.

Camões teve nada menos de duas: *Trinca-fortes* e *Diabo.*

O sr. visconde de Jorumenha escreve no 1.º vol. da sua bella edição das obras de Camões:

«Esta opinião, embora justificada, do seu valor, não só o

lançou em rixas, ás vezes involuntarias, e embaraços, mas dava logar, ao que parece, a que os amigos e camaradas o apodassem com a alcunha de *Trinca-fortes*, como se deprehende de um epigramma do seu amigo Antonio Ribeiro Chiado, em um certamen poetico e gracioso sendo o premio, posto por um fidalgo, uns melões que tinha em uma giga uma regateira.»

Luiza tu te avisa
Que taes melões lhe não dês,
Porque esse que ahi vês
Trinca-fortes mala guisa.

O sr. visconde de Jorumenha não diz onde encontrou esta noticia; a falta é hoje irremediavel. O sr. Theophilo Braga, na sua *Historia de Camões* (nota á pag. 193) sente, e com razão, que aquelle erudito camonista não declarasse a fonte da anecdota para se avaliar da sua authenticidade.

Das estreitas relações de amisade de Camões com o Chiado, fallaremos em lance opportuno. Por agora iremos firmando a nossa hypothese quanto á palavra *Chiado*.

Tendo nós mostrado que uma tal alcunha cabia e se ajustava á vida revôlta do poeta, que tanto déra que fallar no seu tempo, porque onde elle estava *chiava* a alegria turbulenta, que lhe era propria; e que as alcunhas estavam em moda no seculo XVI, sobre tudo applicadas aos individuos que, como Camões e Chiado, eram foliões e volteiros, vamos em caminho de mostrar que seria o poeta que deu o nome á rua, e não a rua que deu o nome ao poeta.

Recorramos agora aos documentos, impressos ou manuscriptos, da epocha.

No *Summario* de Christovam Rodrigues de Oliveira, cuja primeira edição é geralmente attribuida ao anno de 1551, a rua do Chiado não vem mencionada por este nome, vindo porém nomeadas as ruas direita de Santa Catharina e do Santo Espirito da Pedreira, que, lançadas na mesma direcção, occupavam a área da rua do Chiado, hoje rua Garrett.

Logo as descreveremos.

Na *Estatistica de Lisboa* (1552), manuscripto existente na Bibliotheca Nacional, não apparece a denominação de Chiado, mas sim, com relação áquellas ruas, vem indicados os mesmos nomes que lhes dá Christovam Rodrigues d'Oliveira.

Nas plantas da *Relaçam das parochias que se comprehendem na cidade de Lisboa*, manuscripto da Torre do Tombo, a rua a que nós chamamos do Chiado vem sempre designada como rua das Portas de Santa Catharina, cujas casas do lado do norte ficaram pertencendo á freguezia do Sacramento, e as do sul á freguezia dos Martyres.

Diz o texto d'este manuscripto com relação á freguezia do Sacramento:

«Terá principio o districto d'esta parochia no largo da egreja do Loreto, e subindo pela parte oriental da rua de S. Roque até á entrada do postigo do mesmo Santo, lhe pertencerão ambos os lados de toda a calçada do Duque até chegar á rua nova das Ortas, da qual levando sómente o lado occidental d'ella, e o mesmo de toda a rua nova do Carmo, voltará pelo lado septemtrional da rua das Portas de Santa Catharina, até o sobredito largo do Loreto, etc.»

E relativamente á freguezia dos Martyres:

«A egreja d'esta parochia se edifica na rua das Portas de Santa Catharina, no segundo quarteirão da parte do sul: será o seu districto, começando na mesma egreja, e descendo pelo lado meridional da dita rua das Portas, até á entrada da rua nova do Almada, discorrerá pelo lado occidental d'esta até á nova calçada de S. Francisco, e subindo ao largo da antiga egreja dos Martyres sómente da parte septemtrional da nova rua de cima até encontrar a rua do Thezouro, e subindo pelo lado oriental d'esta até o largo do chafariz das Portas de Santa Catharina, etc.»

Tendo o poeta Chiado morrido em 1591, segundo o abbade Barbosa, e sendo velho, como se deprehende do que lhe diz Affonso Alvares

Mas tu que, *velhaco velho*,

é para notar que, meado o seculo XVI, nem o *Summario* de Chistovam Rodrigues de Oliveira nem a *Estatistica manuscripta de Lisboa* dêem á rua a denominação popular de Chiado, que já deveria ter a esse tempo, pelo facto de ali morar o poeta.

Denominação popular dissémos nós, porque estamos convencido de que a official era rua Direita das Portas de Santa Catharina, dada a uma parte da rua, e do Santo Espirito da Pedreira, dada a outra parte; sendo assim que ambas as ruas apparecem mencionadas no *Summario* de 1551.

Pelo facto de morar na rua do Santo Espirito da Pedreira, e dos seus amigos, que o procuravam, dizerem talvez — *Vou ao Chiado, vamos ao Chiado,* etc., começaria o povo, certamente, a dar á rua o nome do poeta. Mas esta denominação

conservaria um caracter popular, pois que em documentos officiaes só no seculo XVIII, antes do terremoto, pudemos encontrar mencionada a rua com o nome de Chiado.

Na *Descripção das parochias de Lisboa antes do terremoto* (existente na Torre do Tombo) mencionam-se como comprehendidas na área da freguezia do Sacramento, da parte do norte, a rua das Portas de Santa Catharina, e o *Chiado*, tambem da parte do norte. A rua direita das Portas de Santa Catharina pertencia, da parte do sul, á freguezia dos Martyres.

No *Diccionario chorographico* (manuscripto do padre Cardoso, existente na Torre do Tombo) a relação da freguezia do Sacramento principia por estas palavras: «Estava esta freguezia antes do terramoto do primeiro de novembro de mil setecentos e cincoenta e cinco annos, *situada no simo (sic) do Chiado,* junto do convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, no bairro Alto, etc.»

Esta informação é posterior quatro annos ao terremoto de 1755.

A muralha com que o rei D. Fernando fechára, de 1373 a 1375, a cidade, subia de Val-Verde para o largo de S. Roque, pela calçada que hoje se chama do Duque. Em S. Roque levantava-se a torre de Alvaro Paes, a cujo lado havia uma porta, que primeiro se chamou do Condestavel, e depois de S. Roque.

Desandando para o sul, a muralha descia para o Loreto, e ahi erguia-se, voltada para o occidente, a porta de Santa Catharina, com quatro bastiões ameiados.

Ficava esta porta no sitio que hoje chamamos

Largo das duas egrejas. Foi demolida em 1702. Duas imagens que tinha, a de Santa Catharina na face oriental, e a de Nossa Senhora do Loreto na face occidental, conservam-se hoje na frontaria da egreja da Encarnação. (1)

A muralha continuava ao longo da rua do Alecrim.

A rua direita que da Porta de Santa Catharina descia para o convento do Espirito Santo da Pedreira (hoje Palacio Barcellinhos), convento que teve uma bella egreja de trez naves, tomava, no seu lanço final, por effeito d'este edificio, o nome de rua do Santo Espirito da Pedreira, e foi esta parte da rua que, para baixo da Cordoaria Velha (rua de S. Francisco), veio a ter a designação de *Chiado,* certamente pelo facto de ali residir o poeta.

Da *Pedreira* se dizia o convento, porque effectivamente assentava sobre uma pedreira enorme, que ainda hoje explica a grande differença de nivel que se nota entre a rua do Crucifixo e o fundo do Chiado.

Um antigo empregado da Bibliotheca Nacional de Lisboa (ainda o conheci), de nome José Valentim, (2) deixou manuscriptos alguns trabalhos, posto que incompletos, interessantissimos. Soccorrendo-me de um d'esses trabalhos, o tombo das freguezias da cidade, encontrei a seguinte curiosa noticia sobre a medição da rua direita das Portas de Santa Catharina:

---

(1) *Lisboa antiga,* por Julio de Castilho. Tomos I e V.

(2) Veja a seu respeito o *Summario de varia historia,* de Ribeiro Guimarães, vol. 1.º, pag. 29 e seguintes.

«Foi medida a dita rua direita das Portas de Santa Catharina e do Chiado inclusive, até defronte da Igreja dos Padres do Espirito Santo, onde se estende a repartição da Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, e se achou que as ditas ruas têm de comprimento desde o assento do adro da Igreja nova até o referido sitio 279 varas, 4 p. e $5/_{10}$, e será sua largura tomada sobre a banda oriental do largo das Cavalharices, 10 varas, 4 p. e $3/_{10}$, a qual não é igual em toda a mais extensão da rua, e corre esta na direcção de N. a S. pouco mais ou menos, fazendo volta quasi circular, desde o Adro da Igreja nova até quasi á frente da do Espirito Santo.»

Quanto á parte da rua, que veio a chamar-se do Chiado, diz José Valentim:

«Da rua da Cordoaria Velha para baixo segue-se a rua direita do Chiado, tendo de largura n'esta parte 7 varas, 2 p. e $2/_{10}$.»

Aqui temos, pois, revertida ao seu antigo aspecto a rua direita das Portas de Santa Catharina, parte da qual tomou a designação de Chiado.

Recapitulando tudo o que sobre esta questão escrevemos, faremos sentir mais uma vez:

1.º Que a alcunha de Chiado, dada ao poeta, lhe era perfeitamente applicavel, sobretudo n'um seculo em que havia o costume de pôr alcunhas aos homens que por qualquer motivo se assignalavam;

2.º Que nos documentos officiaes contemporaneos do poeta a rua não figura ainda com o nome de Chiado, o que mostra que esta denominação, derivando da alcunha do escriptor, tinha apenas o caracter popular, que o uso consagrou.

3.º Que a denominação de Chiado foi primitiva

e popularmente dada a uma pequena parte da rua que descia da porta de Santa Catharina, parte circumscripta ao predio onde morava o poeta, vindo depois a denominação, no correr dos tempos, a tornar-se official e extensiva á rua toda.

Posto isto, completaremos rapidamente a historia da rua do Chiado, dando alguma noticia das transformações por que esta rua passou até perder officialmente o nome que, segundo crêmos, lhe adveio da alcunha posta ao nosso poeta.

O aspecto da rua do Chiado tem mudado muito nos ultimos cincoenta annos.

Na praça, que domina a rua, onde desde 1867 avulta a estatua de Camões, havia outr'ora os chamados *casebres do Loreto,* restos ruinosos do palacio do conde de Marialva, que ficavam enquadrados entre as ruas do Loreto, da Horta Secca, e a travessa dos Gatos, ao fundo do palacio, communicando aquellas duas ruas. O leitor póde vêr ainda esses escombros fidalgos, que ficaram do terremoto de 1755, na estampa que se encontra no *Archivo Pittoresco,* vol. IV, pag. 185.

Tambem desappareceu do Chiado o chafariz do Loreto, que ficava fronteiro á *Casa Havanesa* actual. Era encimado pela estatua de Neptuno, que empunhava obliquamente um tridente de ferro. A agua jorrava de uma carranca. Escadas de pedra davam accesso ao chafariz, que se mudou, sem o apparato dos seus antigos ornatos, para a rua do Thesouro Velho.

Do mesmo modo que os casebres do Loreto, o leitor póde vêr ainda o chafariz, tal qual era, estampado a pag. 221 do tomo II do jornal litterario *A Semana* (1851—52.)

Não deixa de ser opportuno dizer que n'esse mesmo tomo do jornal *A Semana* se encontram a pag. 13 e 44 duas gravuras representando outros tantos predios do Chiado com o aspecto que tinham n'aquella epocha.

Em requerimento de 23 de novembro de 1876 pediu o sr. Francisco Gomes de Amorim á camara municipal de Lisboa que désse á rua do Chiado o nome de Garrett. Transcrevo textualmente alguns periodos do requerimento:

«Falleceu o poeta (Garrett) na rua de Santa Isabel; mas não é aquella a mais apropriada para realisar o pensamento do supplicante. A rua das Portas de Santa Catharina, ou do Chiado, desemboca na praça de Luiz de Camões, e de toda ella se avista a estatua do poeta, que outro cantor digno d'elle tornou segunda vez immortal.

«Seja essa denominada rua—Garrett,—comprehendendo em si o largo das Duas Igrejas e terminando em frente da grade do monumento.»

Este requerimento foi lido em sessão da camara de 4 de dezembro d'aquelle anno. A camara entendeu que não se devia oppôr ao pedido, mas o requerimento não teve a sancção do governador civil. O sr. Gomes de Amorim narra miudamente todos estes factos em nota a pag. 483 do tomo III das *Memorias biographicas de Garrett*. O que eu extranho, porém, é que o sr. Gomes de Amorim, cujo intuito de honrar a memoria de Garrett era aliás de todo o ponto respeitavel e louvavel, mostrasse tamanho desdem pelo nome de Chiado, que adjectiva de ridiculo, vendo apenas n'esse vocabulo, não a alcunha do famoso poeta popular con-

temporaneo e amigo de Camões, mas o significado grosseiro que tem na lingua franceza!

Em junho de 1880, por occasião do tricentenario de Camões, o vereador Joaquim José Alves, secundado por outros seus collegas, renovou em proposta o pensamento do sr. Gomes de Amorim, pedindo que á rua do Chiado se desse o nome de Garrett. Esta proposta foi unanimemente approvada, e por edital de 14 de junho, assignado pelo então presidente o sr. Rosa Araujo, tornou-se publica a resolução da camara, ordenando-se que a rua do Chiado, em todo o seu prolongamento até á praça de Luiz de Camões, passasse a denominar-se rua Garrett.

A opinião publica, certamente sem menospreço para a memoria de Garrett, cujo nome inspira, hoje mais do que nunca, uma geral veneração, extranheu comtudo que o nome de um escriptor viesse desthronar o de outro, sendo certo que se Garrett havia celebrado a gloria de Camões, Chiado fôra amigo de Camões, e por elle tratado com subida consideração litteraria.

Alguns éccos da opinião publica se fizeram ouvir por essa occasião na imprensa periodica da capital.

Em dezembro de 1882 o vereador Leça da Veiga propoz, e foi approvado, que se consignasse que a designação de rua *Garrett* abrangia tambem a antiga praça do Loreto.

Não obstante, a tradição popular poude mais do que a auctoridade da camara. A rua continúa a ser designada, fóra da nomenclatura official, pelo nome de Chiado. O sr. Gomes de Amorim queixa-se de que até parte da imprensa lisbonense con-

tinue, conjunctamente com os «marialvas», a usar do *lindo vocabulo Chiado*. A ironia do epitheto vae ferir a memoria de um poeta quinhentista, que foi dos mais populares e estimados do seu tempo.

A iniciativa do sr. Amorim representa um sentimento nobre, mas os resultados praticos do chrisma foram deploraveis, porque a rua, com ser de ambos, não ficou sendo de nenhum dos dois escriptores. Se Garrett nos documentos officiaes prejudica o direito consuetudinario do Chiado, Chiado, por sua vez, prejudica o direito positivo que deu a rua a Garrett.

IV

Além da anecdota referida pelo visconde de Jorumenha, a qual dá noticia das relações de amisade estabelecidas entre Luiz de Camões e Antonio Ribeiro o Chiado, existe uma prova authentica da grande consideração litteraria que o principe dos poetas portuguezes professava pelo seu confrade Chiado.

Essa prova encontra-se no prologo da comedia *El-Rei Seleuco*, e consiste na seguinte allusão posta na bocca do *Mordomo:*

> «Aqui me veio ás mãos sem piós, nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que uma trova fal-a tão bem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.»

A identidade de condição, de *feitio*, como nós dizemos hoje, o genio turbulento de ambos, a inclinação de um e outro para as lettras explicam per-

feitamente o facto de se haverem estreitado relações de boa amisade entre Camões e o Chiado.

Estava então muito em moda a representação de *autos*, a que os dois amigos certamente concorreriam, provindo d'ahi a determinação, que ambos realisaram, de escrever para o theatro.

Camões, na comedia já citada, refere-se á numerosa affluencia de espectadores que os autos attrahiam:

«Mas tornando ao que importa, vossas mercês é necessario, que se cheguem uns para os outros, para darem logar aos outros senhores que hão de vir; que de outra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro Alvalade; (1) e mais, que me hão de fazer mercê, que se hão de desembuçar, porque eu não sei quem me quer bem, nem quem me quer mal: este só desgosto tem um auto que é como officio de alcaide; ou haveis deixar entrar a todos ou vos hão de ter por villão ruim.»

Por este, e outros inconvenientes, dizia o Chiado, nas suas *Parvoices*, que era parvo o que consentia lhe fizessem em casa farça, e dava dinheiro por ella.

Ainda hoje, na provincia, subsiste o costume de representar autos allusivos ás grandes solemnidades da Egreja, especialmente as do Natal. (2)

---

(1) Hoje Campo Grande.

(2) O *Jornal de Santo Thyrso* dizia, no seu numero de 7 de fevereiro de 1889:

«**As Reisadas.**—No domingo, como não havia outra diversão, estiveram bastante concorridas as *Reisadas* no *Campo 29 de março* d'esta villa.

«Tanto os *Reiseiros* como os outros personagens esforçaram-se o mais que poderam para se não afastar nada do *casco* como chamam ao folheto d'este auto popular, que se occupa com a adoração dos Reis Magos, e, se não desempenharam melhor os seus papeis, é porque não podiam, ou não sabiam fazel-o, pelo que vós, ó meus *Reiseiros*, estaes desculpados; podeis ir descançados para vossas casas.»

Chiado conheceu muito bem toda a obra litteraria de Gil Vicente, cujo discipulo é. A primeira edição de Gil Vicente sahiu posthuma em 1562; a segunda, mutilada pelo Santo Officio, em 1585. Ambas estas edições poude o Chiado lêr.

O nosso poeta tem grandes affinidades litterarias com Gil Vicente, de quem foi contemporaneo. Todavia, a nosso juizo, é-lhe muito inferior não só em fecundidade como na traça das composições. Em veia comica Chiado e Gil Vicente não se distanciam muito. Em qualquer d'elles a jovialidade descáe frequentemente na obscenidade jogralesca; mas tambem ambos se etherisam, a espaços, em lyrismos de maneirosa delicadeza.

Em alguns relanços amorosos dos autos de Gil Vicente, sente-se pulsar o coração de um poeta no peito do homem condemnado a bufonear *por não ter um ceitil*. A trova doira-se, de quando em quando, de um relampago de sentimentalidade ligeira.

Chiado comprehendia tambem a missão elevada do verso, que, por armar á popularidade, deixava ordinariamente desgarrar em chocarrices.

Na *Pratica de oito figuras* diz elle:

> Porque a trova, para ser trova,
> não presta se não fôr fina,
> delicada, cristallina,
> fundada em cousa nova.
> Se assim fôr, fica divina.

N'esta passagem faz lembrar Camões quando, nos *Amphitriões*, escreve:

Que a trova trigo tremez
Ha de ser toda d'um panno,
Que parece muito ingrez
N'um pelote portuguez,
Todo um quarto castelhano.

Gil Vicente e Chiado flagellam a côrte, cortam cerce nos vicios palacianos. Ambos tratam cruamente os frades, sem embargo de Antonio Ribeiro ter mais razões para o fazer do que Gil Vicente. Um e outro conhecem bem os costumes populares, o calão do seculo XVI, mas Gil Vicente é como ethnógrapho muito mais completo do que Chiado, não só porque a sua obra é muito mais vasta, como tambem porque a sua observação é muito mais aguda e anatomica. Gil Vicente varia largamente os caracteres. A galeria de Chiado é estreita: uma negra escrava apparece sempre papagueando aravia. Gil Vicente occupa-se frequentes vezes da historia politica, dos assumptos historicos, que tomam grande parte de alguns dos seus autos. Chiado limita-se a ligeiras allusões, como na *Pratica de oito figuras* e no *Auto das regateiras*. Finalmente, Gil Vicente é por si só uma litteratura. Bastaria elle para perpetuar uma epocha, fixando-a na historia. E' o centro de um systema dramatico, de que Chiado é um dos satellytes, aliás dos mais distinctos. Gil Vicente é toda uma epocha, elle só. Mas o talento de Chiado, apesar do deslumbramento do mestre, impoz-se á consideração dos contemporaneos e dos pósteros.

Passemos um rapido lance de olhos pelos personagens que, na obra do disciplulo, reflectem a obra do mestre.

O typo ingenuo do beirão, que Gil Vicente explorou na *Farça do juiz da Beira, que dava algumas sentenças desformes por ser homem simprez* e no typo do *ratinho* que, como diz Prestes

é ratinho no ganhar
e pombo no fazer ninho,

tambem apparece nos autos do Chiado conservando a sua caracteristica tradicional de ignorancia e simpleza:

Hontem *vieste da Beira*
e aprendeste tão asinha!..

Como em Gil Vicente, encontram-se nos autos do Chiado frequentes e numerosas referencias á sabedoria de Salomão, e ás suas famosas sentenças, que tanto lisonjeavam o gosto conceituoso da epocha. Por exemplo:

Sois vós, logo, Salomão!

(Pag. 6.)

O diz muito bem Salomão.
Vaidades das vaidades,
palavras de San João.

(Pag. 19.)

Como lá diz Salomão,
não ha contentamento.

(Pag. 19.)

Com quanto a obra do Chiado não tenha o valor ethnographico da de Gil Vicente, deixa conhecer comtudo o estado das instituições sociaes e o fundo dos costumes do seculo XVI.

Uma *tirada* de Lopo da Silveira, na *Pratica de oito figuras,* revela a venalidade dos tribunaes e a corrupção dos officiaes de justiça:

> Não falleis em despachar
> com quaesquer officiaes.
> Quanto mais importunaes,
> é lançar agua no mar,
> salvante se vós peitaes.
> Porque a justiça não é
> senão balança direita:
> se n'um cabo pondes peita,
> no outro não se acha pé,
> todo o direito s'engeita.
> Notae, senhor, os presentes
> que lh'haveis de pôr na palma:
> vida, fazenda e alma,
> e ainda não são contentes!
> E um villão acolá,
> só por peitar um cabrito,
> põe a sua além do fito.
> Em nós outros fidalgos cá,
> o peitar é infinito.

Os abusos da maledicencia da epocha estão dissecados na *Pratica de oito figuras* a rapidos mas profundos golpes d'escalpello:

> Aquelle disse de mim;
> eu digo de meu visinho:
> meu visinho faz o ninho
> nas cousas que hão de ter fim.
> Mettei-me o mundo a caminho!

E o *Tratado* de Ambrosio da Gama, n'esse mesmo auto, é um estendal das miserias e injustiças sociaes do seculo.

A vida da côrte sahiu das mãos de Gil Vicente severamente apreciada em muitos dos seus autos.

Para não estarmos a amontoar citações, limitar-nos-hemos a esta, que vamos buscar á farça do *Clerigo da Beira*:

> Medraria este rapaz
> Na côrte mais que ninguem,
> Porque lá não fazem bem
> Senão a quem menos faz.
> ....
> Mexerico que por nada
> Revolverá San Francisco;
> Que para a côrte é um visco,
> Que caça toda a manada.

Em Chiado são tambem numerosas as referencias causticas á vida palaciana, aos enredos e intrigas da côrte.

> O' paço! ó paço! eu diria,
> que és thesouro de maldades,
> pois nos gastas as edades
> no melhor da mancebia.
>
> Vós, meu senhor cavalleiro,
> estimaes-vos de pação:
> pois ou tarde ou temporão
> vireis morrer em palheiro,
> e não vos enterrarão.

E' conhecida a audacia, decerto jogralesca, com que Gil Vicente atacava o clero. Ainda n'este ponto vai o Chiado na piugada do mestre. Vejamos.

Sim, á fé,
sède conego da Sé
e tereis vida segura.

Vamos aos religiosos,
deixemos cá o legal.
Quasi todo em geral
os achaes ser cubiçosos,
que não póde ser mór mal,
e em suas prégações
desprezam o mundo com féros,
e alguns são lobos méros,
e diabos nas tenções.
Porque a boa consciencia
mette-se ali n'uma lapa,
não quer bispados nem papa,
senão aquella excellencia
de gloria que tudo rapa.

Assim que vejo religiosos
madrugarem por bispados,
é que os mais estimulados
ás vezes são mentirosos.

O negro *(Pratica de oito figuras)* ou a negra *(Auto das regateiras)* é um personagem muito vulgar nos poetas comicos da epocha. Gil Vicente tambem o explorou, mais á sua aravia. Na *Frágua de amor* põe em scena um negro, que dialóga com Venus. Quando a deusa da formosura lhe pergunta d'onde vem, elle responde-lhe :

Poro que perguntá bos esso ?
Mi bem lá de Tordesilha ;
Que tem bos de ber co'esso,
Qu'eu bai Castilha, qu'eu bem Castilha ?

No *Cancioneiro* de Garcia de Rezende tambem o negro é explorado como elemento comico.

Nas trovas de Henrique da Motta, *A um creligo, sobre uma pipa de vinho que se lhe foi pelo chão*, o clerigo, lamentando o desastre, diz a uma negra:

> —O' pèrra de Maricongo,
> Tu entornaste este vinho:
> Uma posta de toicinho
> Te-hei de gastar n'esse lombo.

E a negra responde:

> —A mim! nunca, nunca, mim
> Entornar!
> Mim andar augua jardim;
> Por que bradar?

A denominação de *negro* ou *nègra* era, no seculo XVI, generica aos habitantes de Africa, incluindo os berbéres, o que se conhece perfeitamente por esta passagem da farça do *Juiz da Beira*, de Gil Vicente:

> Eu andava namorado
> De ua *moça pretasinha*,
> Muito *galante mourinha*
> ....
> Então amores de moura,
> Já sabeis o fogo vivo.

As mulheres da Berberia eram muito apreciadas pelos portuguezes. Antonio Prestes, no *Auto*

do Procurador, emprega a expressão: mourinha d'aljofre.

Até na côrte se dava grande estimação ás escravas d'aquella procedencia. «A rainha D. Maria, escreve Pinheiro Chagas, (1) mostrava desejos de ter escravas mouras, e os portuguezes, como bons cortezãos, corriam a tomal-as nos aduares, deixando ficar inextinguivel o odio no coração dos paes e dos maridos.»

Os infantes tambem tinham serviçaes mouros. No rol dos moradores da casa do sr. D. Duarte, filho do infante do mesmo nome, vem citado, no pessoal das estrebarias, o *Mouro de Mandil.*

Os escravos berberes eram considerados simples mercadorias, e a lei regulava tanto a sua importação como a sua exportação.

No foral de Setubal (1514) ha um capitulo que diz:

«E se mouro captivo sair pela foz para vender por mercadoria pagarão d'elle a dizima e se o levarem para seu uso não pagarão d'elle dizima nem direito: e se o mouro remido sair pela foz pagará a dizima, e se fôr para terra de mouros e se fôr para o Reino não pagará dizima nem portagem. E do que vier por terra pagará á ordem segundo o que no titulo da portagem vae declarado quando se vender, ou quando se comprar e tirar para fóra por terra.»

Do duro trabalho que os escravos mouros eram obrigados a desempenhar, ficou a tradição n'uma phrase: *ser um mouro de trabalho ou trabalhar como um mouro.*

---

(1) *Historia de Portugal,* 1.ª edição, vol. IV, pag. 34.

A velha do *Auto das regateiras,* de Chiado, repelle as queixas de Beatriz exclamando ironicamente:

Tu dizes que és aqui *moura!*

Na *Pratica de oito figuras* o dialogo entre Ambrosio da Gama e o negro que o rouba nas compras é uma scena domestica que antecipava o realismo, simples mas exacto, de Molière, e a scena que precede este dialogo, em que o mesmo Gama mistura com as orações piedosas as recommendações relativas á ceia, tem, igualmente, relevo molièresco.

V

A *Pratica de oito figuras* não tem enredo, não é propriamente uma comedia com acção movimentada,—mas uma simples *conversa,* como nós hoje dizemos. A mulher, o *Deus ex machina* da comedia, não apparece ahi senão indirectamente nas glosas de Ayres Galvão.

O que n'esta composição avulta é a sociedade masculina do tempo, com os seus remoques, as suas obscenidades, as suas luctas em verso, e a sua vida murciana, como diria Antonio Prestes, a sua bohemia, como nós hoje dizemos.

Como a mulher não apparece, falla-se d'ella com a liberdade que a ausencia permitte, e que os homens usam.

O poeta demora-se fazendo desfavoravelmente o retrato moral das mulheres. Esta nota caracte-

ristica é commum ao theatro comico portuguez do seculo XVI, como vamos vêr.

Diz Chiado:

> E, ainda para mais magua,
> são remás de contentar,
> Alexandras em gastar,
> e demandam ainda mais agua.
> . . . .
> Poem-vol-o mel pela lingua,
> e gastam-vos vosso dinheiro.
> . . . .
> Soffrel-as é mau tormento;
> dae-as ao demo por suas.

No *Auto do procurador*, de Antonio Prestes, vibra o mesmo diapasão:

> Com sobresalto qualquer
> o animoso da mulher
> nunca o verás manifesto
> senão no que commetter.
> Tem ellas isto, ousarão
> em dobro mais que um barão,
> só n'um caso não tèm guarda:
> com um estouro d'espingarda
> as salteiam, são quem são.

E' porém em Camões, no auto do *Filodemo*, que a ethopea é mais perfeita e completa, graças ao vigor genial do poeta:

> Que cousa somos mulheres!
> Como somos perigosas!
> E mais estas tão viçosas
> Que estão á bocca que queres,
> E adoecem de mimosas.

Se eu não caminho agora
A seu desejo, e vontade,
Como faz esta senhora,
Fazem-se logo n'ess'hora
Na volta da honestidade.
Quem a vira o outro dia
Um poucochinho agastada,
Dar no chão com a almofada,
E enlevar a fantasia,
Toda n'outra transformada!
Outro dia lhe ouvirão
Lançar suspiros a mólhos,
E com a imaginação
Cahir-lhe a agulha da mão,
E as lagrimas dos olhos.
Ouvir-lhe-heis á derradeira
A' ventura maldizer,
Porque a foi fazer mulher:
Então diz que quer ser freira
E não se sabe entender.
Então gaba-o de discreto,
De musico e bem disposto,
De bom corpo, e de bom rosto:
Quanté então eu vos prometto,
Que não tem d'elle desgosto.
Depois se vem attentar,
Diz que é muito mal feito
Amar homem d'este geito,
E que não pode alcançar
Pôr seu desejo em effeito.
Logo se faz tão senhora,
Logo lhe ameaça a vida,
Logo se mostra n'ess'hora
Muito segura de fóra,
E de dentro está sentida.

A *Pratica* termina com os chistes cantados, depois de ceia, á guitarra.

Sobre meza cantiguinha
será cousa angelical.

A guitarra, que os arabes introduziram na peninsula hispanica, tornou-se um instrumento predilecto em Hespanha, Portugal e França.

Conta André de Rezende que o infante D. Luiz adoptára um mancebo castelhano, Ortiz se chamava elle, porque graciosamente tangia a guitarra, e cantava chistes.

O rei D. Sebastião zangarreava guitarra, como diz Camillo Castello Branco, e nos arraiaes dos portuguezes, desbaratados em Alcacerquibir, foram encontradas algumas guitarras, que uma tradição certamente fabulosa calcula em dez mil.

Pelo que respeita á França, dizia Boaventura de Periers ahi por 1550: «Ha doze ou quinze annos a esta parte, que a nossa sociedade começou a guitarrar, quasi posto de parte o alaude, por haver na guitarra não sei que encanto, e ser muito mais facil do que o alaude; de modo que ha hoje mais guitarristas em França do que na Hespanha.»

O final da *Pratica de oito figuras* é desanimado e indeciso.

Foram precisos trezentos annos para que o theatro portuguez encontrasse, na pessoa de Garrett, a chave de ouro que, a exemplo do *Frei Luiz de Sousa*, deve fechar as composições theatraes.

O *Auto das regateiras* tem maior movimentação theatral, mais interesse de acção que a *Pratica de oito figuras*. Basea-se nos costumes populares da classe piscatoria do bairro d'Alfama, e, sob o ponto de vista ethnographico, desperta attenção.

São copiadas do natural a velha impertinente com a negra e com a filha, a paróla com a comadre, a dissertação pathologica sobre os symptomas da gravidez, as murmurações a respeito das visinhas, a desenvoltura de critica de soalheiro sobre as bonejas bebedas e devassas da rua da Adiça e outras alfurjas d'Alfama.

Aqui mora outra boneja
que presume de solteira,
arroja o cu pela esteira,
e vae tão sisuda á egreja.

....

Todos bebem por um tarraço;
alli é o embebedar,
qual debaixo, qual de cima:
é uma escola d'esgrima.

O realismo pornographico desembuça-se n'este auto ao sabor da jogralidade collareja. O titulo, auto *das regateiras,* basta a deixar adivinhar o recheio da composição.

A velha faz com naturalista liberdade o retrato do genro que lhe convém:

Rico e tolo,
que visse a corna c'o olho,
e perguntasse—«Que é aquillo?»

Quando a comadre sahe, a velha astuciosa folga do logro que vae armar ao genro impingindo-lhe a lambisgoia da filha.

E o marido que levar
tal joia como tu és,

cumpre-lhe andar dos pés,
que tu has de desperdiçar,
segundo és feita ao revez,
e mais quem viver verá
a volta que o mundo dá!

A sua arte de casamenteira industriosa não deslisa um ápice da verdade do realismo secular, que tem eternisado as sogras no pedestal de Pasquino.

Manda alfanar e engalanar a filha para apparecer ao noivo, ensina-lhe os artificios com que deve apresentar-se-lhe:

Assim como tu chegares,
farás a todos mesura;
ficarás muito segura,
sisuda, sem te mudares.

O caracter da velha é sustentado com firmeza.

Ladina e astuciosa, estende á feira a enumeração dos bens dotaes da filha para facilitar o casamento:

Tem um olival em S. Bento,
e um pinhal n'Arrentela,
e vinha d'aforamento.
E tem mais
tres colchões, seis cabeçaes,
e um muito bom cobertor
e outro do mesmo theor,
dois pares de castiçaes,
seu estanho,
e um copo assim tamanho,
que tem dois marcos e meio;
cortinas com seu arreio,
tres esteiras e um tanho.

> E tem mais, por esta guiza,
> uns tres bacios de Piza
> e de fartens duas bacias,
> e seis boas almofias,
> um gral com sua mão lisa,
> um enxergão,
> quatro lençoes de Ruão,
> e seis d'estopa curados,
> oito de linho delgados,
> e o mais que darão.

Toda a *intriga* casamenteira do auto é salpicada de pequenos episodios, como a apparição do *Parvo,* e de ligeiras considerações humoristicas, como as que se referem aos medicos, entre os quaes se faz allusão ao tradicional doutor da *mula ruça,* tendo por fim variar o quadro, sem lhe prejudicar a unidade d'acção.

O casamento fecha a comedia, pondo em relevo o triumpho alcançado pela astucia da *sogra.* Mas é revestido de todas as cerimonias populares, que lhe dão hoje, para a reconstrucção do *folk-lore* portuguez, uma importancia summa.

A *Comadre* deixa cahir, sobre o gaudio nupcial, uma facecia que estimula a voluptuosidade do noivo:

> Deitem o noivo no poço,
> se com a noiva não brincar.

Chiado quiz deixar entrevêr no brodio ostensivo do casamento, atravez da comesaina e da musicata, os prazeres reconditos do thalamo.

No fim do auto entra em scena *Grimanesa,* que parece ter sido um nome de comedia para as criadas do seculo XVI. No *Auto da ciosa*, de Prestes,

tambem figura uma criada *Grimanesa*. A apresentação d'esta personagem, ao cahir o panno, tem uma explicação na necessidade de agrupar elementos para a chacota. *Grimanesa* canta. A velha diz-lhe:

> E mais quero que estejaes,
> porque eu sei que vós cantaes.

Este simples facto mostra claramente a inexperiencia, a falta de *savoir faire* que caracterisa a obra inicial de Gil Vicente e dos seus discipulos.

Na *Pratica dos compadres* ha muita observação de costumes, e boa graça portugueza. Esta composição é, como a *Pratica de oito figuras*, uma simples conversação, em que a nota comica predomina. O auctor não teve n'esta, como na outra pratica, a preoccupação de achar um effeito final. São, porém, interessantemente observados a desavença domestica entre marido e mulher; o dialogo das duas raparigas a respeito dos namoros de cada uma; a entrevista de Izabel com o namorado, e o disfarce com que a filha procura mistificar o pai; a linguarice das duas comadres a respeito dos respectivos maridos, e dos dois maridos a respeito das respectivas mulheres. Ha em toda esta satyra dos costumes do seculo XVI, escripta em prosa dialogada, uma verdade de critica que, trezentos annos volvidos, não perdeu em actualidade. E' que a natureza humana é sempre a mesma. A critica de hontem ajusta-se, com pequenas alterações, ao dia de hoje. Assim, por exemplo, a referencia ao abuso na concessão das commendas parece escripta em 1889. Comprovemos:

Fernão—É de Christus a commenda,
ou San Thiago?
Vasco— É d'Aviz.
Fernão—Commendador em ceitis
é o que a traz sem renda.
Já não ha virtude fixa
pela maldade do povo;
nem achareis christão-novo,
que não traga lagartixa.

Até a palavra *lagartixa* resuscitou no vocabulario ironico do povo!

Ethnographicamente, a *Pratica dos compadres* é interessantissima pela noticia que dá das commemorações populares do Natal, e pela descripção da partida de *manilha*, que encerra um bello quadro realista de um serão plebeu no seculo XVI.

Nos *Avisos para guardar* e nas *Parvoices,* Chiado obedece á tendencia do seu tempo para os ditos sentenciosos e conceitos moraes. A parémia teve uma grande voga nos seculos XV e XVI. O celebre marquez de Santillana dirige a seu filho uma longa série de *Proverbios* aconsoantados em estrophes de oito versos. Gregorio Affonso, que foi criado do bispo d'Evora D. Affonso de Portugal, compoz os *Arrenegos*, que andam no *Cancioneiro* de Rezende e foram reimpressos em separado; Chiado imitou os, substituindo o verbo *arrenegar* pelo verbo *guardar*.

A moralidade de Chiado nos *Avisos para guardar* traz á memoria de quem os lê o conhecido rifão: Bem o préga frei Thomaz; olha para o que elle diz, não olhes para o que elle faz.

Assim é que Chiado, como os medicos que receitam para uso de outrem, legisla contra os pro-

prios vicios que elle não soube expungir de si, como por exemplo:

> Guardar de quem em bebidas
> folga muito ser devoto;

sabendo nós que a sua vida não foi isenta de desregramentos bacchicos.

> Guardar de quem traz motto
> não dizer bem de ninguem;

sabendo nós que elle não tinha papas na lingua e que, pelo contrario, a soltava maledicentemente.

> Guardar de homem que fôr frade
> e o é fóra da regra;

sabendo nós que elle trocou o habito franciscano pela bohemia mundana.

Nos poetas quinhentistas, os adagios são aos cardumes. E é para notar a circumstancia de que em grande numero d'elles o exemplo é dado por meio de uma personificação. Citemos um, que se encontra em Chiado: lembrar-se da morte de João Grande (pag. 67.) A origem d'este adagio não é hoje conhecida; pelo menos não logramos rasteal-a. Já não acontece o mesmo com est'outro: *Ida de João Gomes, que foi a cavallo e veiu em alforge* (pag. 107), que se filia n'um facto historico. Nos *Refranes* do marquez de Santillana encontram-se alguns similhantes, taes como este: *El phisico d'Orgaz, que catara el pulso en el hombro* e que, visivelmente, deve ter por origem uma anecdota.

Póde pois dizer-se que muitos adagios são o vestigio tradicional de uma historieta, de um conto popular que se oblitterou. Os nomes proprios que n'elles se conservam indicam ainda a individualidade do protogonista, como em: *Morra Martha, mas farta*, a que corresponde o castelhano—*Bien canta Marta, quando está farta; Ajonge, dixo Luçia ao odre; Con lo que Sancho sana, Domingo adolesçe; Don Laheon, que vos llama el alcalde; Fablat ahi, Anton Gomez, etc.*

Quando a parémia envolve uma personificação, isto é, quando o adagio tem uma origem anecdotica, a sua interpretação torna-se muito difficil, e se hoje não podêmos attingil-a na maior parte dos casos, o mesmo virá a acontecer no futuro com relação ao tempo de agora.

As *Prophecias* de Chiado são o arremedo burlesco da tendencia para a prophecia que, segundo a observação de Theophilo Braga, é um instincto das raças celticas. As circumstancias maravilhosas que o desastre de Alcacerquibir revestiu, atiçaram essa tendencia do espirito nacional, que se conservou entre nós até ao tempo da invasão franceza. Mas, já anteriormente áquelle desastre, a monomania alastrava o seu dominio pelas camadas de que se compunha a sociedade portugueza. As *Prophecias* do nosso poeta são um protesto facecioso contra essa monomania. Soropita, com maior razão, porque escrevia depois do desastre de 1580 ter desenvolvido a bossa do prophetismo, imitou Chiado em um prognostico que compoz para o anno de 1595.

Nós hoje denominamos *à la Palice* o genero a que pertencem aquellas composições de Chiado e

Soropita. Todavia nada ha tão injusto como esta classificação.

Em torno da memoria do bravo marechal de França La Palice, assassinado por um soldado hespanhol depois da batalha de Pavia, formou-se absurdamente uma lenda de chistosas calinadas, que tem *pendant* na canção *O meu amigo Banana*, de Eduardo Garrido.

Exemplo:

> Monsieur d'la Palice est mort,
> Mort devant Pavie;
> Un quart d'heure avant sa mort,
> Il etait encore en vie.

Tal é o trecho de uma canção antiga, que La Monnoye glosou largamente, em 51 quadras, no seculo passado,

Como Molière, Gil Vicente era auctor e actor. De Chiado diz o sr. Theophilo Braga ([1]) que «viera alegrar a côrte D. João III, representando deante do monarcha o seu *Auto da natural invenção.* Barbosa Machado conservou esta tradição litteraria.» Mas da indicação de Barbosa não infiro com segurança que Chiado fosse interprete da sua producção, porquanto Barbosa diz: «*Auto da natural invenção.* Foi representado na presença d'El-Rei D. João III, e se imprimio.»

Como quer que fosse, não faltavam ao Chiado aptidões comicas para actor, pois que, segundo a tradição escripta, possuia grande habilidade imi-

---

(1) *Historia do theatro portuguez, Vida de Gil Vicente e sua eschola*, pag. 229.

tativa, copiava com notavel felicidade o gesto e a voz de qualquer pessoa.

Quanto a metrificação, notam-se em Chiado as mesmas irregularidades, excessos e falhas no verso que em Gil Vicente.

Mas com razão escreve o sr. visconde de Castilho (Julio):

«Sim; sim; foi o velho Chiado (está-se a perceber) uma figura muito individualisada, muito caracteristica, na turbamulta dos nossos poetas menores. *Se metrificava mal, imputemol-o ao seu tempo barbaro;* inda assim, rimava com certo apuro; tinha movimento, tinha graça; e em summa: se mais não fez, não foi por mingua de talento; a tendencia poetica tinha-a elle nativa, etc.» [1]

O que faltou aos poetas comicos do seculo XVI, na vanguarda dos quaes se avantaja Gil Vicente, foi encontrarem a lingua portugueza no estado de malleabilidade organica, de flexivel obediencia, de facil maneio, em que hoje a possuimos.

O portuguez quinhentista estava no periodo de syncretismo, a indecisão das fórmas, a falta de disciplina grammatical embaraçavam o escriptor e, quando não o embaraçavam, facultavam-lhe liberdades que o tornavam arrevesado e duro.

O mesmo vocabulo reveste duas e mais fórmas.

Em Gil Vicente encontram-se quatro variantes da primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ser: *sam, som, são, sejo.* N'outros escriptores encontram-se mais duas variantes: *so, sou.* Os proprios grammaticos discordavam a

---

(1) *Lisboa antiga*, tomo V, pag. 186.

este e outros respeitos. Fernão d'Oliveira optava pelo *so*, João de Barros pelo *som*.

A construcção syntactica oscillava hesitante, indecisa, carecida do arrimo dos grammaticos e lexicologos, que n'este seculo appareceram, como se sabe.

A grammatica de Fernão d'Oliveira sahiu do prelo em 1536; a de João de Barros em 1540.

Os extrangeirismos que se encontram frequentemente nos autos de Chiado, eram outro vicio que augmentava a confusão da linguagem. Abundavam os vocabulos latinos, italianos, e castelhanos. Antonio Prestes, no auto da *Ave Maria*, queixa-se d'esta especie de torre de Babel, em que ninguem podia entender-se:

> Dir-vos-hei á puridade
> o por que, por gentis canos,
> Portuguez soya a ser
> que sua rede
> de linguagem essa parede
> fallava por cras, ayer,
> que mais, por sabei, sabede.
> Chamava lá suso acima,
> e cá baixo, a ca juzo;
> cursou depois, fez o buzo,
> veiu a cada vez mais prima;
> adomou-se com o uzo,
> falla já por tanta algalia
> beso manos;
> que ha ca italianos
> sem cheirarem nunca Italia;
> sem Castella, castelhanos.
> De modo que não abastados
> de o fallarem, mas perdidos
> por italianos vestidos,

e Veneza nos toucados
dulce França nos ouvidos.
Fim de razões, anda tal
de tal carvoeiro [1]
este portuguez tinteiro
que estranho no natural,
natural no extrangeiro. [2]

Os latinismos enxameam em todos os poetas comicos do tempo. O adverbio *cras*, por exemplo, apparece frequentemente nos humoristas do seculo XVI. Outros vocabulos, como *camanha*, estão denunciando, á primeira vista, a sua origem latina. Pelo que toca ao Chiado, remettemos o leitor para as annotações sotopostas ao texto.

Os italianismos tambem são vulgares. Na passagem de Prestes, que citamos, vem uma allusão a *suso* e *giuso*.

Os hespanholismos são em barda. E a este respeito acode-nos uma citação de Fernão d'Oliveira relativa ao artigo castelhano *el* com que entre nós se precedia, e ainda se precede, a palavra rei. Chiado diz, na *Pratica de oito figuras*, pag. 5:

Não é melhor ser d'El-Rei?

Pois Fernão d'Oliveira observa, e com razão:

«Aqui quero lembrar como em Portugal temos uma cousa alheia e com grande dissonancia onde menos se devia fazer: a qual é esta, que a este nome rei demos-lhe artigo caste-

---

(1) Na edição do Porto (1871) lê-se *carneyro*, que não faz sentido. O que está na 1.ª edição é *carueyro*.
(2) Copiado da edição de 1587, exemplar rarissimo existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

lhano chamando-lhe el-rei : não lhe haviamos de chamar senão: o rei; posto que alguns, doces de orelhas, estranharão este meu parecer, se não quizerem bem olhar quanto n'elle vai; e com tudo, isto abasta para ser a minha melhor musica que a d'estes : porque o nosso rei e senhor, pois tem terra e mando, tenha tambem nome proprio e distincto por si : e a sua gente tenha falla ou linguagem *não mal misturada, mas bem apartada;* para que seja o rei mais nosso dizer que el-rei, ajuda-me muito o natural da nossa lingua, o qual imitam os castelhanos quando nos querem arremedar dizendo : *Manda o rei de Portugal*, e não dizem : *Manda el-rei de Portugal*, que a elles era mais proprio dizer : mas isto fazem cuidando que assim fallam mais portuguez : e de feito não se enganam.»

Além de Camões, varios outros escriptores fizeram referencias honrosas a Antonio Ribeiro Chiado, cujas obras, sem embargo, não tinham tido até hoje a publicidade proporcional ao respeito que tradicionalmente havia acompanhado, atravez dos tempos, o nome do poeta.

Mencionaremos aquellas que chegaram ao nosso conhecimento:

Soropita, descrevendo os sujeitos litterariamente ridiculos do seu tempo, refere-se laudatoriamente ao Chiado. Diz elle :

«Outros ha que por serem de carregação não entram na lenda; *mas basta para elles o Chiado que lhes soube assentar as costuras.*»

O padre jezuita Francisco da Fonseca, na *Evora Gloriosa,* escreve :

«Antonio Ribeyro celeberrimo pela alcunha do *Chiado*, que ainda hoje persevéra em hua rua de Lisboa, foy de fa-

cetissimo, e lepedissimo genio, e de singular agudeza de engenho, escreveo em estillo burlesco muytas obras curiosas, e se conservão manuscriptos muytos dos seos ditos e respostas.»

A maneira por que esta referencia está redigida parece vir em abono da asserção, que sustentamos, de que foi o poeta que deu nome á rua. O padre Fonseca diz: celeberrimo pela alcunha do *Chiado* que ainda hoje persevéra em uma rua de Lisboa, etc. Mas como já tratámos largamente este ponto, não nos alongaremos aqui em novas considerações.

Nicolau Antonio, na sua *Bibliotheca Scriptorum Hispaniæ,* menciona, posto que succintamente, o nosso poeta:

«*F. Antonius Ribeira Chiado, Franciscanus Portugalliæ Regni dedit foras.*

A Regla Geral de San Francisco em trovas, hoc est versibus: unaque:

Um Auto (sic appellamus Comœdiam sacram) Da natural Invençaon.»

O abbade Barbosa diz que Jorge Draud, na sua *Bibliotheca classica* (Francfort, 1611) se refere a Antonio Ribeiro Chiado.

Não pudemos porém ver esta obra, que não existe na Bibliotheca Nacional.

No *Corpus illustrium poetarum lusitanorum* (Lisboa, 1745), tomo VIII, vem incluido o *Enthusiasmus poeticus* do padre Antonio dos Reis, e ahi, a pag. 48, lê-se a seguinte referencia ao Chiado:

Azevede, simul lepido comitante Chiado;

e em nota a este verso lê-se a menção seguinte:

«Antonius Ribeiro Chiado edidit: *Philomena de louvores do Senhor, com outros Cantos devotos.* Ulyssipone, anno 1585. *Letreiros muito sentenciosos, os quaes se acham em certas sepulturas de Hespanha feitos em trovas,* Ulyssipone et alia.»

Frei João Baptista de Santo Antonio, na *Bibliotheca Universal Franciscana,* tomo I, pag. 124, refere-se n'estes termos ao poeta Chiado:

«Antonius Ribeira Chiado, Lusitanus, Minorita, vernacule, sed ligato sermone, in publicum misit:

Regulam generalem S. Francisci, una cum quadam *Comœdia sacra* D. Nicolaus Antonius, tomo I, Bibliothecæ Hispanæ.»

Como se vê, os bibliographos antigos não conheceram a maior parte das obras de Chiado, porque se limitam a citar duas ou tres.

VI

Das obras de Chiado mencionadas pelo abbade Barbosa não pudemos encontrar, por mais diligencias que empregamos, as que vão designadas com as letras *a, b, c, d, e.*

a) *Philomena dos louvores dos santos com outros cantos devotos.* Lisboa, 1585. Em verso.

b) *Auto de Gonçalo Chambão,* edições de 1613, 1615, 1630.

c) *Auto da natural invenção,* que Barbosa dá como impresso, sem citar comtudo edição alguma.

Das *Parvoices*, repartidas em cinco jornadas, apenas encontramos na Bibliotheca d'Evora as duas primeiras jornadas.

d) *Tratado e representação de alguns erros, e parvoices em que cõmumente cahem alguns homens, e pessoas entendidas para ensino de quem n'ellas cahir, repartido em duas centurias com seu prologo.* Manuscripto.

Barbosa menciona *Sete cartas jocosas,* manuscriptas, que estavam na livraria do conde de Vimieiro, e *Quinze cartas joco-serias com varias prophecias para o anno de 1591,* manuscripto existente na bibliotheca do cardeal Sousa.

Cartas do Chiado conseguimos encontrar tres na Bibliotheca Nacional (Miscellanea historica portugueza E—6—15). Encaminhou-nos a este feliz achado o nosso amigo o sr. conselheiro Manuel d'Assumpção.

Quanto ás prophecias para o anno de 1591, não descobrimos as quinze cartas mencionadas por Barbosa, mas apenas pudemos encontrar na *Collecção Pombalina*, recentemente adquirida pela Bibliotheca Nacional (Codice 147, fl. 302 d'aquella *Collecção)* um manuscripto que trata do mesmo assumpto, e que constituiria talvez materia de alguma ou algumas das quinze cartas.

e) *Carta que escreveu de Lisboa a Coimbra da entrada do bispo D. João Soares em Lisboa quando foi á raia pela Princeza D. Joanna.* Existia na bibliotheca do Cardeal Sousa.

Quanto ás quintilhas contra Affonso Alvares, a que Barbosa se refere, publicamos as que encontrámos na Bibliotheca de Evora.

Como se vê, o auctor da *Bibliotheca Lusitana*

não teve conhecimento dos tres autos que nós publicamos.

*

* *

Teve-o Innocencio Francisco da Silva, que no tomo I do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* os menciona, declarando que existiam na livraria de D. Francisco de Mello Manuel da Camara, que passou para a Bibliotheca Nacional.

No tomo I do *Supplemento* diz Innocencio que examinára na Bibliotheca Nacional o volume da miscellanea que comprehende os tres autos do Chiado. «Acham-se estes mui bem conservados; são todos impressos em caracteres gothicos, e adornados nos rostos com suas portadas e vinhetas de gravura.»

*

* *

Alexandre Herculano epigrápha dois capitulos do seu romance *O Monge de Cistér* com textos em verso tirados das obras do Chiado.

No tomo I, capitulo V:

> Tal foliam, se attentaes,
> Digo isto assi de mim,
> Que em os dias festivaes
> Cuidou não havia mais
> Senam foliar sem fim:
> E ficou-lhe o atabaque,
> Os sestros e o pandeiro...

A. R. Chiado—*Letreir. Glosados.*

E' talvez uma nova glosa ao mesmo letreiro que publicamos a pag. 228;

Aqui jaz João Braz, moleiro,
folião foi dos mais destros,
mas não lhe valeram cestros,
nem tabaque, nem pandeiro.

No tomo II, capitulo XXIII do *Monge de Cistér*:

D'outro cabo,
Vemos que faz o diabo
Suas cousas muyto bem.

A. R. Chiado—*Cart.*

Herculano teve pois conhecimento de alguma ou algumas obras do Chiado, impressas ou manuscriptas, de que não nos deixou melhor noticia que aquella que resalta das duas epigraphes.

Suppozemos a principio que os *Letreiros glosados* seriam os mesmos *Letreiros* reeditados por Bento José de Sousa Farinha em 1783. Mas os versos citados por Herculano não se encontram nos *Letreiros*, que no corpo da obra reproduzimos. Portanto Herculano refere-se a outra composição.

Tambem não encontrámos nas cartas, que do Chiado conhecemos, os versos que servem de epigraphe ao capitulo XXIII do segundo tomo do *Monge de Cistér*.

Por onde se vê que Herculano conheceu composições do Chiado, de que não temos noticia.

*

* *

Diligenciei saber se nas bibliothecas da Ajuda, de Coimbra e do Porto existiriam impressos ou manuscriptos do Chiado.

Obtive amavelmente as seguintes respostas aliás negativas:

...Sr.

Sinto muito participar a v. que na bibliotheca da Ajuda não existe opusculo algum dos de Antonio Ribeiro o *Chiado*. Não respondi ha mais tempo porque só agora tive occasião de verificar bem a busca das referidas obras.

Sou, etc.

RODRIGO VICENTE D'ALMEIDA.

...Sr.

Ha na Bibliotheca da Universidade um grande peculio de composições theatraes, mas nada descobri do Antonio Ribeiro, o *Chiado*. Levou esta busca mais tempo do que se póde suppor, pelo que v. não deve extranhar a demora, em parte devida tambem a eu ter de dar attenção a outras coisas. As composições a que me refiro são, na sua maior parte, do seculo passado. Sinto não ter encontrado as que v. desejava.

De v. etc.

AUGUSTO M. SIMÕES DE CASTRO.

...Sr.

Não existem n'esta Bibliotheca infelizmente obras algumas de Antonio Ribeiro o *Chiado*, não só as que Innocencio menciona a pag. 246 e 247 do tomo 1.° do seu *Diccionario*, nem outras que houvessem sido publicadas. Não existe o nome d'esse auctor em os nossos catalogos, quer d'impressos quer de manuscriptos.

E' o que pode informar a v. o que etc.

Bibliotheca Municipal do Porto, 23 de janeiro de 1888.

E. A. ALLEN.

*
* *

Consultei o *Catálogo bibliografico y biografico del Teátro antiguo español,* por D. Cayetano Alberto de la Barrera y Leirado, Madrid, 1860, na esperança de encontrar alguma noticia, desconhecida, tanto biographica como bibliographica, a respeito do Chiado.

Reconheci porém que Barrera y Leirado nada adiantava a Barbosa, copiando apenas o que dissera o auctor da *Bibliotheca Lusitana.*

*
* *

Fiz diligencias por encontrar na Bibliotheca Nacional de Madrid algum dos autos *perdidos* do Chiado: o de *Gonçalo Chambão* e o da *Natural invenção.*

A resposta que um amigo meu obteve de Madrid foi a seguinte, que textualmente reproduzo:

Madrid 13 Enero de 1889.

Mi distinguido amigo y compañero: mucho siento haber tardado tanto en contestar sus dos gratas cartas resolviendo la consulta bibliographica que en ellas me hacia pero no hallandome ya adscrito á la Biblioteca Nacional por estar al presente disfrutando licencia reglamentaria y no pudiendo disponer en mis infinitas ocupaciones de tiempo alguno para poder desempeñarlo por mi mismo me ha sido preciso dar á mi vez el encargo á otro amigo el cual no lo ha resuelto hasta ahora á lo cual no habrá dejado sin duda de contribuir el haberse interpuesto las fiestas de Navidad.

Hoy puedo al fin contestarle á V. manifestándole que las obras del poeta portugués porque me perguntaba no aparecen en los indices de esta Biblioteca Nacional segun rotun-

damente me asegura la persona á quien confié dicha investigacion.

Es cuanto puede decirle repitiéndo-se á sus ordens su afetuosissimo amigo y compañero

EMILIO FERRARI.

Plaza de la Encarnacion, 2.

*

* *

Procurámos com assiduo trabalho, sacrificando muitas vezes interesses immediatos e certos, tornar esta edição tão completa quanto possivel.

Foram numerosas as investigações que fizemos ao mesmo passo que nos entregavamos á laboriosa interpretação dos tres autos de Chiado, existentes na Bibliotheca Nacional, por isso que não só falta n'elles a pontuação, o que difficulta grandemente a sua leitura e intelligencia, mas tambem porque estão visivelmente crivados de erros typographicos.

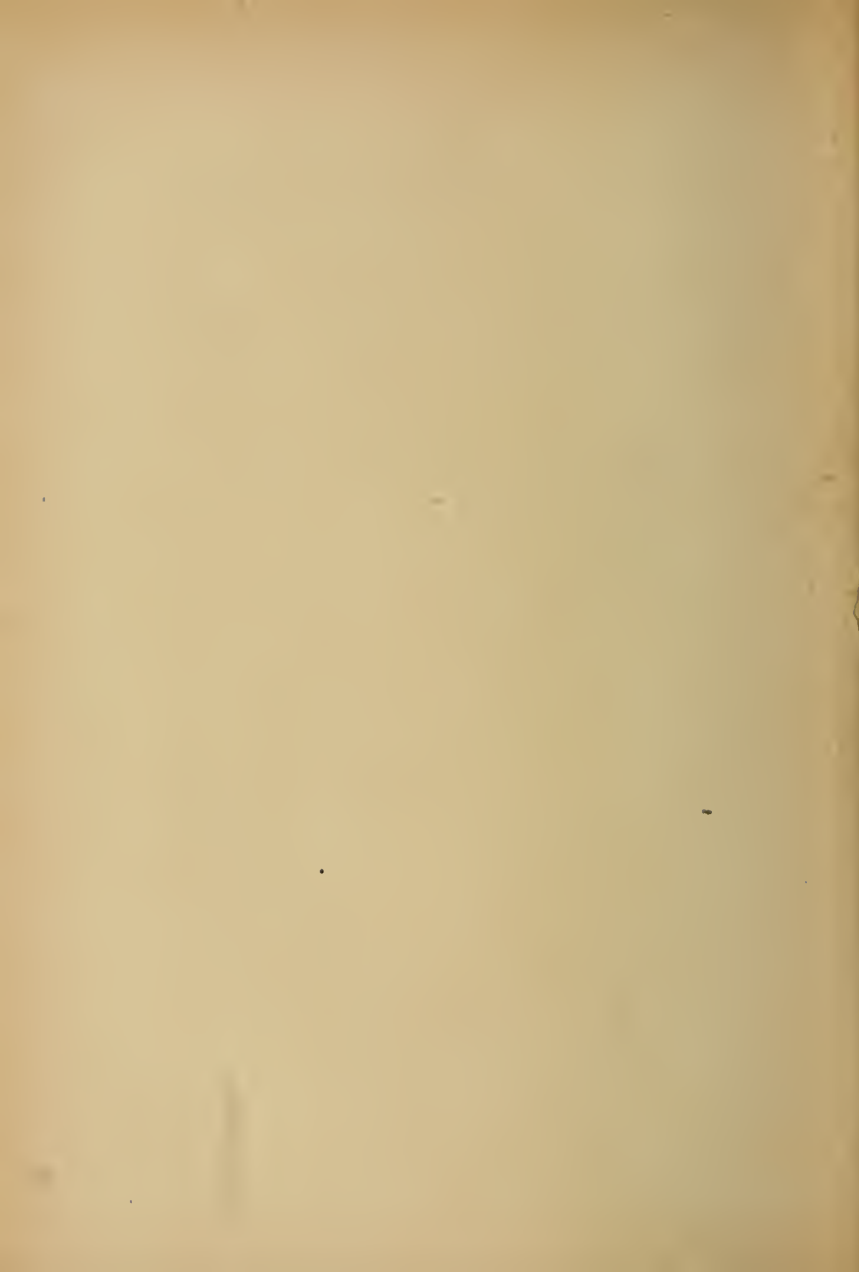
Adoptamos a orthographia moderna para menor enfado do leitor, pois que tinhamos em vista a vulgarisação da obra de Chiado, tão esquecida e desconhecida. Todo o nosso empenho, procurando aplanar as difficuldades que o leitor poderia encontrar na interpretação do texto, foi restituir o famoso Chiado do seculo XVI á estima publica, de que elle no seu tempo gozou; fazel-o entrar na circulação litteraria dos nossos dias, como Gil Vicente e Antonio Prestes; trazel-o do pó dos archivos officiaes para as estantes particulares onde elle, dotado como era de genio folgazão, estará decerto mais á vontade, em plena luz.

Póde acontecer que a critica esclarecida—a critica que sabe quanto custam estas lucubrações—

melhore, com o seu conselho, o nosso trabalho, e assim ou nós mesmo, ou aquelles que nos succederem, iremos augmentando e aperfeiçoando a reconstrucção da obra litteraria de Chiado.

Praza a Deus que assim seja.

Lisboa, 28 de março de 1889.

Alberto Pimentel.

AUTOS

Cópia de trez autos de Antonio Ribeiro o Chiado, existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa

(Secção de *Reservados*, n.º 125)

São tres folhetos in-4.º, typo meio-gothico, sem logar nem data da impressão. Estão encorporados em volume com outros folhetos de impressão igual, um dos quaes tem a data de 1548 (Medina del Campo), e outro a de 1545 (Sevilha).

A *Pratica de oito figuras* tem frontispicio ornado de vinhetas e quatro figuras, tudo em gravura de madeira.

O *Auto das regateiras* tem frontispicio ornado com vinhetas, em que ha o escudo portuguez das quinas, e cinco figuras, em gravura de madeira.

N'uma das peças avulsas que fecham o pé da portada lê-se a palavra GERMAGALHA, o que levou Innocencio e o sr. visconde de Castilho (Julio) a attribuirem a impressão a Germão Galharde, que trabalhou em Lisboa, de 1519 a 1560, succedendo-lhe a sua viuva, (1) a qual herdou o material typographico da officina, e entre elle talvez a vinheta avulsa, que mais tarde iria parar ao poder de outro impressor. O typo em que é impresso este auto differe um pouco do dos outros dois, sendo de maior corpo e mais legivel.

A *Pratica dos compadres* tem no frontispicio, além das vinhetas d'ornato que o cercam, mais sete gravuras pequenas representando uma casa e seis figuras, em madeira.

É para notar que todos os folhetos reunidos na *Miscellanea* da Bibliotheca Nacional são evidentemente da mesma impressão ou mui similhante; mas escriptos em linguagem castelhana, á excepção dos tres autos do Chiado e das *Trovas de Chrisfal,* outra raridade bibliographica.

Innocencio, no tomo I do *Diccionario bibliographico* e o sr. visconde de Castilho, na *Lisboa antiga,* tomo VI, suppõem, como já dissemos, que *Germa Galha* designará Germão Galharde; releva comtudo a circumstancia de que a impressão d'estes autos fica muito áquem de outras impressões do mesmo Galharde.

---

(1) *A imprensa portugueza durante o seculo XVI,* por Tito de Noronha.

« .. a *Pratica de outo Figuras*...; o *Auto das Regateiras*...; a *Pratica de Compadres* são hoje conhecidos pelo unico exemplar depositado na Bibliotheca Nacional em Lisboa.»

Theophilo Braga —*Manual da historia da litteratura portugueza.*

«Estes autos existem á traça na Bibliotheca Nacional.»

Theophilo Braga —*Vida de Gil Vicente e sua eschola.*

«Dos seus opusculos (do Chiado) chegaram a ser impressos alguns; que apesar d'isso são hoje tão raros, que podem passar por ineditos...»

Cunha Rivara —*Panorama,* tom. IV.

«Os opusculos (com excepção dos poucos, que Farinha reimprimiu em 1783, como abaixo se dirá) são hoje todos rarissimos...»

Innocencio Francisco da Silva — *Diccionario bibliographico portuguez.*

PRATICA DE OITO FIGURAS

INTERLOCUTORES:

Faria..	Moços.
Paiva..	
Ambrosio da Gama............................	Fidalgos.
Lopo da Silveira................................	
Gomes da Rocha................................	

Negro.
Capellão.
Ayres Galvão.

PAIVA—Não póde ser mór mofina [1]
que ser cego no peccado,
corpo de Deus consagrado,
se a mim o tempo me ensina
porque vou ser enganado
bestial.
Olha, conhece teu mal,
não t'engane o bem do paço,
pois n'elle gastes o aço
e ficas no ferro tal.
É uma doce *ponçonha* [2]
esta que todos nos cega;
e é tinha que se apéga,
e é mal que se não sonha
quanto homem [3] depois renega.
Ha dez annos
que me mantenho d'enganos,
sem sentir lavrar os herpes,
mui mais damnados que serpes
e tudo para meus damnos.

---

(1) Mofina: desgraça. Leia-se em Gil Vicente o auto de *Mofina Mendes*.
(2) Peçonha.
(3) *Homem* era expressão muito usada pelos quinhentistas nos casos em que hoje costumamos dizer: *a gente*, *nós*. Exemplo:

Que dar-lhe homem de comer. (Gil Vicente)

—Ó paço! ó paço! eu diria,
que és thesouro de maldades,
pois nos gastas as edades
no melhor da mancebia. (1)
Quem cuidasse,
ante que no paço entrasse,
o que ha-de ser ao diante,
certo que escolhesse ante
cousa com que se matasse!
Não comeis, morreis, servis
como negros de Guiné,
sem achardes n'elle fé;
nem dó de vós lhe sentis.
De lisonjas
andam como umas esponjas,
maliciosos traidores;
e parecem em seus primores
que fazem vidas de monjas.

FARIA—Olá, cè, cê, (2) que é de vós?
PAIVA—Mas que é de vós, meu senhor?
FARIA—Eis-me aqui.
PAIVA— Esse primor
vem já de vossos avós.
FARIA—E vós sois-me passeador
d'esse geito;
levareis todo a eito
e pôr-me-heis no zombar taxa.
PAIVA—Não passemos nós mais baixa,
fallemos a bem de feito.
Como vos vae com vosso amo?
FARIA—Dáe-o a o démo por seu;
é um doido, e um sandeu,
e é o amo que eu desamo;
c'o vosso me tenho eu.

---

(1) Mancebia por mocidade.
(2) Interjeição vocativa: *cê, ciô*.

É maldito.
Rege-se por apetito,
de nenhum bem é capaz.
PAIVA—O meu, sim.
FARIA— Sim, pois vos traz
vestido como palmito.
PAIVA—A esse tal, roer-lhe a trela
e ser para elle francez.
FARIA—Hei me de dar ao marquez
por seu moço de capella.
PAIVA—E só por isso o soffreis?
FARIA—Pois que farei?
PAIVA—Não é melhor ser d'El-Rei?
FARIA—Dáe-me vós cá quem o seja.
PAIVA—Lançae-vos logo á egreja.
FARIA—E que é da renda?
PAIVA— Eu que sei!
FARIA—Vosso conselho me aleija.
Eu já clerigo de vintem,
não no serei pela vida. (1)
PAIVA—Pois quem quer buscar guarida,
o mal lhe parece bem.
Sim, á fé,
sede conego da Sé
e tereis vida segura.
FARIA—Se cabe em minha ventura,
eu fico que Deus m'o dê.
Vós, meu senhor cavalleiro,
estimaes-vos de pação: (2)

---

(1) A expressão «clerigo de vintem» parece querer significar a situação de um padre que tinha de viver *au jour le jour*.
Gil Vicente, na *Farça dos almocreves*, diz:

Ora um clerigo que mais quer
De renda nem d'outro bem,
Que dar-lhe homem de comer,
Que *é cada dia um vintem,*
E mais muito a seu prazer?

(2) *Pação,* paceiro. Homem da côrte; frequentador do paço. Encontra-se em Gil Vicente.

pois ou tarde ou temporão
vireis morrer em palheiro,
e não vos enterrerão.
Vós cuidaes
que essa vida que levaes
que não ha de descontar?!
Mandae-vos desenganar
e olhae que me creaes.
PAIVA—E vós tocaes-me tão no fundo?!
FARIA—Muito bom. Vós zombareis...
PAIVA—Eu zombar?
FARIA— Não m'o negueis.
PAIVA—Isso ha de haver no mundo.
Senhor, não me conheceis:
que a zombaria
entra lá por outra via,
mais discreta e mais subtil.
FARIA—Não daria eu um ceitil
por vossa sabedoria.
PAIVA—Sois vós, logo, Salomão!
FARIA—Salomão pudera ser...
PAIVA—E porém não em saber.
FARIA—Bem, porque dai-me razão...
PAIVA—Tendes muito que aprender.
Vós, galante,
prezar-vos-heis de lêr Dante,
Petrarcha, (1) ou João de Mena (2).

---

(1) Sá de Miranda, recolhendo da sua viagem ao extrangeiro, pozera em moda os poetas italianos, cujos processos de metrificação introduzira em Portugal. Na sua *Carta* a D. Fernando de Menezes, *á maneira italiana* (tercetos dantescos), faz o elogio de Petrarcha:

Depois c'o a melhor lei, entrou mais lume,
Suspirou-se melhor, veio outra gente
De que Petrarcha fez tão rico ordume

Camões, nas comedias, refere-se por varias vezes a Petrarcha.

(2) Juan de Mena, trovador castelhano, foi contemporaneo do infante portuguez D. Pedro, que morreu em Alfarrobeira. Este infeliz principe, que tambem cultivava as musas, celebrou Juan de Mena n'umas trovas, que se encon-

Faria—E vós fallareis por pena,
cousinha que o mundo espanta,
que não é graça pequena.
Paiva—Vós sereis muito atilado,
fareis cartinhas d'amores,
Faria—E vós trareis os primores
em serdes mui confiado.
Paiva—Vós tornaes-vos d'outras côres?
Faria—Daes-me trato,
e é forte desbarato!
Paiva—Meu duque, não vos corraes. [1]
Faria—As pequices veniaes
não chegam ao meu sapato.
Paiva—A daga [2] que vos eu vejo,
mettei vós em má razão.
Faria—Tirae vós já d'hi a mão;
não quero tanto despejo.

---

tram no Cancioneiro de Garcia de Rezende, e em que lhe dirige louvores d'este quilate:

Nom vos será grão louvor
Per serdes de mim louvado,
Que nam sam tal sabedor
Em trovas, que vos dei grado.
....
Sabedor, e bem fallante,
E gracioso em dizer,
Coronista abastante, etc.
....
D'amor trovador sentido, etc.

Juan de Mena respondeu ao principe n'outras trovas, que começam:

Principe todo valiente
En los hechos mui medido, etc.

D. Pedro replicou ainda:

Como terra fructuosa
Juan de Mena respondestes
Com messe mui abastosa
De fruitos, que recebestes, etc.

(1) Envergonheis.
(2) Daga ou adaga: punhal antigo.

PAIVA—Cuidei que ereis cortezão!
FARIA—Ora basta.
Vós sois discreto por casta,
e fizestes vos muito de arte.
PAIVA—D'onde veio o talabarte?
FARIA—Tirae a mão, que me agasta.
PAIVA—Ore crêde que até'qui
vivi comvosco enganado.
Cuidei que ereis extremado
no zombar, segundo ouvi.
FARIA—Estou sobre vós dobrado.
Vós de mim
não tendes senão, em fim,
conhecer-vos bem o centro. (1)
PAIVA—E eu faço-vos lá dentro...
FARIA—Póde ser que será'ssim.
PAIVA—Mas é, sim. Vós cuidareis
que sois muito cristallino;
pois ter-vos-hei eu o pino
a cem de vós.
FARIA— Vós fareis...
Oh! que graça!
PAIVA— Mas que graça,
que vos faça,
por natural conjuncção,
que a vossa discrição
ande comvosco á caça!
FARIA—Tendes infinda razão.
Senhor, estaes muito bôto,
sois discreto de conserva.
PAIVA—Mas sabe-vos mal esta herva,
porque vos eu dou no gôto.
FARIA—Sois sabido:

---

(1) O auctor jogou aqui de vocabulo, maliciosamente. Todavia os quinhentistas empregavam a palavra centro no sentido de caracter, feitio, *cá* ou *lá por dentro*. Camões diz no *Rei Seleuco:*

Que a mi me dá cá no centro
A pena que assi vos traz.

oy vindo, e *cras* [1] garrido!
Cóse-me a bôcca *parmeno:* [2]
hontem pascendo no feno,
e hoje sois-me tão lido!
Quem tanta graça em si tinha,
eu o louvo em gran maneira.
Hontem viestes da Beira,
e aprendestes tão asinha! [3]
Eu me metto na trapeira...

PAIVA—Bem tocaes:
Ora não zombemos mais;
fallemos n'outro proposito,
e fique o zombar deposito
para os dias feriaes. [4]
Ando para vos mostrar
uma cousinha que fiz;
e haveis de ser juiz
vós mesmo, para julgar.

FARIA—Eu cuido que sois beliz. [5]
Que cousa é?

PAIVA—Não é cousa para em pé.

FARIA—Pois onde vos acharei?

PAIVA—N'esse paço.

FARIA— Eu me irei
para vós.

PAIVA— Far-me-heis mercê.

FARIA—E por vossa vida, senhor,
que folgueis de me occupar.

PAIVA—Para o que me elle mandar
achar-me-ha seu servidor;

---

(1) *Oy, cras:* hoje, ámanhã.
(2) *Parmeno* suppomos ser correspondente á locução italiana *Per lo meno* e á portugueza *pormenor.*

parmeno não m'o dest'inces
Antonio Prestes—*Auto do procurador.*

(3) Adverbio obsoleto: *De pressa.*
(4) Festivos; em que se não trabalha.
(5) Esperto.

e isto sem duvidar.
E sejamos como irmãos,
sem haver entre nós pejo.
E com isto lh'as rebeijo.
FARIA—Senhor, beijo vossas mãos.

(Entra Ambrosio da Gama, fidalgo, e, despindo o capuz, diz:)

GAMA—Toma lá esse capuz.
Venha-me um roupão *varella* (1)
e accende aqui uma vela:
porque a casa sem luz,
sem luz é o dono d'ella.
Lumen a revelationem,
lume de revelação,
lume que nos não enlêa,
lume que nos *alluméa*
o caminho da salvação.
Dá-me o livro de rezar,
que inda hoje não rezei.
Domine, memento mei....
Sabe o que ha para ceiar.
FARIA—Tem vossa mercê coelho,
que é muito bom de quando em quando.
GAMA—Vae saber o que te mando,
que eu não te peço conselho.
—*Livra-me de má requesta,*
pois a ti, Senhor, me acolho...
Dize que lhe façam môlho,
porque sem môlho não presta.

(*Torna a rezar*)

—*Pois tu és o nosso fim,*
por tua morte e paixão,

---

(1) Varella significava, no portuguez antigo, templo da India ou pagode; tambem significava mosteiro. O auctor quereria talvez designar uma especie de cabaia, que estaria em moda.

que acceites minha oração.
Com t'alembrares de mim,
em que eu te não mereça,
abaste a misericordia
para pôres em concordia
minh'alma, que não padeça.
FARIA—Coelho, como homem diz,
tem, senhor, o cosinheiro.
GAMA—E não tinha esse cão dinheiro
sequer para uma perdiz?
Ora isto não se crerá!
Um cão que me tem roubado!
Chama cá esse arrenegado:
verei que razão me dá.

(Torna a rezar).

Os meus beiços abrirás,
e dirão os teus louvores,
pois és Senhor dos senhores!
De mim t'amercearás.
Dos teus, da tua companha
me faze, por taes offrendas,
que, Senhor, não me reprendas
na ira da tua sanha.

(Torna a entrar o moço com o negro, e diz o moço):

FARIA—Eis aqui o comprador.
GAMA—Beijo as do senhor ladrão!
Ora bem; dae-me razão:
Que compraste, meu senhor?
NFGRO—Doso gallia, um capão;
A mim traze turo junto:
O coeio, co' treze pombio...
GAMA—Não vou por esse caminho!
Fallae ao que vos pergunto.
Dizei, negrinho sandeu:

saibamos que mal vos fiz,
porque não me daes perdiz,
pois que m'a compraes do meu?
NEGRO—Nunca elle mim acha...
muito caro, nunca bem...
Mim dá-le treze vintem
pr'o dôzo; não querê dá.
A regatêra muito máo!
Mim dize quére vendê?
Elle logo saconde...
medo Gasapar da náo,
proqu'elle logo prende.
Mim promette cincoenta;
elle dize: vai, fruga,
vós o não querê comprá.
Esse cousa tem pimenta...
Mim torna, elle prófia.
Logo chama Pero Cão.
Vae vós o comprá o pêse,
vóso seôro nunca come esse;
levae-le bom cação.
GAMA—Isso me parece bem.
Abasta que não hei de comer,
senão quando já valer
a pássara a meio vintem?
Não se póde isso soffrer!
Já vós, negro, hoje bebestes.
Metter-vos-hei n'outra affronta:
Dae-me logo aqui conta
de tudo o que despendentes,
cada cousa o que se monta.
Vossa mercê recebeu
esta semana passada
mil reaes. Não gastastes nada;
dae-me em que se despendeu.
NEGRO—Esse conta démo é.
Mim não dá vós o ôtoro dia
papel qu'o socrenco Faria.

Vós o tem mão vóso mêcê.
GAMA—Que é 'quillo, dize, Faria?
FARIA—Eu taes cousas nunca vi!
GAMA—Eu não t'entendo a ti,
nem menos sua aravía. (1)
Tira-me esse cão d'ahi.
NEGRO—Voso nunca querê cutá.
A fressura cuta córenta,
a raia dôse vintem;
ôtoro tanto elle tem
n'esse conta qu'elle senta.
A Frenando nunca frutou.
Nunca voso crupa elle...
compra cabrito c'o pelle,
que vóso fóra mandou.
Quando mim vae confessá,
dize padre confessôro:
que officio é voso que tem?
Mim dize: compradôro.
Elle lógro prégunta:
Vóso fruta vósó seôro?
Mim dize: padre, não;
Nigrio dize verdade,
mi dá vosso sorobição.
Tem nigria bonitia,
chama elle Caterina.
Pedi perdão de vontade...

---

(1) No sentido figurado, linguagem de difficil comprehensão.
No sentido primitivo significava, como querem Ribeiro dos Santos e Theophilo Braga, o dialecto algarvio:

lingua de *aravias* eu las fallarei.

(Canção do Figueiral Figueiredo).

Gil Vicente já emprega o vocabulo no sentido figurado:

Então quer frei bolorento
Fallar comigo *aravia?*

(Romagem de aggravados).

FARIA—Não vos fallo em confissão.
Vós, negro, não me lieis...
Pagae-me o que me deveis,
e não me deis mais razão.
Eu bem vos conheço o centro.
Ambos nós nos conhecemos;
depois nos entenderemos.
E agora para dentro.

(*Torna a rezar*).

—*Antes de móres peccados,*
miserere mei, Senhor,
porque tão gran peccador,
sendo vivo, mais te offende.
Deus, in adjuturium meum intende,
d'ajuvando me festina.
Mater Dei, cœli regina,
tu me queiras defender...
Que te disse essa mulher?
FARIA—Que era dos mais semsabores
diz ella, alto e de bom som.
GAMA—*Kyrie, leyson, Christe, leyson...*
Tudo isso são favores.
Já lá tem meu coração,
porque d'ella não se aparta.
Déste-lhe tu minha carta?
FARIA—Sim, senhor, na sua mão.

(*Entra Lopo da Silveira, segundo fidalgo*).

LOPO—Que é isto, senhor! tão só!
Farão vossos pensamentos
dez mil castellos de ventos?
GAMA—É cousa para haver dó
dos meus descontentamentos.
LOPO—Vossa mercê como se acha?
GAMA—Senhor, muito mal disposto.

Em nada pósso achar gosto,
e crêde que tudo m'empacha. ([1])
Lopo—Bem no mostraes no rosto.
Eu ando de cadarrão, ([2])
que me não posso valer,
nem sei onde isto ha d'ir ter!
Gama—Doenças não tem razão,
senão deixar-nos morrer;
que eu andei aqui uns dias,
que não cuidei que escapasse!
Lopo—De quê?
Gama— De colica. Passe!
Lopo—Vós comereis cousas frias?
Gama—Não creiaes que isso o causasse.
Lopo—Sim; porem eu sou propheta.
Gama—Sabeis como sou regrado,
que não comerei bocado,
se não cheirar a dieta.
Lopo—Sois muito grande avisado!
Gama—Alguma nova de feio?
Que ouvis lá do Imperador?
Lopo—Dizem, hontem ao embaixador
que era chegado um correio.
Gama—Contae-me d'isso, senhor.
Lopo—Do que ouvi vos contarei:
Dizem que veio a El-Rei
uma carta (eu não na vi),
que ficava em Valhadolid.
Se assim é, eu não no sei

---

(1) Embaraça.
(2) Cadarrão, o mesmo que catarrhão, augmentativo de catarrho. Gil Vicente empregou indistinctamente *catarrão* e *cadarrão*. Exemplos:

Mas logo m'o demo deu
Catarrão e peitogueira.

E se fôr de cadarrão,
Comei caramujos quentes.

E dizem cá, por sob-capa,
que vem elle descontente.
GAMA—Todavia perdeu gente.
LOPO—Senhor, como o homem escapa,
todo ess'outro, não se sente.
E mais o Imperador
é muito grande senhor;
nenhuma perda o espanta.
Fará gente outra tanta
e retanta e remelhor.
GAMA—Foi um caso mui terrivel
ir em bôcca d'invernada. [1]
LOPO—Isso não releva nada:
para Deus tudo é possivel.
Elle é muito bem inclinado,
amigo de Deus, e então
tem vencimento na mão.
GAMA—Deus accrescente o estado
da christã religião!
Esta ida d'Almeirim?
Se é certa, se não é certa?
LOPO—A certeza anda encoberta.
Certo pezar me ia a mim.
Mas El-Rei, nosso senhor,
em que queira, não póde ir.
GAMA—Isso quero eu ouvir.
LOPO—Não lhe dou eu outra côr,
que a que vós podeis sentir.

---

(1) Referencia á desgraçada expedição de Carlos V contra os moiros de Argel *nos primeiros dias de novembro* de 1541. A esquadra do imperador foi batida por uma violenta tempestade, ao mesmo tempo que os moiros repelliam o exercito de terra. Carlos V retirou de Argel com os destroços da frota e, contrastado da procella, poude, não sem grande custo, desembarcar em Carthagena.

Leia-se a noticia d'esta mallograda expedição na *Historia de la vida y hechos del emperador Carlos V*, por Dom Frei Prudencio de Sandoval, bispo de Pamplona, tom. II, desde pag. 401 até pag. 413.

GAMA—O que eu sinto vos direi.
Ha côrte... ha casamentos [1]...
LOPO—Senhor, senhor, são ventos
Onde ha vontade d'El-Rei.
GAMA—Além vejo que arrefece.
LOPO—Tudo agora está em paz.
GAMA—Isso é o que me apraz.
O xerife?
LOPO— Não apparece.
Dizem que em Marrocos jáz.
GAMA—Senhor, como nos acódes
á maior tribulação!
LOPO—Sabeis já de Mazagão,
que é outro segundo Rhodes? [2]
GAMA—Tendes infinda razão:
a fortaleza
está sobre penedia,
que não póde ser minada.
LOPO—Dizem-me que está cercada?
GAMA—Sim, da banda da enxovia,
que do mar não é feito nada.
LOPO—Porém tudo ha de ter fim.
Não ha quem viva quieto;
o melhor é ser discreto,
e assentae que passa assim.

---

(1) Em maio de 1543 casou em Almeirim, por procuração, a infanta D. Maria, filha de D. João III, com o principe D. Filippe, filho primogenito de Carlos V.

Em 25 de dezembro foi celebrado o contrato de casamento d'aquelles principes, bem como do principe D. João de Portugal, mallogrado herdeiro do throno, com a princeza D. Joanna, filha de Carlos V. Vejam-se *Provas da Historia Genealogica,* tomo III; *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal* etc., tomo II.

(2) Em 1542, D. João III mandára despejar as praças de Çafim e Azamor, concentrando em Mazagão as forças que defendiam aquellas duas cidades, pelo que Mazagão ficára uma praça de guerra tão difficil de conquistar como a ilha de Rhodes.

Esta ilha, que era desde 1309 a séde da ordem de S. João de Jerusalem, estava de tal modo defendida por fortes muralhas, que poude offerecer uma tenaz resistencia ao cêrco que em 1522 lhe poz Solimão II. Finalmente, uma capitulação deu a victoria ao turco. Carlos V estabeleceu então os cavalleiros da ordem na ilha de Malta.

Gama—Sabeis o que o mundo tem?
Males, desgostos, tormentos,
paixões, descontentamentos,
sem saberdes donde vem.
Lopo—Senhor, é certa certeza,
viver homem descontente
n'aquesta ([1]) vida presente,
isto já por natureza.
E é mal que se não sente,
porque tendo um ou dois cuidados,
ou trinta, ou cento, ou mil,
é cada um tão subtil,
que vos joga a vida aos dados,
sem no a pessoa sentir.
Gama—Isso tendes vós na mão,
como os vossos cinco dedos.
Males são como penedos,
que lhe não achaes razão
sobre nunca estarem quedos.
A fortuna é um legume,
que da hora que começa
busca em que vos empéça,
e então traz-vos a lume
o que vós quereis que esqueça.
Lopo—Oh! se não fosse a lembrança
dos males que são passados,
não teriam os cuidados
em nós tamanha possança! ([2])
Gama—Seriam mais moderados;
que, se vos lançaes ao pesar,
cresce-vol-o mal com môlho.
De cuidarem não lh'o tôlho,
que os homens hão de cuidar,
porém não que cégue o olho.

---

(1) Esta.
(2) Poder.

N'esta vida em que vivemos,
já temos por cousa certa
que ha de haver n'ella referta ([1])
com outros móres extremos.

Lopo—Isso só, senhor, m'esperta.
O mundo é falsidades,
malicias e sem-razão.

Gama—O diz muito bem Salomão.
Vaidades das vaidades,
palavras de San João.

Lopo—Porque, correi por esses estados:
reis, papas, imperadores,
principes, grandes senhores,
pobres, solteiros, casados,
clerigos, frades... com dôres
todos vivem attribulados.

Gama—Tende mão n'essa palavra,
senhor Lopo da Silveira,
O mundo vae de maneira,
que ainda que o ceu se abra,
hade haver n'elle canceira:
porque as malicias, que vão
cada hora em crescimento,
não se crêr, é tudo vento.
Como lá diz Salomão,
não ha contentamento.
—Moço, vê quem bate alli?

Faria—Quem chama?

Rocha— Gente de paz.

Faria—Quem sois?

Rocha— Abre essa porta, rapaz.

Faria—Abrirei. Estae-vos hi,
porque aqui assim se faz.

Rocha—Sois muito mal ensinado!
Abre essa porta, Faria!

Faria—Quem é vossa senhoria?

---

(1) Contenda.

Rocha—Vosso pae, arrenegado!
Faria—Por mim, fé, não vos abriria.
Rocha—Hei de estar aqui em môlho,
á chuva e ao vendaval?
Faria—Estareis, muito natural.
Vède, senhor, se me mólho?
Rocha—Ora fallemos em al... [1]
Sois rapaz muito ruim,
e muito ruim cabrão!
Arremedaes-me então?
Estaes zombando de mim?
Dizei, filho do ladrão!
Faria—Eu zombo? Nunca zombei.
Não quereis dizer quem sois?
Rocha—Eu vol-o direi depois.
Faria—Pois depois vos abrirei.
Rocha—É Gomes da Rocha. Abri,
não vamos mais por deante.
Faria—Vossa mercè não s'espante,
porque eu não no conheci.
Rocha—Sois muito sujo bargante, [2]
e se não olhára que estou
em cas'd'Ambrozio da Gama,
eu vos buscára a escama
de quem vos mal ensinou.
Gama—Faria!...
Faria— Senhor?
Gama— Quem vem?
Faria—O senhor Gomes da Rocha.
Gama—Vae alli, accende tocha.
Rocha—Quem tão boa vida tem,
dará cada vez a brocha.
Porque os fartos de riqueza
arrebentam pelo cinto.
Gama—Eu já n'isso não consinto.

---

(1) Em outro assumpto.
(2) Sujeito de maus costumes.

ROCHA—Jesu! camanha [1] certeza
é assim como eu pinto.
Vae-se aqui d'esta maneira?
Havemos d'estar em pé?
GAMA—Sente-se vossa mercê.
Moço, chega aqui cadeira.
ROCHA—Em que pratíca ora elle?
GAMA—Em cousas que não tem cura.
ROCHA—Em que?
GAMA— No tempo mudado.
ROCHA—Ora, tendes bom cuidado!
Sabeis que quer a ventura
que deis passada ao passado;
que nenhum homem nascido,
de nenhuma qualidade,
póde soffrer a metade
do que eu tenho padecido,
e assentae que esta é verdade.
E quando vejo aggravados
da fortuna, digo então:
eu o sou e outrem não,
e eu o fui por meus peccados,
e eu o serei com razão.
GAMA—Vejamos. Vós que perdestes?
Vejo-vos honra e estado!
ROCHA—Senhor, perdi meu morgado.
GAMA—Perdestes, vós o quizestes:
foreis vós aconselhado!
Quando os taes casos commettem
pessoas do vosso geito,
hão d'olhar se têm direito,
e antes que as encetem.
ROCHA—Não sei como sois feito!
Se me roubam a justiça,
que quereis vós que lh'eu faça?

---

(1) Corrupção de *quam magna*: quam grande.

GAMA—Quem porfia, mata caça...
Que percaes vós a preguiça,
e não vos coma em casa a traça.
LOPO—Não falleis em despachar
com quaesquer officiaes.
Quanto mais importunaes,
é lançar agua no mar,
salvante se vós peitaes. (1)
Porque a justiça não é
senão balança direita:
se n'um cabo pondes peita,
no outro não se acha pé,
todo o direito s'engeita.
Notae, senhor, os presentes
que lh'haveis de pôr na palma:
vida, fazenda e alma,
e ainda não são contentes!
E um villão acolá,
só por peitar um cabrito,
põe a sua além do fito.
Em nós outros fidalgos cá,
o peitar é infinito.
GAMA—Não ha vida segura
na vida, segundo isso!
ROCHA—Os que estão no paraizo,
esses se riem d'aventura.
GAMA—Fallais o mero aviso.
Acho que para prudencia
e para ser descançado,
viver homem sem peccado
e ter boa consciencia,
este é o verdadeiro estado.
LOPO—Dae-me vós a mim no mundo
quem possa ser virtuoso.
GAMA—Vós, e eu, e o cubiçoso,
e o outro, e o outro, segundo...

---

(1) Corromper por meio de peita.

Rocha—Senhor, vindes ocioso!
Isso é fallar de papo!
Gama—Fallo Sagrada Escriptura.
Lopo—Dae-me ora pela ventura
virtude atada em trapo,
ou logar onde ella dura.
Gama—Ora, tendes forte veia!...
Dura na vida eterna.
Lopo—Isso é uma alanterna,
que a nós outros *allumeia*.
Fallo na gente moderna;
fallae-me no terreal.
Não me penetreis os céus;
ninguem entende de Deus,
senão quem é divinal.
Rocha—Quem vivera n'estas penas
d'entre nós outros humanos,
sem mentiras, sem enganos,
sem lisonjas, sem onzenas?
Sem roubar, sem outros damnos?
Aquelle disse de mim;
eu digo de meu visinho:
meu visinho faz o ninho
nas cousas que hão de ter fim.
Mettei-me o mundo a caminho!
Lopo—Ora notae de quantas maneiras
vivemos n'esta prisão!
Uns se queixam sem razão,
outros porque têm canceiras;
uns ricos, e outros não;
uns morrem d'inveja pura,
outros medram pela lingua;
a outros nunca lhes mingua
fortunas e má ventura;
outros medram por ladrões,
e outros por mexiriqueiros,
e outros por lisonjeiros,
e outros por affeições,

e outros por démos inteiros;
uns vão morrer por ter bem,
outros gastam a fazenda;
outros vivem com contenda,
outros vão e outros vem...
Não ha quem os entenda!
Um affrouxa e outro tira,
e outros bailam sem som.
Crêde que Deus só é bom:
todo o al é gran mentira.

GAMA—Oh! Como isso vae tão fundo!
Santo Agostinho Doutor,
não louves o peccador
emquanto viver no mundo,
mas depois que d'aqui fôr.

ROCHA—Diz muito bem San Gregorio
mundus, hominem, justitia,
são uma mesma malicia...
Como a todos é notorio,
não ha *verita amicitia.*

GAMA—Deixemos esta porfia.
Deus é que é a salvação...
Maldito seja o varão
que em outro varão se fia,
pois carece de razão.
Eu tenho feito um tratado
sobre aquestas cousas taes.

LOPO—Porque não no amostraes?

GAMA—Não no tenho inda acabado;
são cinco trovas o mais.

ROCHA—Essas cinco s'hão de ver,
só por gostar da tenção.

GAMA—Não sei se m'alembrarão.

LOPO—Que cousa para esquecer!
eu fico, senhor, que não...

(Aqui começa o Tratado.)

TRATADO

GAMA—Quem, na vida d'esta vida,
s'engana por cousa incerta,
anda su'alma deserta
da outra, que é mais sabida.

Porque esta vida d'engano,
cheia de mal e miseria,
s'alguma hora nos faz feria,
é para mais nosso damno.

Vejo cuidados sobejos,
e cousas que não têm cura.
Vejo fiar da ventura
o fim de nossos desejos.

Vejo nossas esperanças
tão fixas em cousas vãs,
que as barbas mais anciãs
são as que guiam taes danças.

Vejo andar a justiça
em mãos dos mais roubadores,
e vejo os julgadores
casados com a cobiça.

Vejo o pobre arrestado,
sem lhe soccorrer ninguem,
e vejo que quem mais tem
que esse é o adorado.

Vejo que tudo empeóra,
e que Deus não se respeita,
e vejo que quem não peita
que vae lá muito em forte hora.

Vejo, e revejo, e verão
cousas que est'alma nos cega,
e vejo que a quem mais préga,
se enche mais o surrão. [1]

Vejo tudo ir-se ao fundo;
vejo virtudes em calmas,
e vejo perderem-se almas
por negras honras do mundo.

Vejo o mundo lisonjeiro
ser mar de grandes perigos,
e vejo não se acharem amigos
senão a peso de dinheiro.

E vejo religiosos
madrugarem por bispados,
que c'os mais estimulados
ás vezes são mentirosos.

ROCHA—Tal penetrar não se crê!
Com essas me levem á cova!
Tornae, senhor, essa trova,
por nos fazerdes mercê.

GAMA—Exp'rimentae um amigo
em tempo de vossos males;
foge-vos montes e valles,
como d'um seu inimigo;
e d'antes são atabales,
sôam, quando s'offerecem,
tanta pratica precíta!
E se bem acerta com fita, [2]
fazem que não vos conhecem.
Buscae-me quem tenha dita!

---

(1) Bolsa de coiro usada pelos pastores.
(2) Se se encontram cara a cara.

Outra razão:
Vede-vos em uma affronta
de mal, pobreza, ou prisão,
buscae amigos então;
todos vos têm em má conta,
e todos vos enforcarão.
E, no tempo da bonança,
depois que o mal se consume,
cada um então presume
matar por vós toda a França;
porém nada vem a lume.

Assim que vejo o mundo lisonjeiro
ser mar de grandes perigos,
e vejo não se acharem amigos,
senão a peso de dinheiro.
Vamos aos religiosos,
deixemos cá o legal.
Quasi todo em geral
os achaes ser cubiçosos,
que não póde ser mór mal,
e em suas prégações
desprezam o mundo com féros,
e alguns são lobos méros,
e diabos nas tenções.
Porque a boa consciencia
mette-se ali n'uma lapa,
não quer bispados nem papa,
senão aquella excellencia
de gloria que tudo rapa.
Assim que vejo religiosos
madrugarem por bispados,
é que os mais estimulados
ás vezes são mentirosos.

Rocha—Senhor, não me haveis de crêr,
pela hostia consagrada,
que obra tão delicada
não se viu, nem se ha de ver.

Jesus! como vae fundada
por vossa vida, senhor,
que vades com isso ao cabo!
Vós sentis como diabo,
vós sois-me tão dizedor! (1).
Mais ha de que vos eu gabo.
Lopo—Todas vão dar na barreira,
vós sois digno de louvor,
acho-lhe eu lá uma côr
das de Luiz da Silveira. (2)
Rocha—Vós achastes o saber
altura do leste a oeste. (3)
Lopo—Senhor: *Consummato este,*
quanto se póde dizer.
Rocha—Oh! tomae mais particulares,
lançae-lhe, senhor, o prumo.
Em todas achareis summo
e sentenças singulares.
Gama—Vistes já, pela ventura,
obras do meu capellão?
Rocha—Saibamos. E elle é trovão?

---

(1) Dizedor ou dizidor. Sujeito que moteja, empregando as mais das vezes ditos sentenciosos.

(2) D. Luiz da Silveira foi um famoso cavalleiro e trovador do seculo XVI. Era filho de Nuno Martins da Silveira e de D. Filippa de Vilhena. No *Cancioneiro* de Rezende ha muitas trovas suas. Em algumas põe a nú os costumes da côrte. Ferido moralmente pela ingratidão de uma dama, D. Joanna de Mendonça, maldisse o amor palaciano:

E quem bem quizer saber
quam mal se póde soffrer,
pergunte a Luiz da Silveira.

Foi amigo dilecto de D. João III.

O sr. Theophilo Braga biographou-o nos *Poetas palacianos,* pag. 386.

(3) Um dos grandes problemas dos seculos XV e XVI consistiu em determinar a latitude e longitude do logar em que o navio se encontrava. No tempo do infante D. Henrique já eram conhecidas, posto que imperfeitas, a agulha e a carta de marear, mas os navegantes mal ousavam ainda aventurar-se ao mar largo. Para tomar a altura do sol recorriam a astrolabios de pau, os quaes, diz João de Barros, armavam á maneira de cábrea por melhor segurar a linha solar. Pedro Nunes estabeleceu um methodo, que D. João de Castro foi encarregado de experimentar na sua viagem a Gôa.

GAMA—Trovão? Por toda a doçura
faz cousinhas de feição.
Ri-se elle de João de Mena,
e é assim que sem candeia
fará coplas com areia,
sem vos chegar nunca a pena:
por onde vejo que é veia.
ROCHA—Ora já sei que zombaes!
GAMA—Que zombo eu vos direi.
Elle faz e eu lhe sei
obras mui substanciaes.
ROCHA—Quando o vir, então o crerei.
GAMA—Faria!
FARIA— Senhor?
GAMA— Vem cá.
Chama cá o capellão,
e vereis de sua mão
milagres.
ROCHA— Assim será,
mas não lhe vejo feição.
GAMA—Que mais feição lhe quereis,
que ter grande natural,
e ser muito especial
em obras, como ouvireis,
se não é muito geral.
Aqueste só desar tem,
que, se fizer dous rifões,
chamará mil rapagões
que lh'os vejam se vão bem;
mas tudo vae nas tenções.
ROCHA—Ora, cagae n'essa prea, [1]
e mais vos digo, senhor,
que cagueis no trovador,
e cagae em sua arèa,
e cagae em seu primor.

---

(1) Prêsa.

Porque um homem capaz,
para bom entre capazes,
não ha de chamar rapazes
que lhe vejam o que faz,
se quer ter co'o mundo pazes.

LOPO—Oh! s'elle é uzeiro e vezeiro
a usar d'essas maneiras,
dir-lhe-ha é um Contreiras,
um parvo, um malhadeiro, (1)
um vende-coplas em feiras.
Porque, seja um homem San Francisco
em essa arte especial,
se fôr assim tão geral
cuspir-lhe-hemos a barrisco, (2)
quanto se honra tanto val.

(Aqui entra o Capellão com Faria, e diz Faria):

FARIA—Diga, vossa reverencia:
ao bom fallar quer-se veia?

CAPELLÃO—Quem se d'isso não areia,
não sabe, nem tem prudencia.

FARIA—Isso só, senhor, me enleia:
que eu farei duas trovinhas
bonitas e bem soantes.
E porém não são galantes
como as vossas.

CAPELLÃO— Que! as minhas?
As minhas
são como melões d'Abrantes.
Porque a trova, para ser trova,
não presta se não fôr fina,
delicada, cristallina,
fundada em cousa nova.
Se assim fôr, fica divina.

---

(1) Malhadeiro, em que todos malham, no sentido de zombar. Sujeito risivel por sua estupidez.

(2) Adv. Com abundancia, com fartura. (Viterbo).

FARIA—Para fazer um rifão,
móte, cantiga, ou trovar,
d'onde se ha de começar?
CAPELLÃO—Da mesma discrição.
FARIA—Nunca isso pude alcançar!
CAPELLÃO—Logo me eu obrigaria
a fazer-vos um eu segundo.
FARIA—Se eu isso visse no mundo,
por ninguem me trocaria;
porém tocaes muito fundo,
qu'em outras cousas sou eu agudo.
CAPELLÃO—Não é essa mui má peça.
FARIA—Tenho eu gentil cabeça;
mas logo me esquece tudo!
CAPELLÃO—Sabeis porque não vos fica
quanto quereis na memoria?
FARIA—Porque?
CAPELLÃO— É cousa notoria
que onde o cuidado embica,
tudo se ali repenica
em seu mal ou em sua gloria.
Porque melhor me entendaes:
tendes livre o pensamento,
muito fôrro e muito piento. [1]
N'aquillo em que o occupaes,
alcançaes n'um só momento;
e tomae um homem discreto:
por muito parvo que seja,
tem memoria que sobeja.
FARIA—De que vem?
CAPELLÃO— De ser esperto.
FARIA—A isso só tenho inveja!

(Aqui entra Ayres Galvão.)

GALVÃO—Beijo as do senhor Faria.
FARIA—Olá, senhor! D'onde é a vinda?

---

(1) Talvez no sentido de loquaz.

GALVÃO—Venho d'onde se deslinda
a dôr de minha alegria.
FARIA—E se haveis de ter ainda
vossas manhas não perdentes;
cousinhas boas me alegram,
porque assim como fumegam,
logo trincam entre os dentes,
por onde vejo que cegam.
GALVÃO—E isso caminho é
para zombar do que eu faço.
FARIA—Correis-vos! Não sois de paço!
Perdôe-me vossa mercê.
GALVÃO—Dentro nas tripas vos jaço. (1)
FARIA—Se vós jazeis dentro n'ellas,
sahireis por mui má porta.
CAPELLÃO—Isso me tem alma morta;
as cousas sejam singelas
GALVÃO—Uma falla, se um a córta,
senhor, já tenho assentado
commigo ha muitos dias,
que das suas zombarias
fica um homem degolado.
CAPELLÃO—Dae ao démo essas porfias.
O amigo especial
não ha de ficar áquem.
Zomba? Zombae vós tambem,
e não vos pareça mal
o de que mal vos não vem.
FARIA—Meu senhor Aires Galvão,
vós sois muito corridinho.
GALVÃO—Mas vós is (2) por um caminho,
onde is dar no coração.
FARIA—Isso é signal que adivinho.
Andaes agora galante!
Capinha, chapeu, e espada...

---

(1) Em vez de jazo.
(2) Is por ides.

GALVÃO—Inda isto não é nada,
vós me vereis ao deante.
FARIA—Isso faz a namorada!
CAPELLÃO—No seu geito vejo eu
em que estima s'elle tem.
GALVÃO—Eu sempre me tratei bem.
FARIA—Outro tanto faria eu,
mas não tenho nem vintem.
GALVÃO—Senhor, fiz uma cantiga
a uma dama, que tinha...
Conclusão, é cousa minha;
quero saber se tem liga.
Se fôr tal, terei razão.
Diga-me o que lhe parece,
porque, ás vezes, acontece
julgar-se por affeição
o que a razão não compadece;
e diz assim o rifão:

(Em castelhano.)

El amor que s'olvidó
de mis servicios passados,
vengam-le tantos cuidados,
como los que tengo yó.

VOLTA

Quando pensei d'alegrar-me
no cabo de mi tormento,
fugiu-me o contentamento
para mais d'ella queixar-me,
e para serem dobrados
mis males descompassados,
o mesmo mal me mató,
para que ma vaya yó
con los mas desesperados.
FARIA—Ai da pucha! que liguagem!

O misso [1] é soberano!
Mui bien fallaes castellano,
e levaes a todos vantagem

GALVÃO—Outra fiz a uma rapariga
em começo d'uns amores.
A invenção é de flores;
porém não sei se a diga.

CAPELLÃO—Oh! Vejamos vossos primores.

CANTIGA

GALVÃO—Senhora, pois sou captivo
d'esses olhos com que olhaes,
matae-me, pois começaes.

CAPELLÃO—E far-lh'-heis a isso glosa?

GALVÃO—Milagrosa.
Isso é o melhor da festa;
sem glosa, senhor, que presta?

CAPELLÃO—Será cousa preciosa.

GALVÃO—O pé do mesmo rifão
conta alli d'esta feição.

GLOSA

Os males, que d'improviso
vem ao triste coração,
esses causam perdição,
que os outros são tudo riso.
Senhora, fallo de siso:
Esses olhos com que olhaes,
prendeis, feris, e mataes.

OUTRA SUA

Alli, onde o mal se atiça,
os tendes vós mais accesos.

---

(1) E' provavelmente um termo da giria do seculo XVI, na hypothese de não ter havido erro typographico. Escreveria o auctor: mico, synonimo de macaco? Ou escreveria: micho, lacaio? Moraes diz que nas peças de theatro o papel de lacaio era sempre gracioso. Será misso corruptela de misser?

Mereciam de ser presos
certamente por justiça.
Olhar quasi enfeitiça
outros olhos innocentes.

CAPELLÃO—Não vivam mais entre gentes.

GALVÃO—Mas Deus os torne contentes.

CAPELLÃO—Por hi levar-me-heis o saio.
O vosso saber m'enleia,
vós tendes já melhor veia
que Affonso Lopes Çapaio. [1]

FARIA—O senhor Ayres Galvão
por sua arte tambem toca.
Que quereis? pedir por bocca,
tudo n'elle acharão:
sabedor,
muito grande trovador.
É a mesma discrição.

GALVÃO—Cousinhas que não se crê
tinha para lhe amostrar.

CAPELLÃO—Se estivera de vagar,
fizereis-me essa mercê.

GALVÃO—Ordenae, senhor, um dia.

CAPELLÃO—Vede vós quando quereis.
para que m'asubtileis [2]
a vossa galanteria.

GALVÃO—Tanto me dá que zombeis.
Beijo as de vossa mercê:
eu vou lá ter esta noite.

FARIA—E senão?

GALVÃO— Que elle m'açoite
por ruim.

FARIA— Já o elle é.

---

(1) Affonso Lopes Çapaio era um christão novo que residia em Thomar. Um rifão, composto por elle, foi glosado por muitos poetas quinhentistas, entre os quaes Gil Vicente, por lh'o pedir o conde de Vimioso. O rifão e a glosa andam nas obras de Gil Vicente, bem como as trovas em que este poeta satyrisou uma suja enfermidade de que o Çapaio fôra atacado, estando em Santarem.

(2) Supponho ser o verbo assutilar, discorrer com subtilesa. Dic. da Acad. Real das Scienc.

(Sae-se o Galvão, e chega o Capellão e Faria á mesa. E diz Gama fidalgo:)

GAMA—Que tardada ou que desvairo
foi essa?!
CAPELLÃO— Estava rezando.
GAMA—Padre, quando vos eu mando,
deixae vós o breviairo,
por eu não estar esperando.
Rezae vossas orações,
quando estaes desoccupado.
CAPELLÃO—E hei de buscar tempo asado.
GAMA—Ora não me deis razões,
que estou um pouco agastado.
Se vos eu dou de comer,
de vestir, e de calçar,
e casa para morar,
não me haveis vós de fazer
tudo o que vos eu mandar?
Ora, pois vos eu dou tença,
peço que vos emendeis:
não rezeis, nem celebreis,
senão com minha licença.
E senão, annojar-me-heis.
CAPELLÃO—Sou eu algum malhadeiro?
Tal sujeição não n'a quero.
GAMA—Vós sois meu escravo mero,
pois me levaes meu dinheiro.
CAPELLÃO—No officio de rezar
não me haveis vós de pôr taxa.
GAMA—Não passemos nós mais baixa,
nem me queiraes enfadar,
porque isso nada m'encaixa.
E mais, pelo que eu cá sei,
não vades de noite fóra.
Eu não vos puz ainda a espóra,
eu inda vos não cheguei,
póde ser que seja agora.

CAPELLÃO—Eu não sei que tenho feito
n'esta casa, nem que fiz.
Escravo, como homem diz,
não foi nunca tão sujeito.
E sêde vós o juiz.
Eu, já depois que aqui entrei,
o que trouxe, isso trago,
e co'meu me fazeis pago,
que outra cousa não medrei.

GAMA—Calae-vos, que sois um lago!

ROCHA—Vós tendes muita razão.
Tomae, padre, seus conselhos:
assentae-vos em joelhos,
e pedi-lhe muito perdão.

CAPELLÃO—Ainda que eu não sôe,
e ande aqui por retraço, [1]
eis aqui, senhor, o faço,
e peço-lhe que me perdôe.

GAMA—Em penitencia vos dou
(levantae-vos) que digaes
as coplas, se forem taes
que vos o outro mandou.
Vós, padre, não vos corraes.

CAPELLÃO—Um homem n'esta cidade,
tendo commigo amisade...
Estae, senhores, attentos,
que a obra sem fundamentos
não gostaes d'ella a metade.
De maneira que, andando
este homem commigo em bando,
entre outras travessuras
mandou-m'estas apodaduras. [2]
Porque estes, se acontece,
põem seu saber ao torno,

---

(1) Como cousa despresivel.
(2) Apodos.

mas eu lhe darei o retorno
assim como elle merece,
e saber-lhe-ha a piorno. [1]

(Trovas feitas a Lopo Furtado, Capellão de Ambrosio da Gama, sobre que presume de muito chefre no saber. As quaes trovas o coçam até o quarto grau, afóra a sua algozaria.)

TROVAS AO CAPELLÃO

Padre creado em paul,
almotacé [2] na da Landeira,
furado como joeira,
vestido em couraça azul.

Prióste [3] no Lumear,
thesoureiro em fatiota, [4]
padre moleiro em Ota,
e entendeis d'alveitar.

Sois vigario de Respingo,
e dais ordens na Retorta,
tendes gran ramada á porta
para prégar ao domingo.

Fisico na Gollegã,
procurador n'Azinhaga,
azemeleiro [5] que estraga
dez ôdres cada manhã.

E perdoae se vos acerto;
não vos corraes d'esta vez:

---

(1) Giesta brava.
(2) Magistrado, por eleição, de policia municipal.
(3) Recebedor de rendas ecclesiasticas.
(4) Em banca-rota. *Levantar a fatiota*: fugir ou levantar-se com os bens. —Frei Domingos Vieira.
(5) Superitendente de azêmolas.

sois bebedinho francez,
mouco, ermitão em deserto.

Juiz d'alçada nas Pias,
corregedor em Bucellas,
grande mestre de barrellas, [1]
em beber sois um Golias.

Sois madraço de sequeiro,
doutorzinho remendado,
padre zote enxertado.
em borracha em cas'd'odreiro.

Sois quadrilheiro de Canes,
tendes muito má feição,
e tendes ser por razão
grão parvo de Bastianes.

Estas são todas as suas,
as que elle a mim mandou.
LOPO—Dae a Deus! Bem vos coçou.
ROCHA—E sabeis como vão cruas,
galantemente apodou.
GALVÃO—Dizei-lhe vossa resposta,
e vereis cousa excellente,
e mais vereis o que sente.
CAPELLÃO—Não. Eu dei com elle á costa.
Elle tem-me por praguento
e eu tirei-lhe ao alvo.
O villanzête é calvo,
muito feio e peçonhento.
E tem mais
que, se sente que zombaes,
logo se faz d'outra côr;

---

(1) Enganos, logros.

e é tal o meu senhor,
que assim vivo o enterraes,
e as minhas palram assim:

Trovas feitas por Lopo Furtado a Ximenes Soares, abbade de Cabrada, tão certo na parvoice, como barrete limpo cahir no chão, etc.

Pois vos mettestes em dança
de commigo tirar palha,
venhamos logo a batalha
de trovas, que não de lança.
Fallaes por tantos desvios,
que vos não sei entender.
Os nescios deviam ter
discretos por senhorios.
Quanto ás apopaduras,
que me destes no capello,
certo eu lhe ponho o sello
por mui más e mui escuras,
e as parvoices puras,
que tocaes a cada passo,
vão tanto por seu compasso,
que vos daes nas mataduras.

APODA

Pareceis-me contra-forte
que roeu dez calcanhares,
rapaz que anda aos folares, [1]

---

(1) Folar é o presente galante da Paschoa. «Porque já o alvoroço de se acabar a quaresma traz comsigo mil circumstancias á estardiota que se não podem dissimular, principalmente *aquella velharia, tão cursada de todos, de armar os folares com raminho verde*, e andar espreitando a dama com trezentas ataiayas para a prender; e ella está já com o passe na algibeira muito segura com outro raminho; e quando acertam tomarem-n'a desapercebida lhe será forçado pagar a coima com folarzinho de oito ovos, que cada um d'elles mettido nas goelas para dentro ha mister um estomago de êma para o degirir».—Soropita.—*Prognostico do anno de* 1595, *o qual se achou no bucho de um elephante na Ribeira de Coruche.*

por não ser homem de sorte
antes quizereis a morte,
que tal cousa ir começar:
pareceis-me mão de gral,
que adivinha pelo norte. (2)

Rocha — Não vades mais por deante.
Quereis que vos desengane?
A presumpção não vos damne;
porém vós sois ignorante,
e podem-vos chamar Joanne. (2)

---

(2) Mão de gral é o pilão com que se pisa a substancia que está no gral.
Esta passagem, que envolve desconceito para a pessoa a quem é dirigida, afigura-se-me allusiva ao seguinte facto, contado por Gil Vicente: «O anno de 1519 veio a esta côrte de Portugal hum Felipe Guilhem, castelhano, que se disse que fôra *boticario (fica assim explicada a mão de gral)* nel Porto de Santa Maria; o qual era grande logico e muito eloquente de muito boa pratica, que antre muitos sabedores o folgavão de ouvir: tinha alguma cousa de mathematico; disse a El-Rei que lhe queria dar a *arte de Leste a Oeste*, que tinha achada. Pera demostra desta arte fez muitos instrumentos, antre os quaes foi hum astrolabio de tomar o sól a toda a hora: praticou a arte perante Francisco de Mello, que então era o melhor mathematico que havia no reino, e outros muitos que para isso se ajuntarão per mandado de S. A. Todos approvarão a arte por boa: fez-lhe El-Rei por isso mercê de cem mil réis de tença, c'o habito e corretagem da casa da India, que valia muito. N'este tempo mandou S. A. chamar ao Algarve a hum Simão Fernandes, grande astrologo mathematico; tanto que o castelhano fallou com elle, que viu o que entendia, e que lhe fazia de tudo falso, quiz fugir para Castella; descobriu-se a hum João Rodrigues, portuguez, que o mandou dizer a El-Rei, que o mandou prender em Aldea Gallega, estando em hum cavallo de posta.»
A passagem de Chiado quererá pois dizer—que lhe parecia boticario mettido a cosmographo; similhantemente ao *Ne sutor ultra crepidam* de Apelles ou á conhecida phrase de Voltaire: *Maître André, faites des perruques.*
(2) Joanne tornou-se no seculo XVI synonimo de zote, pateta, o que se vê claramente das voltas em que Luiz de Camões glosou o mote:

Coifa de beirame
Namorou Joanne.

O parvo namorou-se do toucado, não da mulher; por isso ella lhe diz:

A todos encanta
Tua parvoice;
Da tua doudice
Gonçalo s'espanta,
E zombando canta:
Coifa de beirame,
Namorou Joanne.

E no fim da trova:

Olhae-m'o negro capellão,
olhae-me o padre de semente.
LOPO—E quer-se contar por gente
o que parece na feição
piloto de Benavente!
GAMA—Cada um faz o que entende.
ROCHA—Oh! senhor, não falleis mais:
é dos móres bestiaes
que se viram, e isto tende. (1)
LOPO—Galantemente apontaes.
GAMA—Dê-nos cá de consoar (2)
d'isso que por casa houver.
LOPO—Serão mimos de mulher,
que me não podeis negar.
GAMA—Não são d'aquesse (3) mester,
senhor, n'aquestes (4) nataes
não são de monge rifadas. (5)
Vereis que uns em consoadas
gastam meus cabedaes.
LOPO—Senhor, não é para crer;
é muito forte contenda
gastardes vossa fazenda
no que quer vossa mulher.
E, ainda para mais magua,
são remás de contentar,
Alexandras em gastar,
e demandam ainda mais agua.

Sabes de que vem
Amores de beirame?
Vem de ser Joanne.

Na farça do *Velho da horta,* de Gil Vicente, o velho tem um criado *parvo,* e diz-lhe:

Vae-te tu, filho *Joanne,*
E dize que logo vou.

(1) Tender por entender. Viterbo.
(2) Ainda hoje, nas provincias do norte, se chama *consoada* á ceia do Natal.
(3) Esse.
(4) Estes.
(5) Certamente uma guloseima do Natal. No norte do paiz ainda hoje se fazem, pelo Natal, as famosas *orelhas de abbade.*

ROCHA—Se a minha despendeu
em gergelins [1] e em bocados
quarenta cinco cruzados,
o que nunca se escreveu!

GAMA—Á minha vão-lhe ensinar
outras como ella precítas
cousas que não estão escriptas;
e então haveis-lh'as de dar,
senão não viveis com gritas.
É bem parvo e malhadeiro
quem não contempla esta mingua.
Poem vol-o mel pela lingua,
e gastam-vos vosso dinheiro.

LOPO—Venhamos a conclusão:
outro mal são hi ciumes,
são cutellos de dois gumes,
da paz a tribulação.

ROCHA—Soffrêl-as é gran tormento;
dae-as ao demo por suas.
Se lhe cantam pelas ruas:
As mulheres d'este tempo
d'ellas guardar, guardar;
que são fino rosalgar.

(Chega a consoada.)

LOPO—Estas são outras batalhas,
e trazem mais apparato.

GAMA—Moço, tem tu mão no prato,
e ess'outro ponha as toalhas.
Olha não sejas inhato. [2]

ROCHA—Oh! Como isto é angelical!

GAMA—Comei se vos sabe bem.

ROCHA—Assim faço; mas, porém
não sou homem de fartar.

---

(1) Planta de que se faz doce, e extrae oleo para temperar as comidas.
(2) Inhabil; desastrado.

Lopo—Dae ao padre capellão.
Parece arraes do Barreiro!
Rocha—Mais parece cabouqueiro,
taberneiro em Monsão.
Capellão—Parecem vossas mercês,
assim juntos todos tres,
consistorio de mordomos,
mestres de vestirem momos, (1)
escudeiros do marquez.
Gama—Dae a Deus! Mui bem nos cóça
o padre assopra-boleimas, (2)
grande mestre d'almorreimas,
aposentado em choça.
Rocha—Vós estaes feito uma frágoa!
Parece que vos tocaes. (3)
Faria, peço-vos que me tragaes
um grande pucaro d'agua.
Gama—Vem cá, rapaz. Onde vás?
Faria—Vou por agua.
Gama—Isso vos é necessario.
Que diz o padre d'almario?
Em que cuida, ou que faz?

---

(1) Os momos ou arremedilhos eram representações mimicas. Alexandre Herculano, que no segundo volume do *Monge de Cister* nos faz assistir a um serão de momos, diz: «Os momos, todavia, continham o embrião do moderno drama: eram quasi o carro de Thespis. De ordinario, consistiam em allegorias, que, proxima ou remotamente, se ligavam com successos recentes e notaveis. As visualidades constituiam a parte essencial d'essas scenas informes, onde apenas algum monologo extemporaneo se misturava com os tregeitos e visagens de uma pantomima extravagante e exaggerada, a qual fizera attribuir aos actores de semelhantes representações o epitheto de *tregeitadores*.»

Chamava-se tambem *momo* ao actor mimico.

Mestre de vestir momos seria, pois, como hoje dizemos á franceza: *costumier;* alfaiate de farragens theatraes.

(2) Bolos grosseiros.

Com ua borda de *boleima*,
E ua vez d'agua fria,
Não quero mais cada dia.

Gil Vicente—*Farça de Ignez Pereira.*

(3) Embriagaes.

CAPELLÃ)—Vae homem para a velhice
quanto monta a natureza.
ROCHA—Jesus! camanha certeza,
e que grande parvoice!

(Chega um moço com agua, e dá a Ambrosio da Gama.)

GAMA—Ora, és dos mais peçonhentos!
Rapaz, dá-lhe lá.
ROCHA—Oh! beba vossa mercê.
GAMA—Beba, senhor. Para quê
são agora cumprimentos?
Dál-a a Lopo da Silveira.
LOPO—Essa vos digo eu que é graça.
GAMA—Por sua vida que o faça.
LOPO—Não no mande Deus, nem queira.
ROCHA—Senhor Ambrosio da Gama,
elle ha de beber primeiro
GAMA—Não. Senão por derradeiro,
por vida de minha dama.
LOPO—Vós sois-me tão tençoeiro! (1)
GAMA—Torna lá, por não cançarem.
Essas cortezias taes
nunca serviram de mais,
que de me muito enfadarem.
ROCHA—Senhor, mui bem apontaes.
Mas a cortezia é a summa,
não ha que duvidar.
GAMA—Oh! beba quem se acertar,
que assim senhor se costuma
LOPO—Mandae d'aqui levantar.
GAMA—Moço levanta d'aqui,
espevita essa candeia.
ROCHA—Isto passará por ceia.
LOPO—Nunca eu tal consoar vi!

---

(1) O que anda de caso pensado contra alguem.

Rocha—Sobre mêsa cantiguinha
será cousa angelical.
Lopo—Quem tendes para cantar?
Gama—O meu moço tem fallinha
para só.
Rocha—Mandae-o, senhor, chamar.
Gama—Faria, chama cá Pero.
Rocha—E não dizeis que lhe diga?
Gama—Diga que traga guitarra,
e cantará uma cantiga.

(Aqui canta o moço chistes a uma guitarra, e, acabado de cantar, diz Rocha:)

Rocha—Vós haveis d'ir ao serão.
Gama—Por força hei de lá chegar.
Lopo—Que fareis? Mandae sellar.
Gama—Já está feito d'antemão.
Assomem d'antecipar.
Lopo—Vós, senhor, tendes cá bêstas?
Rocha—Sim, que homem logo s'adarga. (1)
Lopo—Pois iremos dous em carga,
como homens que vão á festa.
Gama—Faria, moço! Aqui tocha!
Passem, senhores, deante.
Lopo—Mas passe Gomes da Rocha.
Rocha—Por mais moço e ignorante
me pregaes essa garrocha!
Mais razão fôra que passe
o senhor Ambrosio da Gama,
que é mais velho.
Gama— Essa fama
dae vós de mim. Quem fallasse!...

---

(1) Prevenir, acautelar. Jorge Ferreira de Vasconcellos diz na 1.ª scena da *Eufrosina*: adargai-vos sempre do sereno, fugi de logares apaúlados, etc.

Lopo—Ora eu, por mais cortezão,
quero ser mal ensinado.
Gama—Mas sois muito avisado.
Rocha—E eu tambem, se vem a mão,
serei desavergonhado.
Gama—Pois o padre capellão
não fica cá encantado.
Rocha—Araujo, se querem moços;
Barbosa, chega o cavallo;
Rebello, moços.

FIM

AUTO DAS REGATEIRAS [1]

INTERLOCUTORES:

Velha.
Beatriz.
Negra.
Comadre.
Pero Vaz.
Noivo.
Mãe.
João Duarte.
Affonso Thomé.
Fernão d'Andrade.
Gomes Godinho.
Grimanesa.

CARTA

Virtuoso auditorio: e não se vá rir, porque lança homem mão por velhices que não fazem mais a proposito que digamos ponde-lhe vós lá o nome, porque quem faz a casa na praça cada um rema para sua opinião, como quem escreve em parede, por cujo respeito passa assim. O auctor, como cousa que em todas as suas vos deseja servir, vos pede, e assim requer da parte de vossas discrições e á honra de seu trabalho, queiram ouvir esta breve collação fundada no aprazimento de diversas tenções que n'esta congregação estarão, porque já sabeis cada um é filho de seu pae, e muitas vezes se acontece terem alguns os entendimentos tão ferrugentos, que, para lhe chegarem ao vivo, não poderá ser sem escandalo de quem o entende. E aqui me encerro. E porque n'esta pratica se tratam passos que se ouvirão e não verão, lhes pede a queiram ouvir, como é razão, e dos taes se espera, cujas mãos mil vezes beijo, etc.

(1) Já depois de impressa a primeira folha, descobrimos, no ornato sotoposto a este auto, que a legenda *Germagalha* tem um til, ainda que pouco claro, entre o M e o A; e que n'uma volta que faz o ornato está a syllaba final DE. Pelo que é manifesto que o material do frontispicio pertenceu a Germão Galharde, passando decerto aos seus successores.

VELHA—Beatriz, ah Beatriz!
BEATRIZ—Senhora?
VE.—Inda dormes? Não se crê!
Ergue-t'ora.
BEAT.— Para quê?
VE.—Para nada!
BEAT.—Já 'qui somos. Que vos fiz?
Eu nunca tal mulher vi!
Sei que hei d'ir colher amores...
VE.—Erguer, erguer ás más horas,
e vós respondeis-me assim!
Vós haveis mister espóras.
Que é de l'outro cadellão?
Sei que inda se não levanta!
Cadella?...
NEGRA.— Siôra?
VE.—Qu'reis que vos vá tiral'a manta?
NEG.—*Krialeysão, Cristeleisão!*
Santo bicéto nomen tu!
VE.—Olháde a pelle no cú! [1]
Agora lhe chegou lá devoção!
NEG.—A mim catibar, o judeu
não querê qu'a mim reza!
VE.—E ella responde-me já!
Guardae-vos, não vos tome eu.
NEG.—A mim fruga vóso mata.
Vóso sempre brada, brada:
«Cadella, cadella, cadella!»
Vende-me para Castella.

---

(1) Os poetas comicos do seculo XVI chamavam ás coisas pelo seu nome. O synonimo mais decente que Gil Vicente encontrou, para substituir esta palavra, foi *pousadeiro*.

E com unto de coelho
Esfregae o *pousadeiro*.

(Farça dos fisicos.)

Na freguezia de S. Nicolau havia a rua de Quebra-cús, e na freguezia de S. Christovam uma rua chamada do Cú do Cão.
Naturalmente, toda a gente havia de chamar ás ruas pelos seus nomes...

VE.—Nunca t'o olho *véra!*
a vós vos porão na sella.
Cuidaes, cadella, que zombo?
Porque não me tens amor,
eu vos darei a senhor
que vos ponha o pau no lombo,
e quiçá seres peior.
Quereis-vos hoje abalar?
Que madrugada d'Alfama,
cadella! E em cú na cama
vos pondes vós a rezar!
Não virá por ti má trama!
NEG.—A vóso sempre s'agraia!
VE.—Ui! Que diz ella? Que diz?
BEAT.—Diz que palraes como gralha!
VE.—Cadella, tomae essa talha,
e ide logo ao chafariz,
e levae comvosco o assento,
ou não vos lembre de tornar...
que inda haveis de peneirar
e fazer hoje o fermento.
Quer's-te tu hoje abalar!
NEG.—A mi não cab'a besi.
VE.—Levae os fatos a rojo,
ou isso vos faz a vós nojo!
Cadella, quér's ir por hi?
O vosso palrar é de pêga.
Vós provareis o toucinho...
Cada um vá por seu caminho,
que não pariu aqui a gallega.

(Faz que vae dar na negra, e vem com sua filha e diz:)

Como isto está concertado!
Que prazer e que frescura!
Tal seja tua ventura.
Em que trazes o cuidado?
Feito é já. Não tens cura!

BEAT.—Vós tendes muita razão!
Vêdes muitos desarranjos?!
Levaes-me vida dos anjos,
e daes-me inda paixão!
VE.—E que vida levo eu?
Andar emb'ora e ter bem?
BEAT.—Tendes vós em casa alguem
que vos sirva, senão eu?
VE.—E como ora isso tem?
Negro serviço é o teu!
BEAT.—Eu não vos posso entender!
VE.—Maligna que te matasse!...
BEAT.—Mas que de vós escapasse,
pois tão má sois de soffrer!
VE.—A' fé que não me enforcasse!
BEAT.—Eu lavar e esfregar,
varrer e esfolinhar, (1)
e por dae-me cá aquella palha!...
VE.—E tu fazes nem migalha,
senão comer e folgar,
e palrares como gralha...
e lingua, não na vão buscar
melhor a Flandres nem a Roma!
Mas o ensino que ella tóma
algum o ha de amargar!
BEAT.—Se o amargar, sou contente;
mas não hei de ser vassoira.
VE.—Traze-m'aqui a dobadoira,
e um tanho (2) em que m'assente;
acabae, colhér mexedoira,
e ponde-lhe lá uma meada
que está dentro no cabaz,
se inda estiver em paz;
que aqui não está quêdo nada,
ao rabear que ella faz!

---

(1) Limpar o pó.
(2) Banco de pouca altura, e de madeira.

Senhor, dae-me paciencia!
Certo não é para crer:
quem te em casa houver de ter,
terá sua consciencia
damnada, se te soffrer!

BEAT.—Não ficam lá mais meadas.

VE.—Ficarão as que vós fiastes,
que má hora cá ficastes
guardada para taes fadas,
pois tão cedo madrugastes!
Vae ver quem bate alli:
dize que não estou cá.
Qu'assim bate, quem será?

COMADRE.—Minha comadre está hi?

VE.—Abre, que é minha comadre.
Na falla vos conheci.

COM.—Deus vos salve!

VE.—Comadre, venhaes emb'ora.
D'onde é a vinda agora?

COM.—Levei a vosso compadre
de comer, que anda ahi fóra.
E ando assim não sei quejanda! (1)

VE.—Que mal foi esse tamanho?
Assentai-vos n'este tanho.
Isso é andaço que anda.

COM.—Não sei que é, nem que não;
mas d'esta negra emprenhidão
ando assim para morrer.
Comadre, não sou mulher!

VE.—Benza-vos Deus!

COM.—Ai! ai! não me ponhaes a mão,
que o não posso soffrer.

VE.—Quanto ha que assim andaes?

COM.—Desde a entrada d'agosto.

VE.—Não tendes panno no rosto! (2)

---

(1) Não sei como.
(2) Manchas que vem ás faces das mulheres gravidas.

COM.—Vae em quatro mezes, não mais,
já hei de mudar o posto?
VE.—Eu, ha quatro dias, que era
disposta, rija, um leão,
e agora aquesta paixão
me tornou um pão de cera!
COM.—Isso é do coração.
Bebêde a lingua cervina, [1]
vereis como vos achaes.
VE.—Tudo isso é por demais:
isto é minha mofina!
Por aqui me mettem punhaes!...
COM.—Eu, de tomar qualquer carga,
aqui me acode a doença.
VE.—Pois, comadre, isso é creança,
que se vos metteu á ilharga.
COM.—Eu... cousa que coma, m'empésta;
e assim, não posso comer.
VE.—Moço, vae tu emfonder. [2]
Pões-te a olhar como bèsta!...
Não tendes nada que fazer?
Todo o mal em mim s'encerra:
por aqui me dão ao ferrolho,
que não posso cerrar olho.
Grito em ceu, grito em terra;
e sobe-se-m'a madre ao peito,
que me não conhecereis!
COM.—Defumae-vos c'os papeis,
que fazem muito proveito,
e vós me nomeareis:

---

(1) Lingua cervina ou escolopendra vulgar é o *Asplenium scolopendrium* de Linneu e de Brotero.

E' um feto, que se encontra espontaneo em algumas provincias de Portugal incluindo a Extremadura (Cintra), ainda que raro. Habita os sitios sombrios, humidos, e nasce por entre pedras.

Nas antigas pharmacopêas a *lingua cervina* não sómente era classificada como adoçante, como a avenca, mas tambem como *vulneraria;* entrava no celebre *vulnenerario suisso* ou *falltrank.*

(2) *Infundir*—fazer barrella? Muito usado no Alemtejo.

ou tomae caldos de fermento,
e purgareis d'estes logares.
VE.—Tenho já coalhado os mares
com mézinhas; tudo é vento!
Trouxe cingido ou bragal, (1)
bebi dez manhãs a norça: (2)
comadre, nada m'esforça;
mas antes dóbro o meu mal!
Puz já alfava da cobra (3)
e o ovo com a alfazema. (4)
Mas, comadre, isto é postêma,
pois a mézinha não obra.
Isto tenho já por prema. (5)
COM.—Eu ando assim tão pejada
com estas negras doenças!
VE.—Vós trazeis duas *crienças*,
com'eu estou aqui assentada!
E vós, comadre, haveis mister
muitos mimos a meúde.
COM.—Queria ter mais saude.
VE.—Pois fazei vós por viver.
COM.—Comadre, eu vos direi:
já não me prestam mézinhas.
Ai! pernas, que não sois minhas!...
Cadeiras, (6) que vos farei?

---

(1) Panno para enfaxar os quadris.
(2) A norça branca ou bryonia é a *Bryonia alba* ou *dioica*.
Habita frequentemente nos tapumes, nos arredores de Coimbra e de Lisboa.
O cheiro é nauseabundo; o sabor um tanto acre.
A raiz é grossa, succulenta e carnuda. E' um venenoso drastico, mas a homœopathia tem obtido bons resultados com a sua applicação.
(3) Alfavaca é a *Parietaria Lusitanica* de Linneu. Tambem se lhe chama alfavaca de cobra. Nasce nos muros velhos, e pardieiros. Usa-se em cosimento.
(4) A alfazema é uma das plantas mais usadas entre nós pela superstição popular em defumadoiros, e outros exorcismos. Gubernatis diz na *Mythologia das plantas* que na Toscana se attribue á alfazema a virtude de livrar do mau olhado as creanças, e que as mulheres da Kabylia a reputam como preservativo contra as sevicias conjugaes.
( ) Oppressão.
(6) Quadris.

VE.—Comadre, vós parireis,
e o corpo descansará.
COM.—Mas quero-m'ir, que tardo já.
VE.—Estae: logo vos ireis.
COM.—Ha muito que estou já cá!
VE.—E meu compadre
anda agora ajornalado?
COM.—Anda em uma negra empreitada.
Negra foi, e espézinhada:
que tudo temos gastado,
que isso me tem enterrada!
Tomou uma obra de praga,
e metteu officiaes,
e gastamos, que fallaes!
Quando vejo a negra paga!
houve uns quatro mil reaes!
E então pagam-lhe com paróla,
palavrinhas de *pincéos*. (1)
VE.—Não falta a mercê de Deus;
sempre acode com uma esmola.
COM.—Assim haja eu vossa benção,
como vendi meus anneis,
manilhas e arrieis, (2)
sem me ficar um tostão,
nem ceitil.
VE.—Comadre, a mim o dizeis!...
Perdõe Deus quem foi vender
uma taça de bastiães, (3)
por dar de comer a cães,
que cuidei d'endoidecer!...
E mais que os ganhos d'agora
bem vèdes quejandos são!

---

(1) Gil Vicente usou da locução: *fallar per pinceos*. Barreto Feio e Gomes Monteiro interpretaram, duvidosamente, como *fallar por figuras*. Digo duvidosamente, porque pozeram um ponto de interrogação.

(2) *Arriel*. Ornato de muitos anneis, feitos, e tecidos de fios de ouro, que tomavam, e cobriam metade dos dedos. Tambem havia arrieis de orelhas, etc. Viterbo.

(3) Lavores em relevo.

COM.—Tudo vae em perdição.
Hoje mal, cras (1) empeóra,
como diz lá no rifão.
VE.—Tudo vae fóra da estrada,
bem no vejo e bem no sei.
COM.—E mais com esta ida d'El-Rei,
não ha d'haver venda nada. (2)
VE.—Comadre, eu vos direi:
fico-me n'aqueste inferno.
COM.—Muitas vezes cuido em mim
que se vae a Almeirim
um Rei meado inverno!
VE.—A fazer rico *escoroupim*. (3)

---

(1) E' o adverbio latino *cras*: ámanhã.

(2) Estava D. Sebastião em Almeirim, quando a 14 de abril de 1568 sahiu a pragmatica reduzindo a moeda de cobre, medida em que o cardeal D. Henrique já como governador do reino havia pensado. Em virtude d'essa pragmatica, o patacão, que valia 10 reis, passou a valer 3; a moeda de 5 réis, real e meio; a de 3, 1; e a de 1 foi reduzida a meio.

O dr. Ribeiro Guimarães encontrou na Bibliotheca Nacional de Lisboa uma memoria manuscripta (Veja-se *Summario de varia historia*, vol. II) que dá noticia da profunda impressão que essa medida causára em Lisboa, noticia que inteiramente concorda com esta e as seguintes passagens que estamos annotando.

«De maneira—diz a memoria—que esta pragmatica sahiu á quarta feira de Trevas, estando então el-rei em Almeirim, pelo que era lastima vêr a gente de Lisboa pasmada, porque como havia pouca prata e não havia outra moeda senão cobre, e por terem todos esperanças de não cumprir a tal pragmatica, e cerrarem-se todos sem quererem vender nada, e ser vespera de festa, julgue cada um aqui o povo de Lisboa, qual andaria e qual estaria, ao que accudiu a camara e a misericordia d'esta cidade, mandando a Almeirim dar conta a el-rei do reboliço que ia em Lisboa, que quizesse permittir houvesse emenda no mandado.

«E a quinta e sexta feira estiveram assim todos esperando, sem n'estes dias quererem vender cousa alguma. E no sabbado, vespera de Paschoa, vieram e trouxeram por novas, que el-rei mandava se cumprisse o que tinha mandado sem remissão, havendo respeito ás isentas causas que para isso havia.

«Foi tal a revolta e clamor n'este povo de Lisboa por causa da muita perda que recebiam, que houve desesperados, que, com sentirem o perdimento do dinheiro, perdiam as vidas, enforcando-se, outros andavam pasmados. E as egrejas tambem receberam seu grande pedaço de perda, por terem acabado de receber as esmolas das Endoenças da Semana Santa, que é uma grande copia de esmolas n'esta cidade.»

Esta pragmatica foi motivada pelo facto de os inglezes lançarem nos nossos mercados, secretamente, abundancia de moedas de cobre, levando-nos as de oiro e prata.

(3) E' certamente termo de giria quinhentista, que não pude encontrar. Será, por ventura, uma substantivação deturpada do verbo *escarrapiçar*, depennar, arrancar o pello, visto que se tratava de uma medida que prejudicava o povo?

Com.—D'isso só me fica magua.
Nunca é contente a pessoa.
Um Rei que estava em Lisboa
assim como o peixe n'agua!
Mas vós verêdes o que sôa.
Ve.—Todos nós isso clamamos.
Comadre, manso o dizeis...
Mas são vontades de Reis:
que quereis que lhes façamos?
Como dizem, lá vão leis. (1)
Com.—Isso é estopa, ou linho?
Ve.—Linho.
Com.— Como é delgado!
Não faço eu esse fiado,
mal peccado!
Já vou por outro caminho;
já os meus nervos são mancos.
Vivo assim por maravilha.
Eu fiei já baetilha,
que dei por seiscentos brancos (2)
e de que comprei fraldilha.
Ve.—E ainda agora valem caras.
Com.—Isto era em tempo de peste. (3)
Ve.—Que rendera tal como este?
Com.—Por arratel quatro varas.
Ve.—Nunca lh'o dinheiro preste!
Com.—De dez arrateis e meio
mandei lançar seis lençoes,
e não me rendeu tão *soes*
a tres varas.
Com.— Não no creio!
Ve.—Por vida d'Anna de Goes!
Todos são ladrões a eito:
o melhor d'elles mais furta.

---

(1) Um antigo proverbio portuguez dizia: Onde querem reis, lá se vão leis.
(2) Moeda de prata.
(3) Refere-se aos primeiros ameaços da peste grande de 1569.

Com.—Pois, comadre, não encurta
o fiado d'esse geito.
Ve.—Pois vem-me com outras danças,
que lhe falta ainda fiado
e não no acharei emprestado
em toda esta visinhança.
Com.—Isso é roubo provado!
Ve.—Se eu achára n'essa praça
sequer um par de novelos!...
Com.—Folgára eu bem de têl-os,
para vol-os dar de graça.
Ve.—Vejam-vos aqui estar
por uma cousa enforcada,
alli achaes emprestar.
Com.—Isso é para pasmar!...
Ve.—Comadre, não vêdes nada,
que tenho aqui uma visinha,
que me róe como a traça!...
Comadre, não sei que faça!...
Com.—Como se chama?
Ve.— A Charinha.
Com.—E fallaes-me n'essa taça! (1)
E que peça!
E que sizo e que cabeça!...
Comadre, na minha rua
móra uma espada núa
que fére dès que começa.
Ve.—Essa será pão e mel
para est'outra, que é leão.
Tem lingua d'escorpião.
Com.—Onde móra?
Ve.— Junto a S. Miguel. (2)
Nunca vi tal condição!
Com.—Que casamento alli está

---

(1) Talvez o signal pela cousa significada. Como se lhe chamasse bebeda.
(2) A egreja d'esta invocação, no bairro d'Alfama, já é citada por Christovam Rodrigues de Oliveira (1551.)

tão negro, tão espézinhado!
Ve.—Quanto lh'eu tenho prégado!
Com.—Prégue-lhe lá, ieramá [1]
ha de pagar seu peccado.
Ve.—O coitado anda a pescar,
posto aos perigos do mar,
vestido em um chapeirão. [2]
E o negro escudeirão
sóva-lhe no alguidar,
e a filha da Rebêlla
outro pote [3] tal como ella.
Com.—Qual? A que móra n'Adiça? [4]
Ve.—Aquella que por justiça
se havia d'entender n'ella.
Aqui mora outra boneja, [5]
que presume de santeira,
arrója o cú pela esteira,
e vae tão sisuda á egreja!
Com.—Pois esta é sua parceira.
Ve.—Essa lhe lê lá os baldos, [6]
e essa lhe mexe os caldos,
e essa é seu ai-Jesu.
Chama-se uma a outra por tu;
cada uma tem seu ladroaço.
Todos bebem por um tarraço;

---

(1) Hora má, má hora.

(2) Vestido todo de novo
Ao hombro um chapeirão
Que pasmava todo o povo.

Bernardim Ribeiro—Ecloga II.

José Gomes Monteiro e Barreto Feio suppõem que seria uma especie de capote.

(3) Vide nota antecedente, relativa á palavra taça.

(4) Rua do bairro d'Alfama, comprehendida na área da freguezia de S. Miguel. Assim vem mencionada em João Baptista de Castro. E' a ultima á esquerda na rua de S. João da Praça, indo das Cruzes da Sé, e acaba no largo das Portas do Sol.

Pela rua da Adiça subia a muralha da cidade a unir-se com a *Porta do Sol.*

(5) Rameira.

(6) Baldoairo, livro de ladainhas e outras orações. Baldoar por fallar muito. Viterbo.

alli é o embebedar,
qual debaixo, qual de cima:
é uma escola d'esgrima!
Comadre, não ha de crer:
é uma mui grande errónea
e é uma Babylonia;
assi para os Deus subverter
se ir noute pela manhã.
A outra sua irmã,
inda Deus não dava luz,
lançou o outro do capuz.

COM.—Sahiu de carpear lã,
e cumpre-lh' o homem dizer buz. (1)
Para que são esconjuros?
Olhae cá, comadre minha,
já por linha vem a tinha:
são seus peccados escuros.

VE.—Assim como é cousa forte
deixar d'aquentar o lume,
assim o mudar costume
é um parelho de morte.

COM.—Deixae-a, que assim presume.

VE.—Crêde que ás vezes me vem
veias para m'enforcar!

COM.—Estará bem devagar
quem se matar por ninguem!
Tudo o tempo ha de curar.

VE.—Comadre, que vos parece
d'este que quer ser meu genro?

COM.—Comadre, manso e tenro,
e doido, se se acontece.

VE.—Não é macho, nem capacho,
nem é pão, nem é fermento;
é parvo que tem por cento.

COM.—Tende mão; ora empacho.
Elle é d'aquelle alimento,

---

(1) Voz de quem intima silencio

esse tal?
Terá mão no castiçal,
e fal-o-hão peneirar.
VE.—E andar e desandar.
COM.—Casa logo Beatriz mal.
VE.—Entendei vós isso bem!
Quem casa com tal como elle,
não casa com sua pelle;
mas casa c'o qu'elle tem.
Que o marido,
não no queria eu sabido.
COM.—E pois como?
VE.—Rico e tolo,
que visse a corna c'o olho,
e perguntasse—Que é aquillo?»
Elle tem
vinho e pão quanto convém,
e, em que seja malhadeiro,
bom é marido gaiteiro.
COM.—Dizeis, comadre, mui bem.
VE.—Pois, comadre, que cuidaes?
Mais vale saber, que haver,
e o dar, que receber,
se n'isso bem attentaes.
COM —Escolha-vos Deus aquillo
que Elle vir que é seu serviço.
Mas, comadre, não vos cubiço
tal marido nem tal grillo!
Mettel-o-heis n'um cortiço.
Assim como me eu assento,
assim me deixo eu estar!
VE.—Sei que tendes d'amassar.
COM.—Tenho muito do quebranto
e muito do mau pezar.
Ir [1] noite fui ao Terreiro [2]

---

(1) Hontem.
(2) Terreiro do Trigo, entre a rua do Terreiro do Trigo e o cáes de Santa-

e trouxe trigo de Bordéos,
tão alvo como estes véos,
e sahiu-me todo borneiro; (1)
e vae a boa da forneira
lançou-m'o á costaneira, (2)
e elle quer a frol de forno. (3)
Amargo como piorno; (4)
não m'o querem na Ribeira. (5)

VE.—Comadre, esse trigo tal
quer-se ao sol muito seccado,
e se não é misturado
péga se todo ao bragal, (6)
e quer que folgue da mão
um pouco no alguidar.

COM.—E' um bofe d'amassar.

VE.—Leva agua.

COM.— E' perdição;
levará todo esse mar.

VE.—Ama tem sempre bom trigo.

COM.—Quinta feira levei d'ella;
tem muita avea (7) e lingella. (8)

---

rem. Era o mercado dos trigos, milhos, etc. No *Sitio de Lisboa etc.*, por Luiz Mendes de Vasconcellos, vem, a pag. 182, uma interessante noticia do Terreiro do Trigo.

(1) O trigo moido com a borneira, pedra negra da mó.

(2) Á costaneira, escostado á parede.

(3) Flor do forno, o centro do forno.

(4) Giesta brava. Vocabulo já empregado na *Pratica de oito figuras*.

(5) A Ribeira Velha principiava na travessa dos Arameiros e acabava no Campo das Cebolas.

(6) Significa aqui o panno com que se cobre a amassadura.

(7) AVEA e á *Avena sativa*. Em tempo de esterilidade serve para fazer pão. Por isso diz uma trova popular:

A avea disse:
—Eu sou a avea
Negra e feia,
Mas quem me tiver em casa,
Não vai p'ra cama sem ceia.

(8) Chiado escreveu *lingella* talvez pelo mesmo motivo por que escreveu *alfava:* para dar a estas palavras a pronunciação incorrecta que ellas teriam na bôcca do povo. Não é lingella, mas *nigella* (Brotero e Dorvault); só na *Historia das plantas da Europa,* por Vigier, encontramos *ningella* em vez de *nigella*. E' a *flor de Santa Catharina*. Ha a nigella ordinaria *(nigella sativa)* e a nigella dos alqueives *(nigella arvensis.)*

VE.—Faz bom pão.
COM.— Eu que vos digo
faz boleimas [1] de Castella...
VE.—Eu que sou das mais pechosas,
trago sempre do que sôio: [2]
é sujosinho, tem joio;
porém faz um pão de rosas.
COM.—Eu tambem sou filha d'Eva,
e levei d'aquelle mesmo,
e lancei-lhe aguas a esmo;
mas não no achei de leva. [3]
Comadre, vós que mandaes?
que é tempo de m'eu mudar.
VE.—Que vos deixe Deus lograr...
COM.—E vós, comadre, vejaes...
prazeres.
VE.— Quereis cá jantar?
COM.—Não, comadre, eu vou contente
do vosso contentamento.
Não se faça o casamento,
sem eu ser tambem presente.
VE.—Ui! comadre, sequer vós...
Sem vós, que prestava eu?
Dou-vos a San Bartholomeu!
Não são meus gosos tão sós.
COM.—Não vos espante o genro tosco,
que é muito bem assombrado.
Ficae emb'ora, comadre.
VE.—Pois dizei lá a meu compadre
que venha jantar comnosco,
que o hei por meu convidado.

(Sae a comadre.)

---

(1) Vocabulo já empregado na *Pratica de oito figuras*.
(2) Indicativo do verbo soer, costumar.
(3) De levedar.

VE.—Beatriz, moça, Beatriz!
BEAT.—Senhora?
VE.— Inda esse démo não veio?
BEAT.—Inda não.
VE.— E como creio
que é estada de chafariz!
Eu a metterei no seio.
E vós, bella mal maridada,
de las mas lindas que yó vi, (1)
sae cá fóra, sae.
Sei que sois dama encerrada;
não sei que diga por ti!
Tu, preguiçosa,
dorminhôca, mentirosa,
gulosa, mexeriqueira,
rapariga enliçadeira,
porque não és virtuosa?
BEAT.—Olhae cá, bem vos entendo!
Sou muito boa mulher,
e mau grado a quem tiver
melhor fama!
VE.— Deus querendo,
és muito boa colhér
de bons caldos mexedoira,
limpa-mosca de prazer,
aguçosa no comer,
feitibôa, (2) que lavoira
farás a quem te tiver!
E o marido que levar
tal joia como tu és,
cumpre-lhe andar dos pés,
que tu has de desperdiçar,
segundo és feita ao revez,

---

(1) Allusão ao romance castelhano *De la bella mal maridada,* de que Duran dá noticia a pag. LXVIII do seu *Romancero general.* (Tomo I).
(2) Com feitio de boa, de bondosa?

e mais quem viver verá
a volta que o mundo dá !
E verás se não me crês,
que o que não se faz no mez
pelo anno se fará,
que o que te teu padre ([1]) deixou
não no bebi na taverna.
Custado t'houvera uma perna,
fôras a mulher que sou !
Mas inda agora és moderna.
Eu não sei quem soffrerá
as têas que andas tecendo.
Beatriz, mui bem te entendo,
e ao deante se verá
se é virtude o qu'eu repr'endo.
Que quem não crê madre ([2]) velha...
Eu não te fallo gallego;
não t'enganes tu *comtego.*
Attenta quem te aconselha,
e segue pelo meu rego.
Eu dou-te o sangue do braço,
e tu não m'o agradeces;
tanto andas, tanto teces!
Que sei eu que isto qu'eu faço
ainda m'o não mereces.

BEAT.—Casae-me vós com alguem,
e sereis desabafada.

VE.—E com quem? Dize, desfaçada! ([3])
Olha, não te quer ninguem,
que és uma desenfreada,
e por essa lingua tua
te ha de vir o que has de ver.
Nunca me quizeste crêr!
Tu darás signal na rua.

---

(1) Pae.
(2) Mãe.
(3) Descarada.

Beat.—Darei; de boa mulher.
Ve.—Rógo á Virgem Maria,
que não seja eu profecia
e que saia mentirosa.
Beat.—Não hei de eu ser aleivosa.
Ve.—Pêca é quem em si confia.
Olha cá, eu te direi,
todo o viver é fadiga,
e mais nunca ninguem diga:
d'esta agua não beberei.
Digo-te isto como amiga.
Põe uma pouca d'agua 'aquecer,
mórna, não já muito quente,
para fazer o crescente [1]
essa negra, se vier.
E se quizeres escaldar
essa carne da gamella,
mette-a em uma panella;
sequer, farás um jantar,
s'os gatos não derem com ella.
Beat.—É mister que Isabel mande
a panella que levou.
Ve.—Ui! Agora lhe lembrou
a morte de João Grande, [2]
e agora lhe chegou
no cosinhar bem relargas!
Busca tu por essa casa
uma panella de uma aza,
que para isso ha cem cargas.

(Entra a negra com o parvo, com o pote quebrado, e diz:)

Parvo—Manda-me cá minha tia,
que disse... que dizia ella?
olhae que já me esquecia!...

---

(1) Crescente, fermento.
(2) Como agora dizemos: lembrar-se de Santa Barbara quando ha trovões.

Sabeis vós qu'ella dizia?
Dizia... que diria ella?!
Já me lembra! já, já, já!...
Disse que viesse eu cá,
Luzia, saber o quê?

NEGRA—Voso tia não dizê.

PARVO—Disse que a vossa carocha
quebrou o póte na rua,
e que a açoitasseis vós núa
por amor de la má ócha.

NEG.—Mim não quebrar voso porta.
Beja passa, não fallou.

PARVO—Sim, que'inha dona mandou
por aquessa mesma porca.

NEG.—Protuga santar diabo.

PARVO—Pois dizei vós quem na tem.

NEG.—Voso nunca tende bem!

PARVO—Sim, terei; mas vlo [1] rabo.

VE.—Negra, não mais aravia!
Tu me has de levar á cova!
Quebraste-me a quarta [2] nova!

PARVO—Sabeis vós onde ella se ia?
Vi-a, e não no direi.

VE.—Inda hontem lh'a comprei,
cadella! rosto d'estria! [3]
que farei? aqui d'El-Rei?

PARVO—Sabeis vós o que façaes?

VE.—Que hei de fazer?

PARVO— Que sei eu?

VE.—Oh destruidora do meu!
mui fóra de vós andaes!

NEG.—Mim trazê pote cabeça,
a rua do Forno [4] pretada,

---

(1) Abreviatura de vel-o.
(2) Cantara.
(3) De bruxa.
(4) Em Lisboa ainda hoje ha muitas travessas e beccos com a denominação de *Forno*. Veja-se *Roteiro das ruas de Lisboa* por Eduardo O. Pereira Queiroz Vellozo.

Beja, que vem carregada,
dize: «Negra, anda co'a pressa!»
Mim cahe toda calavrada.
Ve.—Quem me deu tal enxoval [1]
para meu descanço todo!
Cadella, tu és engôdo,
que nasceste em Portugal
para me pôres de lôdo,
ou não posso cuidar al.
Já me quebraste uma talha,
quatro pótes, um azado,
tudo me tens já quebrado!
Já não tenho nem migalha,
e soffrer-te é meu peccado.
Neg.—Vèl-o crupa qu'a mim tem!
Ve.—Cadella! Inda tendes lingua!
quanto a desculpa, não míngua!
Bem sei eu d'onde isto vem!
Tendes já a vergonha raza,
eu te conheço, rapoza!
Levantou-se a preguiçosa,
e foi pôr o fogo á casa.
Vós sois feita de manteiga!
Benza-a Deus esta negrinha!
I [2] peneirar a farinha,
e deitae o rolão na teiga. [3]
Acabae, cadella, asinha.

(Vae-se a negra.)

Ve.—Beatriz!
Beat.— Senhora?
Ve.— Vem cá.
Abre-me a arca dos lençoes,

---

(1) Vide nota á mesma palavra, na pagina seguinte.
(2) Ide.
(3) Medida antiga. Viterbo traz um longo artigo sobre esta palavra.

e revolve, como sóes,
e para a banda d'acolá
mette a mão logo assim.
BEAT.—Acabae: nunca vi tal!
VE.—Acharás 'hi um bragal,
e dae-o áquesse enxoval, (1)
que cinja de redor de si.
BEAT.—Quereis mais?
VE.—E já vos agastaes!
BEAT.—Sim, com tanta Beatriz.
VE.—Não fallem á imperatriz!
BEAT.—E vós porventura acabaes?!
Vós não sois como a outra gente!
nunca vos vi sem bradar!
Não ha saber-vos levar,
nem ahi quem vos contente,
e d'isto vos podeis gabar.

(Entra Pero Vaz, o pae do noivo, e diz:)

PERO—Entraremos sem bater.
VE.—Quem é o que assim despacha?
PERO—Ladrão, que furta quanto acha.
VE.—Isso haviamos nós mister,
me furtára alguma borracha...
PERO—Logo eu essa furtaria;
porém dá-se a quem na cava.
VE.—Olhae vós onde eu estava
ante que vos conhecia,
mas não vos *desemençava*. (2)
O mundo é enfadado
d'eu lá fechar e d'abrir.
PERO—Hontem quizera eu cá vir,
e não pude d'occupado;
e venho por não mentir...

---

(1) O nosso povo diria hoje *áquelle lição*.
(2) Certamente por: differençava.

VE.—Eu estava para ir lá.
PERO—Tomei logo a deanteira.
VE.—Assentae-vos n'essa cadeira,
achegae-vos para cá.
PERO—Bem estou.
VE.— Não sejaes d'essa maneira.
Aqui, o qu'eu digo não se faz.
Brado: fecha-m'essa porta, negra.
PERO—Isso é por cumprir a regra:
se queres viver em paz,
tuas portas fecharás, *et cetra.*
VE.—Não é isso nem migalha,
sou aqui atagantada!
PERO—Por isso porta fechada
tira o dono da baralha.
Is pelo meio da estrada.
VE.—Estamos n'um mundo tal,
que não fio de ninguem,
e mais não sei quem me quer bem,
nem menos quem me quer mal.
PERO—Os que tem sizo, isso tem.
Nos vos acho eu n'isso tôsca,
mas discreta e avisada,
e mais em bocca fechada,
já sabeis, não entra mosca.
VE.—Pois quem peneira e amassa
d'estas cousas sabe o centro.
Mettem a cabeça dentro
por darem fé do que passa.
PERO—A malicia e seu coentro
abasta por todalas vias.
Tomaes o melhor conselho,
e mais diz um dito velho:
foge das más companhias,
e serás de todos espelho.

(Aqui tosse Pero Vaz.)

VE.—Não vindes vós todo trigo!
PERO—Eu ando morrendo em pé.
VE.—O vosso mal de que é?
PERO—Eu não m'entendo commigo.
Sempre estou n'este marteiro, (1)
tem-me já morto esta tosse.
VE.—Curar-me-hia eu s'a vós fosse!
e enforcasse-se o dinheiro.
PERO—Já em mim não ha ter posse.
Isto me ha de tirar alma,
e de noite mais se m'aguça.
VE.—O doutor da mula ruça
vos dará são, como a palma,
ou o das sete carapuças,
que aqui anda vaganau. (2)
Tomae vós agua de pau. (3)
PERO—Pois nem a poder de chuças
sararei!
VE.— Isso é mau!
Mestre Henrique, (4) que é provado
para aquessas peitogueiras, (5)
faz curas mui verdadeiras.
PERO—Sabeis quem me tem pellado?
Mestres, (6) mestras (meu peccado!)
boticas e cristaleiras. (7)
Olhae vós como isso rima.
E' muito forte elemento.
Todo seu curar é vento,

---

(1) Martyrio.
(2) *Vaganau*—Mariola de carregar; maganão; maroto.

Assi, era-me assi;
far-vos-hão ser vaganáo;
almoça elle lá do páo.

Antonio Prestes—*Auto do procurador*.
(3) Refere-se talvez a uma decocção de mandioca.
(4) Cirurgião.
(5) Tosse. Vide na *Pratica de oito figuras* a nota á palavra *Cadarrão*.
(6) Cirurgiões.
(7) O mesmo que mézinheiras.

que a mézinha vem de cima.
VE.—Bem no vejo, e bem no *sento*.
PERO—E' muito forte contenda!
Vós ficaes, por derradeiro,
sem saude e sem dinheiro,
e sem vida, sem fazenda,
e sem alma!
VE.— E' marteiro!
PERO—Ora i dar d'elles querella!
Tenho com mestres gastados
passante de cinco cruzados.
Ora hu [1] la saude? que é d'ella?!
VE.—Elles não tem outras tenças.
São como os procuradores,
accrescentam-vol-as dôres
para endez [2] d'outras doenças,
e guaias [3] dos peccadores.
PERO—Outra para que saibais,
afóra suas receitas,
me tem levado de peitas
mais de dez tostões!... mais!
VE.—Visse-os eu com más maleitas!
Deixae-os, que é seu officio.
PERO—Mas d'elles arrenegae!
VE.—Fallemos no que nos vae,
qu'isso vem já *d'abenicio*. [4]
PERO—Fallastes a conclusão.
As cousas que de Deus são,
Deus as ordena e ajunta.
VE.—A virtude é já defunta.
PERO—Não ha reger por razão.
Mas, pois isto anda na frágua,
venho saber d'este linho,
e pois agua não vem ao moinho,

---

(1) Adverbio: Onde.
(2) Chamariz.
(3) Lamentações, queixumes.
(4) *Ab initio*.

que vá o moinho á agua,
p'ra tudo ir por seu caminho.
Ve.—Não ha mais que concertar.
Vós mandastes-me fallar
por não sei quem.
Pero— E' verdade.
Ve.—Pois saibamos vossa vontade:
vosso filho quer casar?
Pero—Sim. Com vossa filha Beatriz.
Ve.—Sabeis o que a moça diz?
Diz, mui eu lh'o aconselho,
que antes quer marido velho
rico, que a moço com dois ceitis.
Pero—Para isso eu vos direi:
eu com meu filho farei
bons sessenta mil reaes
pagos em cruzados taes,
afóra o que lhe darei,
que é de seu officio marca.
Convém a saber: rêdes, barca,
e a sua gorazeira, (1)
pranchas, sua vela inteira:
isto tendes como na arca.
E assim mais lhe daremos
fateixa, cordas e remos,
rêde-savar, sardinheira,
com seu copel (2) e maneira,
como verão e veremos.
Ve.—Pois mi'filha Beatriz Varella,
quem houver de casar com ella,

---

(1) Apparelho de pesca para apanhar gorazes. Jeronymo Ribeiro, irmão do Chiado, diz no auto do *Fisico*:

pesco uma pobre vez
para comer, és não és,
co'o anzol da gorazeira.
Vem o anzol da ribeira:
pesca cifra, leva dez.

(2) Especie de saco ou funil no fundo da rede de tralha miuda.

tem muito bom casamento.
Tem um olival em S. Bento, (1)
e um pinhal n'Arrentela,
e vinha d'aforamento.
E tem mais
tres colchões, seis cabeçaes, (2)
e um muito bom cobertor
e outro do mesmo theor,
dois pares de castiçaes,
seu estanho,
e um copo assim tamanho,
que tem dois marcos e meio;
cortinas com seu arreio,
tres esteiras e um tanho.
E tem mais, por esta guiza,
uns tres bacios de Piza,
e de fartens (3) duas bacias,
e seis boas almofias, (4)
um gral com sua mão lisa,
um enxergão,
quatro lençoes de Ruão,
e seis d'estopa curados,
oito de linho delgados,
e o mais que darão.

---

(1) Vê-se que no seculo XVI a actual rua de S. Bento era ainda terreno de cultura.

O convento de S. Bento, tambem chamado de S. Bento da Saude, começou a ser edificado no tempo de D. Sebastião. Disse-se a primeira missa na egreja na noite de natal de 1573.

(2) Almofadas de travesseiro.

(3) «Eram umas empadas de massa doce encapadas de côdea de farinha triga.»

C. Castello Branco, nas obras de Soropita.

Uma canção popular dos Açores diz ainda:

> Gallinhas e *fartes*,
> Tudo levaremos;
> Que somos de longe,
> Nada d'isso temos.

(4) Especie de alguidares.

E aquelle que vive e reina
sabe como se isto cava.
E dar-vos-hei uma escrava
que trabalha como *zeina,* [1]
amassa, e esfrega e lava.
PERO—E essa não se póde vêr?
VE.—Sim, Jesus, logo n'ess'hora.
Cadella, sahe cá fóra!
NEGRA—Siôra, nunca poder,
sá massando, sá cupada.
VE.—Cadella, já começaes?
Assim quero que venhaes,
que isso não releva nada.
NEG.—Siôra, sá farinhada.
VE.—Achegae-vos para cá.
Já vós receaes a carga!
NEG.—Esse coisa, Santa Marga!
PERO—E esta de que annos será?
VE.—Ella veio a meu poder
moça de trinta e um anno.
Não tendes commigo engano.
PERO—E agora que póde haver?
VE.—Não dirá Deus que vos menta.
Houve-a no tremor de terra: [2]
póde agóra ser essa pêrra
môça d'uns cincoenta,
salvante se a conta erra.
PERO—Quanto ha no Portugal?
VE.—Não é ella tão selvagem.
Fallae-lhe vossa linguagem,
inda que ella falle mal.

---

(1) Azenha?

(2) O grande tremor de terra de 26 de janeiro de 1531, ao qual Gil Vicente se refere n'uma carta a D. João III. Mas aqui ha confusão chronologica, accidental ou propositada. A negra devia ter trinta e um annos ao tempo do terremoto, quando foi tomada como serviçal. Teria nascido em 1500. Portanto não podia ter em 1569 só cincoenta annos.

Pero—Quanto anno? não tender?
Neg.—Voso tem grande vorôso.
Pero—Como chamar terra vosso?
Neg.—Terra meu nunca saber.
Para quê vôso pergunta?
esse cousa nunca ouvir.
Pero—Quantos filhos vós parir?
Neg.—Dôzo, trez, quatro junta.
Pero—A voso tem inda dente?
Ve.—Ainda tem os queixaes.
É moça. Vós que lhe olhaes?
Pero—Comer bem, santar, valente?
Ve—Quanto a d'isso não ha mais!
Pero—Não curemos de mais festa;
não ha hi mais que fallar.
Ve.—Vae acabar d'amassar;
deixa m'essa massa tésta. [1]
Pero—Em que havemos d'assentar?
Ve.—Eu digo que sou contente.
Pero.—E eu tambem n'isso fico:
Moça formosa, e elle rico
Ve.—Nosso senhor os accrescente.
E elle não lh'ha de achar
menos a principal peça;
e, posto que a não conheça,
eu sei bem que ha de folgar.
Pero—Deixemos nós isso agora.
Ve.—I-vos pelo noivo embora.
Pero—Assim o quero ordenar.
Ve.—Haveis logo de tornar.
Pero—Sim, vossa mercê.
Ve.— Ide embora.

(Aqui se sae Pero Vaz.)

Ve.—Beatriz!
Beatriz— Senhora?

---

(1) Forte.

VE.—Sahe cá fóra hoje, n'este dia.
BEAT.—Ora, eis-m'aqui. Que mandaes?
VE.—Não será bem que saiaes
d'esse pote d'aletria?
BEAT.—Não sei em que vos salvaes.
Não entendo vosso geito.
Tendes forte condição!
VE.—De prata vá o chinfrão, (1)
que até'gora é o feito feito.
Trazeis grande alteração!
BEAT.—Mui bem se vê a que eu trago;
diga-o essa visinhança.
Soffrer-vos é pestilencia.
Não sois mulher, mas sois drago,
sois peçonha,
que noite e dia não sonha
senão, por dae me essa palha,
cortardes como navalha!
VE.—Como se desavergonha!
Tu tens infinda razão!
Dizes verdade: assim é.
Mas ao villão, dá-lhe o pé,
e tomar-vos-ha elle a mão.
Se te eu a ti não deixasse
com tuas velhacarias,
á fé que tu me serias
tão cortez que sobejasse.
Certo não és tu a filha
que me erguesse d'onde eu cáio.
E porém *al cuida el baio,*
e al cuida quem no filha
pela alma d'este meu saio.
Agora te casarei.
Veremos como te amanhas,
cumpre-te mudar as manhas,

---

(1) Nome de uma moeda, que D. João II mandou corresse por 14 reis.

e senão, eu te direi.
Sabe que a ti só te arranhas.
O filho de Pero Vaz
é dourado como o sol,
rico, bom homem de prol,
e em quem aquésto jaz, (1)
não no risco eu do meu rol.
Bem ouviste o que passámos.

BEAT.—Eu, bofé! (2) não ouvi nada.

VE.—Porque mentes desfaçada?
Não ouviste o que fallámos?
Como és desvergonhada!

BEAT.—Eu estava lavando a louça,
e mais eu, cousa que ouça
não na me fica na memoria,
e mais será forte historia
casar eu com João da Bouça.
E ainda que elle tivesse
mais do que dizes remuito,
queria saber que fruito
fará tal homem como esse!

VE.—Não curemos nos demais.
Se vós vos não contentaes,
esse é outro cantar.
Quês tu com elle casar?

BEAT.—Farei o que me mandaes.

VE.—Tudo está na tua palma.
Não quero comtigo brigas,
nem quero depois que digas:
Mau inferno me dê Deus á alma.
E mais com taes raparigas!

BEAT.—Digo e redigo ao presente,
e redigo ainda além,
que quero casar com quem

---

(1) Aquesto, isto. Quem tem estas qualidades.
(2) Á boa fé.

vós fordes muito contente.
VE.—Isso me parece bem
Ás moças obedientes
a suas mães e a seus paes
dá-lhes Deus as fadas taes,
como depois vem nas gentes,
e além d'isso muito mais.
Tu dizes que és aqui moura!
BEAT.—Quanto a isso, Deus o sabe.
VE.—Para que seja qu'isto acabe,
tira lá essa dobadoura.
Correge aquessas cadeiras,
despeja essa casa toda,
pois tua ha de ser a boda,
ainda que tu não queiras.
Veste aquell'outra fraldilha,
e porás a beatilha (1)
que está dentro no escaninho;
e veste o gunete (2) fino,
e cinge ess'outra mantilha.
Correge muito bem tudo.
Essa negra lave os pratos,
e deita fóra esses gatos,
não façam algum entrudo
nas porcellanas pintadas.
Porás as frutas das martes (3)
e nos 'çafates bõs fartes (4)
com iss'outras girgiladas. (5)

---

(1) Touca.

(2) A *Gonella* apparece citada no *Cancioneiro da Vaticana* como um trage de panno, de que usavam as mulheres:

e fremoso pano pera gonella.

Gonete seria porventura um diminutivo de gonella.

(3) Na arcaria do Hospital de Todos os Santos, ao Rocio, havia feira todas as *terças feiras*. Ahi se vendiam os mais variados objectos, incluindo queijos frescos, frutas, peixes, etc.

Na *Estatistica manuscripta de Lisboa*, existente na Bibliotheca Nacional, encontra-se uma interessante noticia sobre a feira do Rocio.

(4) Já anteriormente annotámos esta palavra.

(5) Bolo de farinha com calda de assucar e gergelim.

E essas trutas da feira
porás por sua maneira
nos outros pratos mais grandes
e nas bandejas de Flandes,
que estão dentro na taceira. [1]

Beat.—E os bolos de rodilha,
e ess'outras semsaborias?

Ve.—Virão lá nas almofias.
E sè tu agora boa filha,
e emenda os outros dias.
E aquelle frito que eu fiz,
deixa-o estar no alguidar,
que não ha cá d'aportar.
Acaba, filha, Beatriz.

Beat.—Ha hi mais que concertar?

Ve.—E diz áquesse cadellão
que trabalhe, e não se assente,
e mais dize-lhe que aquente
agua para esse leitão;
que depenne essas gallinhas,
e os patos e os coelhos.
A casa pareça espelhos.
Que não digam as visinhas
que tenho aqui dous fedelhos.

(Entra Pero Vaz e o filho e Joanna Vaz, mulher do povo.)

Pero—As cousas bem concertadas,
as pedras parecem bem;
quanto mais quando em si tem
serem por Deus ordenadas,
passam inda mais além.
Porque este mundo, coitado,
é tal, por nosso peccado,

(1) Ou como hoje dizemos: guarda-louça.

que quem do leme descuda,
é necessario que acuda
a si, que vae afogado.
O mundo é como coceira,
se bem n'elle contemplaes:
folgaes quando vos coçaes,
e arde-vos na derradeira.
Tão enganados vivemos,
e tão fóra da estrada imos,
que se agora o não sentimos,
lá no fim o sentiremos,
se aqui não nos resumimos.
Trago-te esta conclusão,
porque diz lá Salomão
que quem não olha ao deante,
do mal que vir não se espante.
Pois tem juizo e razão,
tu inda agora és moço
e não sentes o destroço,
traz-te o mundo enganado,
não és inda exp'rimentado:
pôr-t'-hão o jugo no pescoço,
e achar-te-has salteado.
Eu e tua mãe te creamos
até esta hora em ponto,
afóra o que te não conto,
que é na vida que levamos,
que tudo tem seu desconto.
Fui sempre de ti contente,
foste-nos obediente,
como filho virtuoso:
agora, por meu repouso,
é mui bem que te accrescente.
E pois da morte não sabemos,
cada um em si aponte:
vae tudo de monte a monte,
cumpre-nos que nos velemos,
porque o mal nos não affronte.

Joanna Vaz, andae cá.
Tua mãe tambem te dirá
onde dá nossa tenção.
MÃE—Haverás nossa benção,
e Deus tambem t'a dará.
E se saes á natureza
manso homem de socego,
nós partiremos *comtêgo*
d'aquessa nossa pobreza,
e terás em nós achego.
Sempre do melhor te arrêa,
e dar-nos-has a nós descanço;
e mais o bezerro manso
mama a sua mama e a alheia.
E mais, não passe por riso,
tu és moço de bons trinta,
e, como te a barba pinta,
logo, é tempo de ter siso.
NOIVO—Eu estou sob vosso poder:
vós de mim podeis fazer
como fôr vossa vontade.
PERO—Essa é toda a verdade.
NOIVO—Pois que havia eu de dizer?
Eu não respondo aqui mais,
senão que ambos façaes
como mãe e como pae.
E o que virdes, ordenae
com que não vos 'rependaes,
porque diz: Antes que cases,
olha primeiro o que fazes.
Não te venças por riquezas,
porque as cousas que mais prezas,
ás vezes não são capazes.
Porque d'estes casamentos
ás vezes se seguem erros,
e os erros são desterros
de proprios contentamentos:
assim que n'este casar,

sem homem se aconselhar
com Deus e comsigo mesmo,
se se casa assim a esmo,
vive para mais cançar.

PERO—Tenho bem olhado a tudo.
Deixa tu o cargo a mim,
porque tu verás no fim
se o fiz como sisudo.

NOIVO—Vós tendes a faca e o queijo,
cortae por onde quizerdes,
porque tudo o que fizerdes,
outra cousa não desejo.

PERO—Esta mulher que te eu dou
é para casar c'um conde,
afóra o que mais esconde,
de que eu bem contente sou:
é virtuosa,
rica, e honrada, e formosa.
Que de bem em melhor cáias,
porque estas são as alfaias
para lhe não pôrem grosa. (1)

NOIVO—Eu tinha no pensamento
dar primeiro uma ida fóra,
porque casar-me agora
é captivar-me ante tempo.

PERO—Não t'o tôlho. Vae em b'hora.

NOIVO—Eu não digo agora isto
por nada. Bem tenho visto
que me desejaes proveito,
e por esse só respeito
n'aquess'outro não insisto.
Mas, pois vós vos contentaes,
já vos digo: Estou cruzado
e estou apparelhado
a fazer o que mandaes.

MÃE—Filho, sejaes bem logrado!

---

(1) Glosa. Não terem que dizer.

A benção de Deus e a minha
e a de vossos avós
venha, filho, sobre vós.
NOIVO—Que fazes? Vamos asinha.
PERO—Não havemos d'ir tão sós.
Espero por João Duarte,
porqu' ha homem de dar parte
d'estas cousas aos amigos,
e mais aos que são antigos,
virtuoso por sua arte.
E aprende bem: se viveres,
traze o amigo por estojo,
e se elle sentir teu nojo,
dá-lhe parte dos prazeres.

(Aqui entra o padrinho.)

PADRI.—Ora Deus vos salve cá!
PERO—Venhaes em b'hora, compadre.
PADRI.—E que é de minha comadre?
PERO—Não na vêdes? Ella aqui está!
Vós esperaes que ladre?!
MÃE—Eu cuidei que não viesseis!
PADRI.—Deixei-me assim estar em praticas,
e então pessoas freimaticas
em casa nunca quizesseis.

(Entra Affonso Thomé, Fernão d'Andrade, Filippe Godinho, mancebos.)

ANDRADE—Beijamos as dos senhores.
Não serei eu tambem socio?
Já entendo este negocio.
PERO—Somos vossos servidores.
ANDRADE—Vós sois os que vos culpaes.
Não se ha d'ir por essa guisa:
é noivo furtado á siza,
isto, ou como lhe chamaes?

PERO—A gente agora é sobeja.
Ha d'ir á porta da egreja
este domingo que vem,
e entonces será bem,
que aquessa tal honra seja.
AFFONSO—Tambem nós cá somos gentes
e honrados quanto monta,
e, se bem lançarmos conta,
além d'amigos, parentes.
E porém
aqueste descuido vem
de não sei e bem sei d'onde,
porque a mim não se m'esconde
o que é mal e o que é bem.
GODINHO—E eu não quero fallar.
Não me mandarem chamar,
sendo aqui tanto visinho!
Já is por outro caminho:
não ha hi que confiar!
PERO—Tenho esta condição:
não vos quiz dar a pressão,
que serieis occupados.
AFFONSO—Mas nós somos obrigados
só pela conversação.
ANDRADE—Mas elle, por nos não dever
virmos-lhe bailar na boda,
encobriu a festa toda.
PERO—Antes eu busco prazer.
GODINHO—Isto em que ponto está?
PERO—Agora imos para lá,
AFFONSO—Ora, pois, sus! sus!... partir!
PERO—Todavia quereis ir?
GODINHO—Para isso vimos nós cá.
PERO—Vão vossas mercês deante,
e o noivo aqui roçagante.
NOIVO—Nunca taes concertos vi!
tanto monta aqui como alli.
ANDRADE—Fallaes como homem galante.

Não sois noivo sapateiro,
que haveis d'ir por trasfogueiro ([1])
lá detraz no cú de Judas.
Porque as pessoas sisudas
hão de olhar tudo primeiro.

PERO—Oh! de dentro da pousada!
VE.—E' de paz? Podeis entrar.
PADRI.—Esse é muito bom fallar.
VE.—Venha em b'hora a gente honrada.
Ora, sus!... assentar.
Cada um tome seu assento.
não se peje a casa toda.
ANDRADE—Onde ha revolta de boda,
não se ha de ter esse tento.
VE.—Ui! sequer vós, João Duarte,
ponde-vos lá na trazeira.
Por aqui tendes cadeira;
mudae-vos d'est'outra parte,
senhor Affonso Thomé,
não se vá a estar em pé.
AFFONSO—Deixae-me vós a mim estar.
PERO—Por aqui tendes logar.
AFFONSO—Esteja vossa mercê.
VE.—Aqui vos assentareis,
ó senhor Fernão d'Andrade.
ANDRADE—Estou á minha vontade.
VE.—Acabae.
ANDRADE— Oh! não canceis.
VE.—Agasalhar todos por hi,
porque eu não tenho aqui
mais assentos ao presente:
cuidei que era menos gente!

---

(1) A acha que está por detraz das outras na chaminé. Em algumas das nossas provincias é costume, na vespera de Natal, incendiar um madeiro, e vibrar-lhe depois martelladas, apanhando o povo as brazas que saltam a cada pancada. Em Traz-os-Montes chama-se *Trasfogueiro* ao madeiro queimado n'essa noite.
Qualquer das duas accepções ajusta a esta passagem: Não sois noivo para deitar a um canto, nem para marido malhadiço.

PADRI.—Estamos mui bem assim.
VE.—Perdoae que logo venho,
dou cá dentro uma chegada,
e trarei a desposada.
PERO—Vinde logo.
VE.—Logo. Nada me detenho
PADRI.—Casar filha é gran tormento,
dez mil fazendas consume.
ANDRADE—Tem-se já tanto em costume,
que ha sentir, se agora é vento!
PERO—Cada dia se acontece,
e isto a todos empece.
Anda esta cousa tão raza,
que quem faz casa, desfaz casa
por quem lh'o não agradece.
NOIVO—Isso se dirá por mim,
oh! como isto estava certo!
AFFONSO—Isso é a quem anda mais perto.
Lá tiramos a outro fim
mais subtil e mais secreto.
VE —Luzia! Ouves, cadella?
NEG.—Siôra?
VE.— Traze cá esse gonetes
e traze-me os alfinetes,
que hir noite puz na chumela.
Olha cá. Abre essa caixa,
e tira-me a minha faixa,
que está no fundo de tudo,
e a saia do cós de velludo,
que tem alforza [1] mais baixa,
e traze-m'o meu cordão,
em qu' está atado o meu bonso, [2]

---

(1) Alforza. Cierta parte de las basquiñas y guardapiés de las mugeres, y otras ropas, que se coge por lo alto, para que no arrastren, e se pueda soltar quando sea menester. *Diccionario da Academia Hespanhola.*

(2) Devia ser um berloque, figurando talvez um sacerdote oriental. No Minho ainda hoje os cordões das lavradeiras teem berloques phantasiosamente figurados.

e isso que trouxe Affonso,
tira passo, [1] e tem bem mão.
E dentro na condessinha [2]
acharás uma rodelinha,
que é de panno d'almadraque; [3]
tem um pouco d'estoraque: [4]
traze-a cá, e vem asinha.

NEG.—Nunca achar, siôra, não.
Arca toro rebolbido,
saia santar secondido,
ou leva elle ladrão.
Toro casa a mim cata.
Jesu! Jesu! Esse diabo levar.

VE.—Cadella, se eu a vós vou!...
Quereis hoje vir de lá?

NEG.—Fradía o gonete, a mantia,
turo, turo s'ha furtado.
Jesu! Jesu! Hulo s'ha guardado!
Jesu! Jesu! Brigua Maria!
E io chave d'esse porta?
Jesu! Esse casa não tem gente!
Aquesse veia samente.
Esse candeia sá morta;
elle chama toro o dia
cadella; nunca Luzia!
Cadella, como te oio,
Cadella, deita-te moio!

VE.—Tendes grande fantasia!

NEG.—Dizê verdade esse tem.

---

(1) Devagar.
(2) Especie de cabaz com tampa.
(3) Coxim.

Sua aia em corvos marinhos
irá antre huns *almadraques*

Gil Vicente. *Côrtes de Jupiter.*
(4) Resina aromatica da arvore d'este nome.

Brada, brada, vosso bem.
Nunca voso m'intende!
Pr'o quê voso não morre?
Mim dará vosso vintem.
VE.—Tudo m'esta negra sume!
Olhade aquelle focinho!
Tomae, cadella, um testinho,
e ponde aqui um perfume.
Anda por hi adiante,
tira por aquesso manto.
Acaba, acaba, quebranto!
Sê lêda, tem bom sembrante.
BEAT.—Já 'qui sou, não bradeis tanto!
VE.—Correge essa beatilha,
e tira essas crenchas ([1]) fóra.
Ora, sus! Andar em b'hora.
Ergue mais essa fraldilha.
Ui! Olhae vós como m'eu ia!
sem véo e sem enxervia! ([2])
Achava-me tão pejada!
COMADRE—Isso não releva nada.
VE.—Que dirão? Que sou sandía!
Negra, antes que m'esqueça,
a minha beatilha põe-na,
e dá-me cá essa pelõena, ([3])
que te arma essa cabeça.
BEAT.—A fruta, quem n'a ha de dar?
VE.—Mais empecilho acharemos?

---

(1) Tranças de cabello.
Gil Vicente, no auto da *Lusitania*:

> Correge essas crenchas, filha,
> E viste-te ess'oitra fraldilha.

(2) A verdadeira orthographia é enxiravia: sóccos, escarpins. Frei Domingos Vieira.
(3) Corrupção de polaina, nome dado a uma insignia que as alcoviteiras, quando não eram degradadas, deviam trazer na cabeça.

Comadre—Mas hoje não acabaremos?
Dal-a-ha quem se acertar.
Ora, sus! comadre, andemos.
Ve.—Assim como tu chegares,
farás a todos mesura;
ficarás muito segura,
sisuda, sem te mudares.
Perdoae, que já tardava.
Pero—Isso não releva nada.
Padri.—Não tarda quem arrecada.
Affonso—Porém alguem se enfadava.
Andrade—O noivo, se se acontece,
que é mal que ás vezes acude.
Padri.—Tal seja minha saude,
qual m'a noiva a mim parece.
Beat.—Poz-lhe Deus sua virtude.
Ve.—Não curteis de duas gumes.
Fique isso para outro dia,
porque está na companhia
quem vos pedirá ciumes.
Noivo—Isso quer ser zombaria?
Ve.—Não curem de se estender,
nem haja assim comprimentos.
Façam seus promettimentos,
que ha muito que fazer.
Padri.—Fallaes como quem no sente.
Dizei, filha: Sois contente
de casar? Dizei: Sim ou não?
Beat.—Sim, sou.
Padri.— Ora, dae cá a mão,
e dizei presente esta gente,
e vós tambem não vos vades.
Declarardes vos convém.
Sois contente?
Noivo— Sim.
Padri.— Está bem:
eguaes estaes nas vontades.
Dae cá as mãos, e dizei assim:

— Digo eu, Beatriz Varella,
que por meu marido e amigo
recebo a vós, João Corigo.
Tomae agora a mão d'ella,
e dizei, como eu disser:
— Digo eu, Lourenço Corigo,
que com vontade singela
recebo a vós, Beatriz Varella,
por mulher.

COMADRE—Que fazeis? Deitae-lh'o trigo. (1)
Quiz Deus que fosseis casados.
Para que são mais trapaças?
Alçae as mãos, dae-Lhe graças.
Filhos, sejaes bem logrados!
Ella moça, e elle moço,
bem se foram ajuntar.
Por vós se póde cantar:
Deitem o noivo no poço,
se com a noiva não brincar.

(Entra Grimaneza.)

GRIM.—Manda aqui minha senhora;
que perdõe por agora,

---

(1) O trigo era, no casamento grego e no casamento romano, o symbolo da iniciação domestica da noiva no lar conjugal. *(Panis farreus; confarreatio.)*

Talvez como vestigio tradicional sobreviveu o costume de atirar trigo aos noivos.

Lê-se em Gil Vicente, no auto de *Ignez Pereira:*

LEONOR—Ora dae-me essas mãos cá:
Sabeis as palavras? si!
PERO—Ensinárão-m'as a mi,
Porem esquecem-me já.
LEONOR—Ora dizei como eu digo.
PERO—E tendes vós aqui trigo
Para nos geitar por riba?

Esta tradição conserva-se ainda em algumas das nossas provincias.

que saiba que é sua toda,
e que para ajuda da boda
manda isto.

VE.— Venha em b'hora,

GRIM.—E que lhe roga que ponha
a noiva muito de festa.

VE.—Aguardae. Levareis a cèsta.
Dize-lhe que já envergonha
de tanta mercê como esta.

GRIM.—Manda mais, vossa mercê?

VE.—Assentae-vos, filha, por ahi,
e como acabarmos aqui,
levar-lhe-heis não sei quê.
E mais quero que estejaes,
porque eu sei que vós cantaes.

GRIM.—Eu, bofé! nunca cantei.

VE.—Não já a mim, que bem no sei.

PADRI.—Não ha 'qui que fazer mais.

VE.—Não se bula aqui ninguem.
Não ha festa sem comer,
e o comer é o prazer,
e o prazer d'aquisto vem.
Comadre, soerguei-vos vós,
e levantade esses doairos. (1)

ANDRADE—Se fôrmos lá necessairos,
tambem serviremos nós.

VE.—Mana! (2) como são coçairos! (3)

(Aqui trazem as comadres a consoada: a velha e a comadre e a mãe do noivo, e a negra; e Pero Vaz lança o vinho.)

---

(1) Rosto, semblante.
(2) *Mano* era o tratamento que se dava aos afeminados, a que em Castella chamavam *lindos*. E' opinião do visconde de Juromenha, em nota ao IV volume das obras de Camões. N'esta passagem, porem, a palavra *mana* reveste visivelmente a fórma exclamativa, como se equivalesse a—Que lindesa! que graça!
(3) Corsarios.

VE.—Ora sus! de mano em mano
lançae mão e bebereis.
AFFONSO—Vós as pedras forçareis.
MÃE—Pois que vem de anno em anno,
vingae-vos.
PERO.— Mui bem dizeis.
COMADRE—Comêde ora, acabade, homem!
Comêde: não hajaes empacho.
PADRI.—Achastes vós o muchacho,
que se peja muito onde cóme?!
COMADRE—Sempre vos eu assim acho!
VE.—Vós, Pero Vaz, e o padrinho,
e o senhor Filippe Godinho...
que fazeis, Fernão d'Andrade?
Chegade, sequer! Chegade.
PERO—Peça quem quizer o vinho.
MÃE—E vós, Affonso Thomé,
lançade a mão ou o pé.
AFFONSO—N'isso sou eu bem galante.
VE.—A taça ande por diante.
GODINHO—Bebamos, pois que assim é.
VE.—Entrementes que duramos,
que folguemos, que comamos
com prazer, porém, virtude,
porque a virtude acude
á salvação que esperamos.
Olha não se quebre nada,
leva lá dentro, cadella.
A festa ha de ser refestela. (1)
PADRI.—Vós fallaes como avisada.
COMADRE—Cantae vós de terreiro,
tres por tres de cada parte.
PERO—Ordenae vós por vossa arte,
que eu quero ser o primeiro.

---

(1) Como quem diz: Festa rija; de arromba.

VE.—Eu e Affonso Thomé
e Grimaneza. Ergue-te em pé.
Vós outros lá, concertade,
o noivo e Fernão d'Andrade
e Godinho.

GODINHO— Serei, bofé!

VE.—Ora pois, sus! Começade.

(Cantam de terreiro qual quizerem, tres por tres.)

FIM

PRATICA DOS COMPADRES

INTERLOCUTORES:

Fernão d'Horta.
Brazia Machada.
Isabel.
Vasco Lourenço.
Compadre.
Silvestra.
Moço.
Namorado.
Comadre.
Cavalleiro.
Estevão.

FERNÃO—O bater vem de sisudo.
O' da pousada! O' de dentro!
Quem fôra ladrão do centro,
Que furtára grudo ([1]) e meudo!
Olá! Não ha cá ninguem?
Nunca tal vi! Está bem!
Por me não terem por curto,
eu hei de fazer um furto
n'esta capa que aqui tem.
Se é ahi mal arrecadada,
por certo que aqui a encontrem!
Assim pudéra ser outrem,
que despejára a pousada.
Tal descuido m'embeléca: ([2])
esta casa está deserta!
Bem dizem que n'arca aberta,
já sabeis, o justo pecca.
Como esta velhice é certa!
Mas... todavia,

(1) *Grudo* por graudo.
(2) O mesmo que illudir, enganar com artificios e apparencias.

não mais que por zombaria,
hei de furtar esta capa,
com que desgostem da trapa ([1])
e guardem o seu outro dia.

BRAZIA—Môça, vê quem está batendo,
quem anda lá n'essa porta.
Tu és viva, ou andas morta!
Abala-te! vae correndo!
As portas escancaradas!
Cobriram-me negras fadas
c'um quebranto que aqui tenho,
tamanho, sem ter engenho!
Que feitio, aosadas! ([2])
Vê se entrou algum ladrão.
Descansa d'ella sobr'ella,
o comer sempre anda á véla,
mas os feitos, que feitos são
da minha fresca donzella?!

ISABEL—Eu não lhe deitei aldraba.

BRAZIA—Ainda tu fallas?! Acaba.

---

(1) Por trapaça, ardil.

> Anda el-rei tão occupado
> Co'este Turco, co'este Papa,
> Co'esta França, co'esta *trapa*,
> Que não acho vao azado,
> Porque tudo anda solapa.

Gil Vicente—*Farça dos almocreves*.

(2) *Aosadas*. O Dic. da Academia Real das Sciencias dá apenas a accepção de ousadamente, fortemente; mas o Dic. da Academia Hespanhola traz, além d'esta accepção, a de certamente, em verdade, á fé.

A expressão é vulgarissima nos escriptores quinhentistas.

> ...coitadas de nós
> Que razão temos *aosadas*.
>
> Mas abasta-lhe ser frade,
> E bem Narciso *aosadas*.

Gil Vicente—*Romagem de aggravados*.

> *Aosadas* que não me esqueça
> de cá tornarem meus pés.

Antonio Prestes—*Auto do procurador*.

E qu' é da capa de teu pae?
Ora, minha alma, folgae,
e veremos quem se gaba!

ISABEL—Gabe-se quem se quizer.
Eu pul-a, comi-a, ou dei-a,
tenho-a, vejo-a, ou furtei-a?
Ou que quer isso dizer?

BRAZIA—Minha fazenda anda a risco!
Para que é vida? Levai-me,
ou senão, desaprezae-me [1]
de tamanho basilísco! [2]

VASCO—Que brados são esses lá?

BRAZIA—Que sei eu?! Sahi-vos cá
com a muita da má hora.

VASCO—Bem. A quê?

BRAZIA— Sahi-vos fóra,
porque cá se vos dirá.

VASCO—Que é isso? pergunto eu.

BRAZIA—Perguntae-o ao vosso Abel.

VASCO—Que foi isso, Isabel?

BRAZIA—Perguntae-lhe a quem vos deu
vossa capa.

VASCO— Qual capa?

BRAZIA—A d'ouropel.
Quantas duzias tendes d'ellas?!
Tendes vós mais d'uma só?
Vós sempre fôstes um Job,
por dar o vosso a donzellas.
Cada um do mal não se queixe:
eu já canso de prégar;
mas alguem se hade coçar
inda co'a mão do peixe,
e não lh' hade aproveitar.

(Sae Vasco Lourenço fóra e diz:)

---

(1) Livrar; soltar.
(2) Animal fabuloso, que matava com a vista.

VASCO—Que novidades são estas?
Sou eu algum João das Bestas,
que me fallaes cá d'outeiro?
ou sou algum malhadeiro?
ou que sou?!
BRAZIA—Não me venhaes com requestas,
que vos vão custar dinheiro.
VASCO—Mas se vós topáreis c'um homem
mais forte um pouco das gafas... [1]
BRAZIA—Não morre ninguem d'abafas:
as ameaças pão comem.
VASCO—Não me deis essas respostas,
porque vos porei nas costas
mil pancadas. Ouvis vós?
E venham vossos avós
tiral-as depois de postas.
Que a mim não se põe albardas!
O porque andaes eu o sei.
BRAZIA—E que morgados vos achei?
Negrura e capas pardas.
VASCO—Não curemos nos demais.
Saibamos porque bradaes...
Dae-me conta d'esta trapa.
BRAZIA—E onde pozestes a capa?
VASCO—Por hi.
BRAZIA—Vê por hi se a achaes.
VASCO—Não entendo essa razão.
BRAZIA—Quereis que vos falle Guiné?
Capa de vossa mercê
já levou elle ladrão.
VASCO—Estar assim muito bem!
Tal vida soffrer não posso...
BRAZIA—Havei uma escrava de vosso,
e não bradeis com ninguem.
VASCO—Ainda vós tendes lingua?!

---

(1) Gafa, gancho com que se puxava a corda da bésta para a armar. No sentido translato, plural, força, violencia. Constancio.

BRAZIA—A minha lingua que vos faz?
VASCO—Por isso sou eu capaz
deixar-vos perder á mingua.
BRAZIA—A que mingua?
VASCO— Hajamos a paz.
BRAZIA—Que culpa vos tenho eu?
E vós quereis que olhe eu por tudo!
VASCO—Se eu fôra mais sisudo,
eu tivera mais de meu.
Mas como homem não madruga
co'a vara e ramaças...
BRAZIA—Olhae, nem grado, nem graças!
Quem vos houver medo, fuja.
Pelejae com esse quebranto,
que já nunca socégo,
e não vos tomeis *comméqo*.
VASCO—E vós fazeis outro tanto,
que isto é com que eu arrenégo.
Nenhum cégo se conhece!
BRAZIA—Aquillo que vos parece?
Vasco Lourenço, enfreae-vos.
VASCO—Brazia Machada, calae-vos,
que é melhor se s'acontece;
e venha a minha capa aqui,
pois que tambem o fizestes.
BRAZIA—Buscae-a d'onde a puzestes,
porque eu certo não na vi.
VASCO—Eu digo que m'a busqueis
e que m'a deis.
Attentae no que vos fallo,
senão crêde que *San Palo* (1)
ha d'andar como sabeis.
BRAZIA—Sou muito forte e isenta,
e não sou captiva, não:
nem m'haveis de pôr a mão.
VASCO—Já começa esta tormenta,

(1) *Sam Pau*. Como se dissesse: senão o pau andará.

a lingua d'escorpião?
O diabo m'ajuntou
com tão má casta! Olhae quem...
BRAZIA—Homem grande, fallae bem.
E eu que má mulher sou?
E quem são vossos parentes?
Uns comêstros [1] de piolhos!
VASCO—Não me vades c'o dedo aos olhos,
que vos britarei esses dentes.
BRAZIA—Eu não vos fiz adulterio.
D'onde veio esse ar de duque,
que deu na cabaça o truque? [2]
quem vos deu tamanho imperio?
VASCO—Aquessa lingua d'azougue,
é um Satanaz ouvil-a!
BRAZIA—Ih! Jesu! Alcarradas a villa [3]
que beringelas [4] ha no açougue!
Vistes tal?
Casar com tal enxoval
dá o fructo que vós daes!
VASCO—Vós porque vos não calaes?
BRAZIA—Calae-vos vós, cardeal.
VASCO—Soffrer-vos é um marteiro:
andaes fóra dos pioz! [5]
BRAZIA—Homem, tende-vos em vós,
olhae que vol-o requeiro.
VASCO—E vós não agradeceis
a honra que homem vos 'cata.
BRAZIA—Aqui d'el-rei! que me mata!
VASCO—Respondei, e levareis.

---

(1) Comido; participio passivo alatinado. Constancio.
(2) Esta phrase perdeu-se da tradição popular. O truque era um jogo de cartas, e um jogo de bolas, que deu logar a varias locuções, citadas por Moraes e outros diccionaristas, mas nenhuma das conhecidas é aquella que Chiado emprega.
(3) Alcarradar é o movimento do falcão para descobrir a prêsa.
(4) Fructo vulgar. A planta pertence á familia das solaneas *(solanum melongena)*.
(5) Pioz pêa. Como quem diz andar ás soltas.

BRAZIA—Aqui d'el-rei! Acudi-me!
VASCO—Assim se faz, pois servi-me,
como uma cadella pêrra.
BRAZIA—Muita justiça ha na terra.
VASCO—Muito em b'hora, persegui-me.
BRAZIA—Não se póde supportar
tal vida tão manifesta;
nem dormirei eu com esta,
que saiba desesperar.
Eu me irei aos pés d'El-Rei
e lhe direi
cousas que não s'escreveram.
VASCO—Que já os judeus morreram?
BRAZIA—O que eu disser, eu o sei.
E quando achar o direito,
como s'agora costuma,
lá está Deus, que sabe a summa
do que é bom e contrafeito.
Que em Deus não ha differença,
senão ser mui verdadeiro.
Que aqui, buli c'o dinheiro,
e pintae vós a sentença.
Eu darei apontamentos,
que vos lancem no Brazil. (1)
VASCO—Aguardae. Preso por mil,
preso por mil e quinhentos.
BRAZIA—Deixae-me, homem.
VASCO— Ella abrange.
A vós nada vos amansa!
Ora veremos quem cança,
se o asno, se quem o tange!

---

(1) Isto é, para te mandar degradado. Alvares Cabral, quando fundeou em Porto Seguro, deixou lá *dois* degradados, diz Damião de Goes. A este facto se refere tambem Pedro Vaz de Caminha na carta a el-rei D. Manoel. Os descobridores levavam a bordo degradados para os deixar, como nucleo de futura civilisação, entre os selvagens, e do reino, logo que se estabelecia navegação entre a metropole e a possessão descoberta, eram mandados outros com o mesmo fim.

(Entra o compadre.)

COMP.—Vós outros tendes creança!
Vós sois peior que peçonha!
Havei, ieramá vergonha
sequer d'esta visinhança!
O homem de bem, olhae cá,
não lhe está bem ser sandeu.
BRAZIA—Perguntae porque me deu
esse quebranto qu' hi está!
VASCO—E vós quereis que torne eu!...
COMP.—Aquisto parece graça:
o que vós tendes no centro,
e o das portas a dentro
vos hão de saber na praça.
Calae, ieramá, calae-vos,
e embainhae-vos;
não vades com tudo ao cabo.
VASCO—Quem soffrerá um diabo!...
BRAZIA—Que vos leve, e enforcae-vos!
COMP.—Vós sois dos mui mal soffridos,
e ella peior que vós.
E vós quereis que os vossos *lós*
sejam como anjos servidos!
Virtudes tudo atalham.
Isto haveis vós de saber,
e mais, quando um não quer,
crêde que dois não baralham.
E eu tambem de vós me espanto.
Ao marido, obediencia.
Que não ha tanta paciencia,
nem quem possa soffrer tanto.
VASCO—Mulher está em preceito
que ao marido os dentes quebre?
BRAZIA—E quem levantou a lebre?
COMP.—Não. Aquillo é mal feito.
Porém a cousa está rasa:
Se brada vossa mulher,

não lhe haveis vós de tolhèr
que não brade em sua casa,
que esta regra haveis de ter.
Porque o démo anda perdido,
por achar onde se infame,
e ha de ser unha com carne
a mulher com seu marido.
E mais, vós sois mui capaz,
que isto só de vós me alegra.
E mais bem sabeis a regra
de—se queres viver em paz,
tua porta cerrarás,
ainda que não seja tua;
não te ouça ninguem na rua
o que disseres.
—O segredo que souberes,
sê tu o senhor d'elle.
—Não falles na alheia pelle,
quando te não relevar.
—Não cures de porfiar
sobre cousas que são poucas.
—Tem sempre as orelhas moucas
a puras murmurações.
—Guar'-te de conversações
suspeitosas,
arrenegadas, damnosas,
como dos vivos diabos;
e nunca julgues os cabos
pelos começos que vires.
Avisa-te, não te tires
das virtudes em que jazes.
Attenta, olha o que fazes.
Não estribes no que é vento,
e não faças fundamento
pelo que se torna terra;
nem tenhas comtigo guerra,
nem tam pouco com ninguem,
e assim por aqui além, etc.

E estas palavras são
mui muito substanciaes,
que, quanto mais as trataes,
mais gosto vos deixarão.
Que a virtude anda em destroço,
e a boa virtude somena, [1]
que havia d'andar por nomêna, [2]
de continuo ao pescoço.

VASCO—Compadre, não estaes commigo:
outra regra tenho eu,
que meu dono a meu pae deu,
e esta é a que eu sigo,
que me tenham por sandeu:

REGRA

Tua porta cerrarás
o melhor que ser puder;
—tomarás tua mulher
com bom pau,
em que te tenham por máu:
não te dê nada de nada,
dar-lhe-has infinda pancada,
como em boi de concelho;
—nunca tomes seu conselho,
ainda que te releve,
que tem a casa leve;
—em que seja Salomôa,
faze-a á sua custa boa;
—anda sempre sobre vela:
não fies a chave d'ella,
porque não seja senhora;
—não na deixes sahir fóra,
senão com tua licença,
que a mulher é pestilença,

(1) Hoje dizemos somenos.
(2) Em vez de nómina.

se lhe fazem a vontade;
—dar-lhe sem necessidade,
e olhae não na poupeis;
e mais haveis d'ordenar
que, em lh'escrevendo no ar,
vos entenda o que quereis.

COMP.—Longe ís de boa intenção:
o marido que isso faz
não deseja de ter paz,
nem quer vir á conclusão.

VASCO—Eu sou assim contumaz.

BRAZIA—Aquessa regra assim tal
cumpri-a no enxoval!
Tendes ao crucificio;
eu não vos fiz maleficio.
Ih! Jesu! mano! quem no deu!
Oh! quem pudesse fallar!

COMP.—Não vos cureis vós d'estar
em—dize tu direi eu.
Acabae de vos mudar.

VASCO—E se m'ella desadora?

COMP.—Tomae a capa e cubri-vos,
e sahi-vos
já por essa porta fóra.

VASCO—Ora, agora ficareis.
Entrevenha quem quizer,
folgae e tomae prazer.

BRAZIA—I, que nunca vos torneis.
Não hajaes medo que escorje. (1)
Ida de João Gomes seja ella,
que foi de casa na sella
e tornou no seu alforge. (2)

---

(1) Que morra de pesar.

(2) Um poeta que com este nome figurou na côrte de D. Affonso V, e tambem no *Cancioneiro* de Rezende, andando a exhibir prodigios de equitação deante do Paço de Almeirim, cahiu desastrosamente. No serão d'essa noite, os outros poetas fizeram apódos ao desastre, chasqueando do cavalleiro. E o

(Sae Vasco Lourenço e o compadre.)

BRAZIA—Vós e vosso pae, que almas!
Minha boneca, folgae
e, se quizerdes, bailae,
que eu vos tangerei as palmas.
Antes qu'eu beba, nem coma,
vós ouvireis outra nova:
não hei d'ir com esta á cova,
nem vós por pendencia a Roma.
Que, quando vos eu disser:
fecha a porta com a tranca,
que vos não façaes vós manca,
e que o vades logo fazer.
D'aqui ávante, sim, sim, si,
eu haverei meu accordo,
e far-vos-heis d'outro bordo,
ISABEL—Ih! Jesu! Nunca tal vi!
Eu não entendo esta dança!
Vós cuidareis que não *sento*
quem ha de ter tanto tento,
tento no asno, e na lança,
tento no ar, e no vento!
Não cuidem que sou de ferro,
que algum'hora farei mingua!
BRAZIA—Quem te cortasse essa lingua...
ISABEL—Não se joga cá de fero.
BRAZIA—Vós pondes-vos em pontinhos?
Oh! Quem vergonha tivesse!...
Guardae, não vos arremesse
esse pantufo aos focinhos...
Olhae-me esta lagariça,

---

caso é que desde aquella noite em deante ficou este anexim: *Ida de João Gomes, foi a cavallo e veio em alforge.*

Antonio Prestes, no *Auto dos Cantarinhos,* tambem se refere a este facto:

ida de João Gomes seja.

não ponhas aqui a gamela.
Sumiço se faça d'ella
e do saco da preguiça,
tudo em cheio c'uma barrela.
É um costume que se usa,
aosadas! que torce e fila,
mas que dará de rabo á villa
e delicto á enfusa.
Queres acabar, tarasca? [1]

ISABEL—Sempre hei de ser acanhada!

BRAZIA—Ponde ao fogo uma cenrada, [2]
rescaldareis essa frasca. [3]
Acabae, desavergonhada!...
E entrementes que eu vou
cá dentro um pouco a rezar,
dae-me outra capa a furtar.

ISABEL—Ha lá mais? Vae l'acabar?

BRAZIA—As portas não n'as fecheis,
e vereis
o ganho que d'hi tiraes!
Item: não vos lembre mais
aquillo que já sabeis.

ISABEL—O mundo todo se teça!
Soffrer mãe é um diabo,
que, se a tomaes pelo rabo,
ella quer pela cabeça.
Não entendo seus desvios,
nunca já vos chamam filhas;

---

(1) Em Tarascon (França) ainda hoje se conserva a tradição de que fôra Martha, irmã de Santa Maria Magdalena, que conseguira enfrear com o seu cinto um monstro, que devastava o paiz, e se chamava a *Tarasca*.
Esta lenda, similhante á da *Gargouille* de Rouen e da *Bête du Gevaudan*, ficou perpetuada n'uma procissão, que no domingo de Pentecostes se realisa em Tarascon, e na qual a gente da localidade conduz á porta de Jarnègues um dragão monstruoso, a *Tarasca*, dentro do qual vae um homem que o faz mover grotescamente. E' esta uma temporada de grandes festas em Tarascon.
Eis aqui está a origem de chamar *tarasca* a uma mulher feia e de mau genio. Synonimo de monstro.

(2) *Cenrada*, cinza fervida em agua.

(3) Vaso de cosinha antigo.

são como negras das ilhas,
que entendem por assobios.
Silvestra! Mana Silvestra!
Sois vós essa?

SILVESTRA— Por agora.

ISABEL—Silvestra, fôstes-vos fóra?

SILV.—Estive em cas' de minha mestra.

ISABEL—Sereis grande lavrandeira? [1]

SILV.—Bofé! Não sou.

ISABEL— Como não?

SILV.—Se vou lá um dia, dez não.

ISABEL—Quant'a d'aquessa maneira,
vosso trabalho é em vão.

SILV.—O lavrar [2] quer-se costume,
e todas as cousas a eito.

ISABEL—E com costume bom geito,
e o bom geito traz lume,
o que não é contrafeito.
E agora, que lavraes?
Ou em que vos occupaes?

SILV.—N'esses negros desfiados,
que já tenho os olhos quebrados.

ISABEL—Vós fazeis cousas reaes!

SILV.—Me tomem suas monetas. [3]

ISABEL—Mana, sabeis ponto-chão?

SILV.—Ponto-chão, e de feição,
pesponto e cadenetas, [4]
torcido e de cordão.

---

(1) Vide a nota seguinte.

(2) Bordar.

VELHA—E o *lavrar*, Isabel?
ISABEL—Faz a moça mui mal feita,
Corcovada e contrafeita,
De feição de meio annel;
E faz muito mau caião,
E mau costume de olhar.

Gil Vicente--*Farça de quem tem farelos.*

(3) Propriamente, monetas são velas pequenas, de navio.

(4) Lavor de agulha, encadeado.

Isabel—E sabeis ponto cruzado?
Silv.—E lumilho, e ponto real.
Isabel—E vós, Silvestra, sois tal,
tambem tereis nomorado?
Silv.—O melhor de Portugal!
Isabel—E quem é?
Silv.—Quem se falla vos'mercê?
Isabel—É duque, conde, ou fidalgo,
podengo, rafeiro, ou galgo?
Silv.—Não lhe deis tanto de pé!
O vosso, que lhe diremos?
Isabel—Que o meu mais alto vóga:
é tavola que não joga.
Silv.—Muito bem o conhecemos.
É o Pinto,
criado d'outro faminto,
fidalgo de rebotalho.
Venha o vosso e o meu balho,
então veremos se minto.
Isabel—Que é aquillo?
O vosso rosto de grillo
se ha de pôr em disputa;
tirar-lhe-hão a marmeluta [1]
do centro por novo estylo.
Silv.—Tal homem se ha de lembrar!
Isabel—Muito mal o conheceis.
Silv.—Ih! Jesu! Não lhe toqueis,
que está pêra para pendurar,
que até agora não ha mais!
Sei que vos cahiu em graça:
é um comesto da traça.
Isabel—Mana, enganada estaes.
Silv.—Mais enganada estaes vós.
Isabel—Bem. Em quê? Andar em b'hora.
Silv.—Não fallo mais por agora.

---

(1) Constancio diz textualmente: «S. F. obsol. T. anat. Entreseio do cerebro.»

ISABEL—Fallae, que aqui estamos sós.
SILV.—Póde ser mais semsabor
servidor,
e aqueste vosso rascão, [1]
tão parvo, tão asneirão,
e quer ser coprejador! [2]
ISABEL—Todo elle cae em commisso. [3]
SILV.—É um parvo nas estrellas.
ISABEL—Minh'alma d'ellas com d'ellas!
Tambem o vosso é remisso?
SILV.—Em quê remisso, ou como?!
É discreto a sete braças.
N'esta só palavra assomo.
a porfia d'estas chaças. [4]
Dentro no meu coração
trago uma carta qu'elle fez,
uma copra [5] do jaez
da mesma discrição.
ISABEL—Outra trago eu aqui,
tão sobeja de discreta,
que a vossa póde ser néta
da minha, e passa assi.
SILV.—Amostremol-as á gente
e lêam-se desde o começo,
e então darão o preço
a quem souber.
ISABEL— Sou contente.
SILV.—O vosso tem fantasia?
ISABEL—Não gastemos mais parola.
SILV.—Chamae um moço d'escola.
ISABEL—Lêl-as-ha o nosso Garcia.
SILV.—Não quero senão que seja
de fóra, e moço pequeno.

---

(1) Pagem; o que segue uma mulher; o que lhe faz a côrte.
(2) Auctor de coplas. Trovador.
(3) Pena judicial.
(4) Alvo da pella. No sentido figurado, altercação. Constancio.
(5) Copla.

Isabel—Eil-o.
Silv.— Ah! que *mofeno!*
e, aosadas! que sobeja.
E vèr bem quem as lerá.
Isabel—Rogae-lhe, qu'eu vos alargo.
Silv.—Deixae-me a mim com o cargo,
que tudo se bem fará.
—Meu senhor, se vos peitarem
ou rogarem,
ireis depressa, meu rei?
Moço—Ainda que ora farei
tudo o que m'ellas mandarem.
Isabel—Vós fallaes como quem sente:
beijo as mãos d'esse desdem.
E vós, mano, lèdes bem?
Moço—Assim arrazoadamente
para mim.
Isabel—Ora, emfim,
lède-nos estas cartinhas.
Moço—Que me praz, minhas rainhas.
Silv.—E vós sois-me tão Merlim! (1)
Asinha vos veio a febre:
sois-me d'estes lagarteiros, (2)
e fedeis ainda aos coeiros,
e já sabeis quem tem lebre!
—Ora lède, se souberdes,
esta carta que vos dou.
Moço—Eu, cujo captivo sou,
mandae-me quanto quizerdes.
Silv.—Lêde vós essa primeiro,
que são trovas.

---

(1) Famoso encantador e feiticeiro do cyclo armorico. Attribue-se-lhe um livro de *Prophecias*, que fazia parte da bibliotheca d'el-rei D. Duarte, de Portugal. O nome de Merlim está ligado á tradição cavalheiresca da *Tavola redonda*, como se vê da *Historia de Merlim*, de Roberto de Baron. Consultem-se tambem, a seu respeito, as monographias de Heywood *(Vida de Merlim)* e de Villemarqué *(Merlim o encantador.)*
(2) Manhosos. (Constancio.)

Depois ouviremos novas
d'ess'outra por derradeiro.
—A das trovas é a sua,
logo achareis ensoada.
MOÇO—Senhora, mais moderada;
não vos amostreis tão crua.
ISABEL—Ora lêde, e acabae.
SILV.—Lêde de vosso vagar.
Primeiro ha de soletrar
mesmo o que na carta vae.

(Lê o moço as trovas.)

MOÇO—«Trovas por modo galante
e estilo soberano,
feitas a um desengano
por um discreto amante,
em saber
o que não se póde crêr,
mandadas a sua dama,
e não diz como se chama
para o ninguem entender:

TROVAS

Senhora, minha senhora,
senhora, cujo captivo
fui e sam, [1]
com seus olhos, matadora,
me tem morto, sendo vivo,
com paixão.
Novas de mim vos darão.
Dar-vos-hão mui certas novas
d'este vosso,
vosso é meu coração,
o qual contar-vos em trovas
nunca posso.»

---

(1) Sou.

—São parvoices com cãs.
SILV.—Olhae-me a semsaboria!
ISABEL—Mas afóra zombaria,
não vão muito cortezãs?
SILV.—E como vão
cheias de discrição,
assim como essa parede!
ISABEL—Ora crêde
que a inveja é perdição!
SILV.—E que inveja hei de ter?
ISABEL—Minh'alma, não m'o negueis.
SILV.—Escutae a carta, e vereis.
ISABEL—Isso quero agora ver.

(Lê o moço a carta.)

CARTA

Senhora. — Sou tão remoto e entregue a descontentamentos e a cuidados, que da parte da vossa esquivança me vem, que não é em mim poder viver, ou, ao menos, poder-vos declarar os muitos enganos que me fazeis a troco do muito que vos quero. Não sinto que sinta, para que sintaes o muito que sinto; mas faço conta que nasci para vosso, e não posso dissimular tanto estas dôres, que m'as não enxerguem vossas saudades no rosto. Com esta vos tenho já escriptas quatro, sem de nenhuma vêr o retorno, que era a vossa muito desejada resposta, para me por ella reger ao tempo de vossos descuidos. Peço-vos, minha senhora, que respeiteis meu muito soffrimento, e que vos deis por entregue da má vida, que por vos ser leal padeço. E em pago d'esta fé, não quero mais qua a terça parte do que vós, minha senhora, achardes que vos mereço e me deveis: cujas mãos beijo, etc.

SILV.—Ora, olhae-me a differença,
que vae das trovas á carta!
ISABEL—Silvestra, nunca sois farta,
sois peior que pestilença!

Pôr-se a carta com as trovas,
isso tem?
Moço—A carta parece bem.
Silv.—Isabel, ouvi estas novas.
Isabel—Porventura elle é alguem?
Moço—Isso é muito que tocar!
que! que! que!
abrande vossa mercê!
Isabel—Isso haveis vós de gabar.
Moço—Essa cousa não vê?
Isabel—Ide em b'hora, meu senhor.
Não haveis de ser juiz.
Moço—Senhora, eu que vos fiz?
Isabel—Não sejaes tão sem sabor.
I-vos em b'hora, acolhendo,
e deixae pensamentos vãos.
Moço—Senhora, beijo essas mãos,
porqu' eu vos vou entendendo.
Isabel—Mas gabe-lhe o namorado,
seu enxoval da fronteira.
Silv.—Isabel, sois tençoeira,
não deis de vós mau recado.
O meu secco andar da rua,
e o vosso de dez sobrados;
mas, por escusarmos brados,
vou-me, e saiba que sou sua.
Isabel—Tornae cá.
Silv.—Bofé! Não tornarei eu lá,
em que me façam condessa,
e vós, mana, sois-me essa;
alguem s'arrependerá.

(Vae-se Silvestra, e entra o namorado.)

Namorado—Olá! Só estaes, senhora?
Isabel—Ih! Jesu! que medo que houve!
Namor.—Por que minh'alma vos louve,
não mateis quem vos adora.
Isabel—Dizeis que vos mato eu?

NAMOR.—Perguntael-o a mim de mim?
ISABEL—Pergunto.
NAMOR.— O seraphim
porque m'engeita de seu?
ISABEL—Sede de quem vos cobiça,
e ser-lh'-heis melhor acceito.
NAMOR.—Porque não m'olhaes direito?
ISABEL—Vós tendes muita justiça.
NAMOR.—Rides, e eu arrenégo.
ISABEL—Ora não sejaes tão tedro.
Mana! d'onde veio a Pedro
fallar agora gallego?
NAMOR.—Abasta, que me chamaes
gallego, malo villano:
fólgo com tal desengano.
Mas... cuido que vós zombaes.
E mais, e mais tende por certo
que sois, que sereis um anjo.
ISABEL—Bonitinho estar laranjo!
Tinheis-me aquisso encoberto!
Já não ha nenhum marmanjo!
NAMOR.—Pondes-m'as mãos pela massa,
e fazei-vos d'outro bordo.
ISABEL—Senhor, havei vosso accôrdo.
NAMOR.—Accôrdo? O mal que me cança?
ISABEL—Quem vos deu essa canceira?
NAMOR.—Quem, ainda que não queira,
é anjo no quarto grau.
ISABEL—Não é isso muito mau.
Vós sois-me d'essa maneira?
NAMOR.—De zombarias, nem tantas!
ISABEL—Vós sois Macias [1] nas vêas.

---

(1) Macias é o prototypo dos trovadores. Não se sabe ao certo se foi gallego ou portuguez, postoque Juan de Mena o indique como castelhano. Fo. fidalgo da casa de D. Henrique de Villhena, Mestre da ordem de Calatravai Apaixonou-se por uma dama, casada com um cavalleiro do Mestre. O marido infeliz queixou-se a D. Henrique, porem Macias reincidiu no delicto amoroso, pelo que o Mestre o mandou encerrar na torre de Argouilha. Mesmo do

NAMOR.—Ou Macias ou más ceias,
ou mal cómes ou mal jantas,
senhora, não sois das feias.
E não digo d'isto mais,
e olhae que não percaes
el amor que nos tenemos.
ISABEL—Tinha-vos em muito menos.
NAMOR.—Senhora, vós me minguaes.
Sois lua que míngua e cresce.
ISABEL—Não é muita maravilha.
NAMOR.—Sem mantilha e com mantilha
ella sabe o que parece.
ISABEL—Quem vos deu tal liberdade?
Fallaes-me assim tão seguro!
NAMOR.—Se meu mal achasse furo,
alguem diria a verdade.
ISABEL—Declarae-me esse achar furo:
não entendo d'isso nada.
NAMOR.—A malvada!
Não me entendeis vós tão puro!

---

carcere, Macias continuava enviando versos galantes á dama. Soube-o o marido e, montando a cavallo, dirigiu-se á torre de Argonilha. Quando ali chegou, conta a lenda que estava Macias sentado a uma janella cantando trovas, ao som da theorba, em honra da *sua* dama. O marido, allucinado de ciume, arremessou uma lança, que se foi cravar no peito de Macias, ao qual, por memoria de suas aventuras amorosas, pozeram este epitaphio. «*Aqui yace Macias el enamorado.*

Poeta do amor, Juan de Mena celebrou no seu poema *Labyrintho* a triste sorte d'esse enamorado trovador, que ficou como sendo o typo lendario do poeta amante, Macias, a quem Gil Vicente mais de uma vez se refere nos seus autos.

Exemplo:

Não sejas vós tão Mancias,
Que isso passa já d'amor.

Farça dos almocreves.

Veio amor sobre tenção,
E fez de mim outro Mancias.

Farça do velho da horta.

Em todo o *Cancioneiro* de Garcia de Rezende pullulam allusões a Macias ou *Mancias.*

Achar furo quer dizer
achar caminho a meu mal,
o qual é tão desegual,
que extranha todo prazer.

ISABEL.—Ora, fallemos em al.
Bem vos entendo, cossairo!
não m' estejaes lisonjando.

NAMOR.—E eu, por cujo honrando
não tinhaes d'isto o contrairo.

ISABEL—Vem meu pae. E mais ouvi-me,
e senti-me.
Perguntae-me alguma cousa.

NAMOR.—Dizei, senhora, onde pousa
aqui um escrivão do crime?

ISABEL—Não sei, bofé.
Pergunte vossa mercê
esses visinhos por hi.

VASCO—Que busca este homem aqui?

ISABEL—Pergunta por não sei quê.

VASCO—Por não sei quê que será?

NAMOR.—Pergunto por um escrivão,
que se chama Thomé Leitão.

VASCO—Não sei; por hi pousará.
Isto ha mister que ande
d'outro geito desd'agora,
e vós não saiaes mais fóra,
porque sois um pouco grande.
E vós haveis de fallar
com ninguem, e á porta aberta,
e estardes em referta
co'os que passam.
Passe esta: quero calar.
Vós não falleis com ninguem,
nem ninguem falle comvosco,
que eu ainda não sou tosco,
que vos não entenda bem.
O ensinar-te eu a ti
é prégação em deserto.

Quem na virtude anda certo,
elle mesmo vela a si.
N'aquelle preceito aferra
que diz obedecer
ao pae, se qu'es viver
sobre a face da terra.
E debaixo d'isto jaz,
que quem quizer pela paz,
terá paz com Deus, c'o mundo,
comsigo, que é bem, segundo
se vê no fructo que faz.
Não sabes onde t'alastras:
a honra é de gran valia,
que, se um pouco se desvia,
lá vae o ruço e as canastras!
E a filha que má sae,
e tem a virtude na borra,
ainda que o sangue lhe corra,
a ferida é de seu pae.
Porque o mundo está em estilo:
Seu pae tem culpa n'aquillo...
Se elle a castigára...
De modo que abrange a vara
ao pae, se quer resistil-o.
Do que vos tenho prégado
fazei, em que não queiraes,
e senão vos perdeis mais,
que eu não sou mais obrigado
Qu' é tua mãe?

ISABEL— Está rezando.

VASCO—Veio alguem em busca de mim?

ISABEL—Não.

VASCO— Não lhe digas que aqui vim,
que aqui ando passeando,
porque eu não ando fugindo,
senão sómente ao bradar.
E mais não quero accordar
ora o cão que jaz dormindo.

(Sae Vasco Lourenço e entra a comadre, e diz:)

COM.—O' de casa!
ISABEL— Mas, ó de lá!
Quem é?
COM.— Sou gente de paz.
ISABEL—Quem sois?
COM.— Sou Leonor Vaz.
Minha comadre está cá?
ISABEL—Lá está dentro na cosinha.
COM.—Sei que está ensaboando.
ISABEL—Não, bofé!
COM.— Está amassando?
ISABEL—Não nos deram hontem farinha.
COM.—Assim fui esta semana:
levei lá uns tres alqueires,
e elle: não has nem queres.
Foi o asno d'Arrifana.
BRAZIA—Quem falla comtigo, Isabel?
ISABEL—Senhora Leonor Vaz.
BRAZIA—Leonor Vaz?
COM.— Que vos praz?
BRAZIA—Dou-vos ao anjo Gabriel.
E que vinda foi agora esta?
COM.—Venho a saber d'esta festa,
do negro vosso marido,
que para nada não presta.
Eu bem vos ouvi gritar;
mas quizera cá acudir,
e por m'elle não sentir
o deixei.
BRAZIA— Que m' houveram de matar;
já em mim não ha ter força!
COM.—Hi! que vós o mereceis!
BRAZIA—Porquè?
COM.—Que não no ceveis,
assim como pato em corça. (1)

---

(1) Capoeira. Moraes.

BRAZIA—Coitada! Manso o dizeis.
Eu, noite e dia cansando,
e renegando
por lhe ganhar um real,
e o negro enxoval
anda por hi passeando!
E com dois alqueires que amasso,
quer que tenha a casa cheia!
COM.—Que marido, e que prêa!
BRAZIA—Ui! Comadre, fallae passo,
não me dê sequer má cêa.
Parece-me que se achasse
quem m'este démo amansasse
assim como eu quizesse,
que alma e vida lhe désse,
e mais, se mais me custasse.
COM.—E como creio que é assim,
casei com uma má ventura,
que não tem remedio nem cura.
E' um leão para mim.
Suspeitoso,
sotrancão, (1) malicioso,
a mesma peçonha mera,
um drago e besta féra!
Elle sempre anda de ponta.
Até as gallinhas me conta
e o pão no taboleiro!
Elle é o thesoureiro.
Faz-se tão grande senhor,
que não venha o imperador
d'alta Hungria!
Tem tamanha fantasia!
Tão parvo e tão cebôlo,
sem cabeça e sem miôlo,
no bem um *taloubolou!*
E' dos que o démo empenhou.

---

(1) Dissimulado. Constancio.

Comadre, que vos direi?
Nem é christão, nem tem lei
uma condição tão crua,
que até as pedras da rua
lhe querem mal fidagal! ([1])
BRAZIA—Vêde, assi é o meu enxoval.
COM.—Comadre, não me digaes,
o vosso já falla e ri;
mas o meu buscae por hi!
BRAZIA—Pois porque não no amansaes?
COM.—Isso vos vou, e ouvi:
Vi-me tão atagantada
d'aquesto negro quebranto,
que faço?... Cubri o manto,
e desço-me pela escada.
E dou commigo em S. Vicente
de Fóra, em hora boa,
em casa d'uma pessoa,
que o faz a pouca gente,
e digo:
Quero amansar um imigo,
que a isso venho cá,
e conto-lh'o *pé-á-pá*,
que a meu confessor não digo.
Quero que me façaes mudo
aqueste alão de fillar, ([2])
que a vida vos quero dar,
alma, e fazenda, e tudo.
Diz: Porventura quereis
uma boa beberagem,
com que falle outra linguagem?
—Digo-vol-o que m'a ensineis,
por pouco que me vós deis,
vol-o tornarei selvagem.
Diz: Isto é o qu' haveis de fazer:

(1) Figadal.
(2) Cão de fila.

tomareis uma panella,
e não mettereis mais n'ella
que quanto vos eu disser:
Os olhos do gato preto [1]
e o coração do gallo;—
attentae no que vos fallo
e tende-me isto em secreto,
que com isto o mundo abalo.
—E tomareis um morcego
em nove aguas bem lavado,
e as unhas do enforcado;—
que isto é para andar cego
por vós, e embasbacado.
—E tomae as pennas da gaivota,
e as tripas, e a fressura,
e dê tudo uma fervura
com uma posta de peixota. [2]
E depois arredal-o-heis;
que esfrie um pouco. Ouvis?
E coae-os por uns mandís [3]
novos, que hi achareis,
e aquillo que ficar
ponde-o a seccar n'um forno,
e tomae a ponta d'um corno
d'um boi manso de lavrar,
e pisae tudo n'um gral
ao luar da quarta-feira,
e coae-o por uma peneira
nas costas d'um alguidar.
E depois d'aquisto feito,
dae-lh'o a beber no vinho,
e mettel-o-heis a caminho,
e fal-o-heis andar a direito.

---

(1) O gato preto entrava sempre nos sortilegios do seculo XVI, como se pode vêr tambem no *Auto das fadas* de Gil Vicente. Os animaes davam um forte contingente á feiticeria. Chiado recorre ao morcego e á gaivota, como Gil Vicente á coruja, ao corvo, etc.

(2) Pescada.

(3) Panno grosseiro.

(Torna a entrar Fernão d'Horta, e diz:)

Fernão—Prendem quem aqui se acolhe.
Brazia—Vê quem é. Já traz focinho!
Isabel—Fernão d'Horta, meu padrinho.
Brazia—Entra em b'hora. Quem lh'o tólhe?
Tapa-lhe alguem o caminho?
Fernão—Quem é discreto, e quem viu,
ha de bater antes que entre.
E isto trago eu do ventre
da mãe que me a mim pariu.
Qual é a besta d'atafona,
que não diz: Olá! sou eu!
Brazia—Vós fazeis como quem deu
bom couce em ventre de dona.
Fernão—Ah! Segundo o mundo vae,
e a malicia é sobeja!
Não quereis vós que vos veja
vossa mãe nem vosso pae.
Que nós outros portuguezes
não acho um só que me quadre.
Brazia—Perdoae-me vós, comadre.
Vejamo-nos muitas vezes,
que tenho que vos fallar.
Com.—Pois quando quereis que seja?
Brazia—Vejamo-nos na egreja,
domingo ante do jantar.

(Vae-se a comadre.)

Fernão—Ora bem! Onde é que é d'elle?
Brazia—Foi passear ao Terreiro, [1]
que já é negro escudeiro.
Fernão—Pois cumpre-lhe mudar a pelle;

---

(1) Do Paço. Diz Rebello da Silva: «Ao terreiro, que se rasgava defronte do paço (da Ribeira), concorriam a pé e a cavallo os fidalgos e os burguezes, convidados mais que tudo no estio pela frescura das brisas maritimas.» *Hist. de Portug*, tomo V.)

que quem ha d'andar em paço,
ha de ser a mesma summa.

BRAZIA—Não é elle, ferve-o com a escuma,
é fidalgo do retraço. (1)

FERNÃO—Em que s'occupa, ou que faz?

BRAZIA—Que faz? passeiar por hi.

FERNÃO—Eu nunca tal casa vi;
nunca já estaes em paz!

BRAZIA—A culpa a quem na darão?

FERNÃO—A ambos de dois a dou.

BRAZIA—Mal peccado! eu sempre sou
a culpada, sem razão!

FERNÃO—E agora como estaes?

BRAZIA—Assim como o cão c'o gato.

FERNÃO—Eu, quando me não precato...
Sobre nada pelejaes.
E sobre que foi a peleja?

BRAZIA—Que sei eu? Tomado seja
de trezentos mil diabos!

FERNÃO—Que começos para cabos
de quem nos tambem deseja!

BRAZIA—Estava a porta egualada,
e entrou em hora minguada,
que nunca falta, um ladrão;
levou a capa na mão,
e desceu-se pela escada.

FERNÃO—Na casa onde ha recado
o mesmo ladrão morre á fome,
e mais o gato não come
senão o que é mal guardado.
Que se eu quizera furtar
quanto aqui está a barrisco,
que viera San Francisco,
não m'o viera estorvar.
Porque eu bati d'enfadado,
e estive feito braza,

---

(1) Hoje dizemos—*de meia tijella,* ironicamente.

e entrei n'aquesta casa,
e estive ahi assentado
mais d'uma hora,
e tornei a sahir fóra,
e tornei a entrar dentro.
Descuidos com seu coentro...
não vos vi senão agora!
Não são descuidos pequenos,
e os que o máu azo destapa.
Porém eu furtei a capa,
que vós cá achareis menos.
E, se quizera, a furtára;
e levára
até as telhas do telhado.
Outr'hora melhor recado
ponde no que nunca sára.

BRAZIA—Logo me deu na vontade:
não és tu ladrão de longe

FERNÃO—Pudéra ser outro monge,
que furtára de verdade.

BRAZIA—Cumpre-me agora dizer
que achei detraz d'uma arca,
porque elle é de marca
para alcorjar e morrer.

VASCO—Não se fechará esta porta,
nem por mais que homem ladre?

BRAZIA—Se está cá vosso compadre...

VASCO—Qual compadre?

BRAZIA— Fernão d'Horta.

VASCO—Esteja em b'hora

FERNÃO—Bem me tomaes vós agora
aqui com o furto nas mãos.

VASCO—N'isso somos como irmãos,
e não me tóco d'espora.
Ha muito que cá estaes?

FERNÃO—Eu inda agora cheguei,
e nunca me tanto enfadei,
como n'estes dias taes.

Brazia—Em dia santo achaes-vos
mais morto que na semana,
e com quanto homem afana.
Vasco—Pois ao domingo enfadaes-vos,
que é outra tranquitana.
Brazia—Ficae co'a benção de Deus.
Fernão—Nosso Senhor vá co'ella.
Vasco—Se lhe achareis a tréla,
víreis cahir estes céos.
Se os homens são *anfarismos*,
as mulheres Satanazas,
e se ellas tivessem azas,
voariam aos abysmos.
Fernão—*Liber generationis* da mulher,
que são, convem a saber:
as d'agora *genuit*
tanta malicia em extremo,
e a mulher rema sem remo
com outros quaesquer por hi.
Genuit cem mil mentiras:
fazem do branco vermelho.
Maldito que em seu conselho
não fizesse tudo em tiras!
É fallar no escusado
metter mulher a caminho.
Provastes já o vosso vinho?
Vasco—Sim.
Fernão— Como está?
Vasco— Arrazoado:
Os vinhos d'est'anno são
verdetes.
Fernão— Não lhes choveu;
que vinho tive eu do céu,
a canada de tostão.
Vasco—Tendes d'elle?
Fernão— Já morreu.
Quando homem ahi se achega,
adubar, e quando em empo,

peço a Deus vindima a tempo,
que me luza bem na adega.
Mas façamos San Martinho.
VASCO—Todavia bem será.
Brazia Machada, mandae cá
um copo com d'esse vinho.
BRAZIA—Eil-o vae.
Isabel, leva a teu pae
esse vinho do pichel.
VASCO—Deita no copo, Isabel.
BRAZIA—Tanto mandar acabae!
VASCO—Ai, da pucha! Que manceba!
Começae com vossos feros!
Mandae cá um par de peros:
sobre comem se quer beba.

(Aqui chega Isabel com o vinho e diz Fernão d'Horta:)

FERNÃO—A ninguem por bom asselles,
a côr está rubicunda.
Quem se n'estes vinhos funda
é ruim alveitar d'elles.
Todavia tem bom cheiro.
Vejamos sua maneira:
e como sabe a madeira,
vale muito pouco dinheiro.
Assopra de fóra, se abre.
Em que está este?
VASCO— N'um quarto.
FERNÃO—Nunca elle morre de parto,
salvo se faz pellojame.
Mas todavia tem mau saibo.
VASCO—Por vossa vida!
FERNÃO— Pardelhas! [1]
Vinho de duas orelhas
assentae que nunca é taibo. [2]

---

(1) Expressão exclamativa: Á fé, em verdade.
(2) Insipido.

VASCO—Não no acho bom nem mau.
FERNÃO—Ora tendes bom sojorno. ([1])
Tirae vós pelo torno.
VASCO—Não. Senão pelo argau. ([2])
FERNÃO—Olhae-me essa paciencia:
com menos d'aquisso affronto!
Perdeil-o de todo o ponto
por *parisma* e negligencia.

(Torna a entrar o compadre.)

COMP.—A bom tempo venho eu.
Pró faça. ([3])
FERNÃO— A quem comer.
COMP.—Não sei. Vejo-vos beber.
VASCO—Se bebo, bebo do meu.
COMP.—Como elle falla de papo!
como vos isto está feio!
Cômo eu logo do alheio?
Avarento como sapo!
FERNÃO—Ora vós tendes vontade
de bradar!
COMP.— Com quem, ou quando?
FERNÃO—Está meu compadre zombando,
e elle toma-o de verdade!
COMP.—Eu tambem não estou singelo.
Já má hora andei em paço.
FERNÃO—Paço? Chamo-lhe baraço,
para quem quizer soffrel-o.
Viestes á conjuncção,
a melhor que nunca vi,
que haveis de provar aqui
este vinho de Monção.

---

(1) Morada, habitação.
(2) Argao. Pedaço de canna com os nós superiores vasados, com que se tiram amostras de vinho ou de outros liquidos de pipas, toneis, etc. Constancio.
(3) Como quem diz: bom proveito.

Comp.—E elle é tal?
Vasco—O melhor de Portugal!
Comp.—Este vinho está malato.
Vasco—São fundagens ([1]) de Gil Pato,
e vem-lhe parecer mal.
Comp.—Este vinho é Campolide.
Fernão—E porque não Caparica?
Comp.—Vinho vendi eu á bica,
que d'outro melhor vos ride.
Vasco—Tendes vós vinhas mui grandes,
e é melhor vender em mosto.
Comp.—Os meus vinhos são de posto,
que vos rides de mais Flandes.
Fernão—Deixemos vinhos agora.
Que será bem que façamos?
Nem jogamos, nem folgamos?
Vasco—Joguemos logo n'ess'hora.
Fernão—Falta-nos um companheiro!
Vasco—Elle é o Tejo que é mau d'agua.
Não nos ficará essa magua:
nunca faltou João d'Aveiro.
Comp.—Quem é esse matasanos? ([2])
Vasco—É um cavalheiro, honrado
commendador.
Fernão— E é casado?
Vasco—Casado ha dez mil annos.
Fernão—É de Christus a commenda,
ou San Thiago?
Vasco— É d'Aviz.
Fernão—Commendador em ceitis
é o que a traz sem renda.
Ja não ha virtude fixa
pela maldade do povo;

---

(1) Bôrras.
(2) Medico imperito. E' um castelhanismo.

No son los doctores matasanos,
Sino los processos y el escribano.

(Quevedo).

nem achareis christão-novo,
que não traga lagartixa.
E cada um em seu effeito
é um diabo infernal.

COMP.—Pois em logar de signal
trazem essa cruz no peito.
Porém fallemos em al.

VASCO—Quereis que vamos chamar
este escudeiro que digo?

FERNÃO—O mandae: será commigo.

COMP.—Porque? Não sabeis jogar?

VASCO—Estevão, moço, que vos praz?
que estaes lá empardeado? [1]
Dizei: não ha ter recado
de nada? Fallae, mengaz!
I a este canto fronteiro,
e perguntae por João d'Aveiro.
Dizei ha cá jogo arreio. [2]

MOÇO—O homem que hontem cá veio?

VASCO—Esse. Acabae, malhadeiro.
E que está aqui um senhor
muito grande jogador,
que me tem desafiado,
e que será mantenedor.

FERNÃO—Elle pousa longe ou perto?

VASCO—Sahindo, duas passadas.

COMP.—Tendes cartas? [3]

VASCO— Faltam-lhe duas espadas! [4]

---

(1) Emparedado.
(2) Arreio, adv. antiq., sem interrupção.
(3) Os jogos de cartas estavam muito em moda em Portugal no seculo XVI, como se vê de Gil Vicente e Antonio Prestes. Os *naipes,* como então se chamava ás cartas, vinham da Andaluzia. Diz o Diabo no auto da *Feira*, de Gil Vicente:

> E trago de Andaluzia
> Naipes, com que os sacerdotes
> Arrenegueim cada dia
> *E jogam té os pelotes.*

(4) Dizemos hoje *dois de espadas* Mas no seculo XVI dizia-se *duas copas*

Fernão—Nunca tendes jogo certo!
Comp.—Já haverão mister barrelas?
Vasco—Tenho-as n'uma arca mettidas.
Fernão—Como serão conhecidas!
Vasco—Assim jogamos com ellas.
Comp—Ora mandae-as trazer
vestidas em suas martas. (1)
Vasco—Isabel, dá cá essas cartas.
Eil-as aqui. Que dizer?
Fernão—Oh! Jesu! Como estão Job! (2)
São muito substanciaes...
Vasco—Que diabo! As contaes!
não falta mais d'uma só.

(Entra o Cavalleiro, e diz :)

Cav.—Boas noites cá festejam
ao som de tal fogueira!
Vasco—Venha para esta cadeira.
Cav.—Estae, senhores. Estejam.
Eu juro por vida minha
que o al é zombaria.
Vasco—Sempre homem n'este dia
deita mais uma sardinha.
Cav.—Está isto de maneira,
que vos direi que não venha
o turco! D'onde haveis tanta lenha?
Vasco—D'aquessa Ribeira.
Cav.—Eu comprei um pouco de cisco,
assim a peso de dinheiro,
em que entrava um trasfogueiro (3)

---

em vez de dois de copas, *tres paus* em vez de tres de paus, etc. Camões fez um improviso a *umas senhoras, que jogando perto de uma janella, lhe cahiram «tres paus»*, e deram na cabeça do poeta.

(1) As capas dos baralhos.

(2) Como estão Job, quererá dizer que estavam miseraveis, o que parece ser confirmado pelo verso seguinte: São muito substanciaes. Substanciaes, ironicamente, por gordurosas.

(3) Vide nota a esta palavra no *Auto das regateiras*

com alcepa de lentisco.
É muito grande canceira
comprar cargas.

FERNÃO — Não é nada;
como compraes barcada,
estaes a pão de padeira.

CAV. — Hontem ao junco no cáes
era todo Portugal, (1)
e não parece Natal
sem junco.

COMP. — E vós zombaes.
A *festa* já não é nada
sem candeias, (2) verdes, (3) junquete,
coscorões, cidra, fartete,
pinhões, figos, girgilada, (4)
e com pedras de vinhete, (5)

---

(1) O junco tinha grande consumo para o fabrico das esteiras. Gil Vicente diz na *Farça dos almocreves:*

> Moça formosa, lençoes de veludo,
> *Casa juncada,* noite longa.

Rebelio da Silva, na *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal,* escreve: «Em Alcacer do Sal cortava-se o junco branco e tenuissimo, de que se teciam as esteiras, que forravam no verão o pavimento das casas, e que os poderosos de outros reinos mandavam ir para alindarem as salas, porque sua frescura, o aprazivel dos matizes e lavores, e a commodidade do preço as tornavam um ornamento barato e curioso.»

(2) As candeias figuram ainda hoje em alguns arraiaes da Senhora chamada das Candeias (2 de fevereiro) como por exemplo no Lumiar, arrabalde de Lisboa. No *Cancioneiro da Vaticana* ha muitas allusões ao costume popular de accender candeias. Em Faro, pelo S. Sebastião, a gente do povo sae para a rua com côtos de velas espetados em paus e cannas, e resguardados por um guarda-vento de papel. Em Gôa, no seculo XVII, ainda subsistia o costume de illuminar as ruas com lanternas pelo Natal.

(3) Verdes tanto póde referir-se a folhagens esparsas pelo chão como a uma comida muito indigesta, que se fazia com sangue de porco ou de boi, temperado com varios adubos. (Herculano, *Panorama,* III, pag. 303.)

(4) «E digo que n'esta cidade 15 dias ante Natal até dia dos Reis se põem 30 mulheres na Ribeira e Pelourinho Velho com suas mezas cobertas de toalhas e manteis muito alvos e em cima d'ellas: gergelim, pinhoada, nogada, marmelada, laranjada, cidrada e fartens e toda outra sorte e maneira de conservas» (*Estatistica manuscripta de Lisboa, existente na Bibliotheca Nacional.* 1552).

(5) Vinho fraco. Constancio.

e mascarra de cortiça, [1]
e outras cousas que calo,
e vir da missa do gallo,
e almoçar linguiça.

---

(1) Jeronymo Ribeiro, irmão de Chiado, descreve, no *Auto do Fisico,* um jogo de prendas em que havia a *mascarra* como penalidade. Póde ser que se refira a esse ou a outro entretenimento similhante. Em todo caso é curiosa a citação:

FILHA—Ignez, vem-te aqui sentar.
Quereis vós outros jogar
as *mentiras?* IGNEZ—Senhora, sim.
MOÇO—Se eu hei de mentir aqui,
Ignez m'ha mim d'ensinar.
FILHA—E' jogo para estas noutes
para passar o serão.
Quem perder apare a mão.
MOÇO—Sei isso. E' jogo d'açoutes.
Não jogo. FIL.—D'açoutes, não.
Quem menos lançar a barra
no mentir, pôr-lhe-hão mascarra,
e dar-lhe-hão em cada mão
duas palmatoadas. IGNEZ—Não.
MOÇO—Cada um minta sobre amarra.
FILHA—Eu digo que esta cidade
cheia de toda a nobreza
tem por timbre e por lineza
de fallar sempre verdade.
MOÇO—Costume faz natureza.
Agora é o lanço teu.
IGNEZ—Eu vi um moço como este
tão guloso, que comeu
só dez pães. MOÇO—Sou mesmo eu.
Isso é verdade. Perdeste.
Perdeu, senhora. FIL.—Perdeu.
IGNEZ—Diga elle a sua vez.
FILHA—Vós já perdestes, formosa.
MOÇO—Eu digo que aqui Ignez,
que é a mais venturosa
femea, que ha d'aqui a Fez.
FILHA—Ignez, traze um tição
e alguma cousa com que dar.
MOÇO—Eu lhe hei de dar. FIL.—Que vós não.
MOÇO—Posso-me agora vingar.
Deixe-me quebrar-lhe uma mão.

(Foi a moça e trouxe o tição e a palmatoria, e diz a filha:)

FILHA—Chegae para cá, senhora
dar-vos-hei as mascarradas.
MOÇO—Primeiro as palmatoadas;
terei um cuidado fóra.
IGNEZ—Ferrete, não nas queixadas.

E outras festas por linha:
jogar o jogo da braza, (1)
e eu ir a vossa casa,
e vós outra noite á minha
a jogar,
tanger e sapatear,
e dar com a casa em baixo.
Que foliões do Cartaxo
nos não cheguem ao calcanhar!
E magusto de castanha, (2)
que isto é o que te empolga,
e porém já ninguem folga,
porque o mundo tudo extranha.

CAV.—Mas que s'enforquem e que fallem,
quando as honras não perigam.
Y una que me lo digan,
Y otra me dá que lo calen,
se folgo como creatura,
e sem prejuizo de partes.

(Dá-lhe a senhora o ferrete, e o moço, querendo tomar-lhe a mão para lhe dar as palmatoadas, diz:)

MOÇO—Chegae para cá, mourinha,
(Jesu! isto é verdades!)
pardeus, tenho-te vontade,
não fujaes. IGNEZ—Por vida minha!
MOÇO—Eu te darei com piedade.
Áh! que graça tão notoria
tens no ferrete, que embaça!
Tambem eu tenho muita graça.
(Dá-lhe) No tomar da palmatoria
tu tens a mão d'argamassa!
Assopra tu, não dês ais,
verás ir-se-te a dôr logo.
MOÇO—Eu não quero jogar mais.
IGNEZ—Joga, joga, pois t'o rogo.

(1) Não sei ao certo o que fosse o jogo *da braza,* mas supponho que seria pouco mais ou menos como o jogo das *Mentiras* descripto por Jeronymo Ribeiro ou como o *Dou-te-lo-vivo,* que consistia em passar de mão em mão um pau accêso, tendo que pagar prenda a pessoa em cuja mão acontecia apagar-se o morrão. Alonso de Ledesma cita, como um dos jogos populares de Hespanha na noite de Natal, o do tição acceso.

(2) Magusto é a merenda de castanhas assadas. No Porto é costume fazer magustos em dia de Todos-os-Santos.

Fernão—O mundo tem essas artes,
que das virtudes murmura.
Comp.—São cousas essas extranhas,
se o meu folgar não é vicio.
Vasco—É mundo que d'*ab initio*
tem já essas negras manhas.
No mundo nada extranhemos;
mudae o vinte a outra parte,
porque não ha quem se farte
de dizer mal como vemos,
e cada um por sua arte.
Deixemos isto estar.
Senhores, quereis jogar?
Comp.—Joguemos. Tendes razão.
Cav.—Ora, pois, pôr em feição
cada um em seu logar.
Vasco—Saibamos: como quereis?
Cav.—Ordenae vós essa lucta.
Fernão—Esse certo vinho e fructa.
Sim, que vós não no sabeis!
Cav.—Vós outros mudaes-vos logo,
e jogaes *Dinheiro secco.* (1)
Comp.—Não ha cá ninguem tão pêco,
que lhe lembre a esse jogo.
Cav.—Ora, sus! Como seremos?
Vasco—Mesmo as cartas o dirão.
Cav.—Sabeis que jogador são? (2)
Fernão—Em b'hora; já o sabemos.
Vós e elle, e elle e eu.
Quero vêr se sois contente.
Vasco—É jogador excellente,
e quer-me ganhar o meu.
Isso aqui não se consente.
Nós ambos por mais serenos.
Cav.—Eu? Melhor! Viva Diogo!

---

(1) O jogo popular da *marralha*. Theophilo Braga.
(2) *São* por sou.

VASCO—Não podeis fugir ao jogo:
os mais c'os mais, menos com menos.
COMP.—Mas sejamos, Fernão d'Horta,
e vos outros lá, senhores.
CAV.—Os melhores jogadores?
Aquisso não se supporta.
Seja como elles disserem.
VASCO—Muito em b'hora, levantae.
FERNÃO—Saibamos. A que se vae?
COMP.—Vae-se ao que elles quizerem.
CAV.—Oito riscos um vintem, [1]
que passa o jogo de arte.
Emfim, um de dez áparte.
FERNÃO—Seja assim. E muito bem.
E quem mais perder, mais pague.
VASCO—Isso ninguem no defende.
CAV.—A envidar! [2]
FERNÃO— Assim se entende.
COMP.—Prometto que vos alague.
CAV.—Dentro somos nos pioz:
dae-me agora a entender isto.
VASCO—Vós não vêdes que está visto:
vós e eu, e elle e vós.
CAV.—Ora dae-me esse logar,
ficaremos mais em jogo
VASCO—Vós arredae-vos do fogo?
CAV.—Sim: não se póde escusar.
COMP.—Pois tomae esta cadeira.
CAV.—Bem estou aqui. Calae-vos.
Meus senhores, banqueae-vos.
VASCO—Não se ha d'ir d'essa maneira.
CAV.—Quejanda? De que feição?
FERNÃO—Que tomemos um tostão,

---

(1) Ainda hoje, nas tabernas da provincia, costumam os jogadores marcar os jogos que ganham, por meio de *riscos,* que traçam com giz sobre o balcão da venda ou nos tampos das pipas.

(2) Envidar. Fazer envite, parar mais ao jogo, e provocar o parceiro a que acceite a parada. (Faria Lacerda).

e mande-se logo trazer
o que se houver de comer.
CAV.—Tendes infinda razão.
Então cá
o que perder pagará.
COMP.—Pois não ha de ser assí.
Fernando!
FERNÃO— Praz?
VASCO— Tom'aqui.
FERNÃO—Este moço saberá?
VASCO—Por ventura elle é argel?
Este moço é d'Alemtejo.
COMP.—Aosadas! bem no vejo.
Havei á mão um pichel.
CAV.—Quero vêr como encaminha.
COMP.—E vá casa da Byscainha... (1)
VASCO—Que galante vinhateiro!
Vinho de João Cavalleiro, (2)
este canta a ladainha
Mas ás Fangas da Farinha, (3)
no becco do Chançarel, (4)
lá irá o meu pichel.
COMP.—Não irá, por vida minha!
VASCO—Venha já, e acabae
COMP.—Ora, meu senhor, tomae.

---

(1) Como se vê do *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, a Byscainha era uma taberneira afamada na Lisboa do seculo XVI.

(2) João Cavalleiro era um taberneiro castelhano, e popular, citado por Gil Vicente no *Pranto de Maria Parda*.

(3) Dava-se o nome de Fangas á praça ou rua onde o pão se vendia a peso. As Fangas da Farinha ficavam onde agora é a Boa-Hora, sendo a sua denominação anterior á abertura da rua Nova do Almada (1665), assim chamada em honra de Ruy Fernandes de Almada, presidente do senado. A rua da Calcetaria, que começava na embocadura da rua do Ouro, acabava nas Fangas da Farinha.

O hospital de Sant'Anna ficava ás Fangas da Farinha, onde tambem houve um theatro.

(4) Ainda hoje ha em Lisboa o becco e o largo do *Chanceller*. O becco é o primeiro á direita nas escadinhas de Santo Estevão, indo da rua Direita de Santo Estevão. Vae desembocar no largo.

Vêdes aqui um tostão.
Trazei um vintem de pão,
e n'um pé vos abalae.
E meio vintem de queijo,
que são trinta.

VASCO—Mal dispendeis essa tinta.

COMP.—Mandae-o vós, bem no vejo.

FERNÃO—Isso leva mau caminho.
De fructa seu vintemsinho,
outro de fartens quarenta,
e um de pão, são sessenta.
E o outro todo em vinho.
Diga-me vossa mercê
quem nas ha de dar. Veremos.

VASCO—Jogue. Não acabaremos!
A primeira d'espadas as dê. (1)

CAV.—Ora, em b'hora! Levantae-as;
a primeira d'espadas, não mais.

FERNÃO—Aqui somos, vós as daes.
Ora, sus! Pois baralhae-as.

COMP.—Val Manilha?

VASCO— Sota e pau.

COMP.—Ou valha Manilha. Valha.

VASCO—Valha. Alço minha palha. (2)

FERNÃO—Compadre, como sois mau!
Mostrae-m'a, se a levardes.

---

(1) Vê-se que o primeiro a dar cartas era o que tirava uma d'espadas. Antonio Prestes, no auto do *Mouro encantado*, diz:

> Não lhe hei medo, não porá
> que *em espadas esse as dá.*
> ....
> GIRMANEZA—Vós *as daes?*
> FERNÃO—Eu a vossa, e *d'espadas.*

(2) *Alçar a palha* era locução que se obliterou. É certo que ainda hoje temos o *jogo da palha*, mas, como os interlocutores d'este auto estão jogando as cartas, a manilha, vê-se que a phrase era empregada em sentido translato. Com razão diz Theophilo Braga, fallando precisamente do jogo da palha: «Em alguns jogos perde-se o acto e fica a locução; n'outros perde-se a formula poetica e fica simplesmente o acto.» (*O povo portuguez*, vol. I, pag. 332.)

Cav.—Ora, não valha esta mão.
Comp.—Porque? Não tendes razão!
Cav.—Ora valha, se mandardes.
Vasco—Demando nove, senhores.
Comp.—Nove tenho.
Fernão— E eu tambem.
Vasco—Ora está assim muito bem.
D'ouros são d'ouro
quando lh'as levo.
D'amores jaço uma vez.
Que jogará um ladrão,
que não tem jogo na mão,
nem carta que valha dez?
Roubae, parceiro, essa sota. (1)
Fernão—Guarda! que é mau ladrão!
Cav.—Nunca vos por isso dão
cent'açoutes na picota. (2)
Fernão—Nem menos m'enforcarão.
Vasco—Cubrí! que vos vê o jogo,
eu não sei que estaes fazendo!
Cav.—Como lh'o posso estar vendo?
Vasco—Jogae.
Cav.— Não vos agasteis, que logo...

(Jogando, cantarão a submissa voz.)

Trunfae, dae-lhe c'o melhor.
Fernão—Não tenho trunfo que preste.
Cav.—Vós sois jogador de peste!
Fernão—Pois que quereis vós, senhor?
Cav.—Dae-lhe com essa guarita. (3)

---

(1) Ainda hoje, na provincia, se chama *sota* á dama de cada naipe.
(2) Pelourinho.
(3) Gorita significa castello de navio; goriteiro era o que dava tavolagem e recebia os baratos do jogo. Pelo interessante estudo que o bibliophilo Jacob escreveu sobre as origens das cartas de jogar (*Curiosités de l'histoire des arts*, pag. 17) vê-se que ellas tiveram differentes e caprichosas illuminuras.

FERNÃO—Não m'ensineis, que eu o sei.
Ha trunfo para este rei?
CAV.—E o jogo resuscita.
COMP.—Ora, val tres.
FERNÃO— Mas val quatro.
COMP.—Mas val cinco.
CAV.— Eu não quero.
Bem conheço vosso fero.
Prégaes-me de feteairo. (1)
Já sabeis onde se perdeu:
em atravessardes o *conde*. (2)
FERNÃO—E vós?
CAV.— E ainda me responde?!
FERNÃO—E o trunfo que elle metteu?
CAV.—E eu não lh'as tomava c'o meu?
FERNÃO—E vós qu'reis qu'adivinhe eu
que tendes trunfo ainda?!
VASCO—Tendes muita culpa infinda:
no jogo sois mui sandeu.
COMP.—Jogar mal é gran trabalho.
Tomae lá, compadre, e dae-as.

Gorita seria a carta illuminada com um castello de navio? Não pude averiguar, Prestes, no auto do *Mouro encantado,* descreve assim as goritas:

...... as goritas
de páos, são como as ratinhas
das Bretanhas, são bonitas,
parecem tambores com fitas
e chocadas por gallinhas;
tem trançadas nas cabeças,
nas crespinas...

Ainda no mesmo auto, torna a fallar na *goritinha de paus.* E no auto do *Desembargador* falla de *guaritas e matadores.*

O entrançado a que Antonio Prestes se refere poderia ser allusão ao facto de em algumas cartas de jogar, como ainda hoje nas hespanholas, os paus serem representados por caduceus. Mas desconheço o valor da carta chamada gorita, que parece não ser o rei, nem a sota (dama), nem o conde (valete), nem o az (notando-se que ao de paus já se chamava *basto*), nem mesmo a manilha, porque todas estas cartas, que são as principaes, apparecem individualisadas por Antonio Prestes ou pelo Chiado no presente auto.

(1) De cadeira.

(2) Ainda hoje, na provincia, se chama *conde* ao valete de cada naipe.

VASCO—Sim, darei.
CAV.— Ou baralhae-as.
VASCO—Está bem. Não nas baralho.

(Tornarão a cantar a submissa voz.)

FERNÃO—Levantae de paus agora.
VASCO—Roubaes vós com a manilha?
CAV.—Não será gran maravilha!
FERNÃO—Ponde vós uma carta fóra,
e jogae.
CAV.—Ora, meu senhor, roubae:
quero que sejaes ladrão.
COMP.—Tendes boa condição.
Ora jogae, e acabae.
VASCO—Não me jogueis carta boa.
Estae quedo. Jogae rei.
COMP.—Á bofé! não jogarei.
VASCO—Porquê? não serei pessoa
para quem é isso jogado?
COMP.—Compadre, eu jogo bem.
VASCO—A desculpa que elle tem!
Ora, estaes bem aviado!
CAV.—Parece que jogaes com pena!
Para que é trunfo pequeno?
FERNÃO—*Un malo saca um bueno,*
pero no de la cadena.
VASCO—Sois jogador muito curto!
Não tem espadas!
Não será mau d'attentardes...
CAV.—Digo que, se m'as achardes,
que me demandeis de furto,
que cartas são já jogadas.
Trunfae c'o melhor deante,
dae-lhe c o pau ou manilha,
ou sota, ou rei.
VASCO— Não lh'o pilha,
por Deus, jogador galante!

Fernão—Ora val quatro.
Comp.— Mas val cinco.
Fernão—Mas val seis.
Comp.— Que valha sete!
Vasco—Bonitinho está o joguete!
Comp.—Elles cuidam que eu que brinco!
Vasco—São dois jogos ao presente.
Cav.—Senhores, não jógo mais.
Fernão—Porquê?
Cav.— Porque m'enfadaes.
de jogardes ruimente.
Fernão—Vós fallaes mal, e asinha,
temos de que vos queixar.
Cav.—Se vos eu mando trunfar,
para que é jogar cartinha?
Vasco—Aqui é o moço co'agua.
Isabel!
Isabel— Senhor?
Vasco— Dá cá
as toalhas.
Comp.— Bom será.
Fernão—Mostra! este mata a fragua!
Vieste a horas boas!
Moço—Foi cousa á *Porta do mar*, (1)
mais de trezentas pessoas.
Vasco—Esse foi o teu tardar?
Estendei essa toalha,
não se vá ás rebatinhas.
Comp.—Essas duas serão minhas.
Cav.—Ora isso não vae de valha.
Vasco—Que estaes a olhar, pecuro?
Deita o vinho, bestial.
Cav.—Dae-nos novas: elle é tal?

---

(1) Esta *Porta do mar* seria a que ficava na Ribeira, em frente do caes de Santarem, e que era vulgarmente conhecida pelo *Arco de Jesus*, em razão de um painel do Menino-Deus, que ali estava.

Havia tambem a *Porta do mar antiga*. Era mais conhecida pelo *Postigo da rua das Canastras*, pois que ficava ao fim d'esta rua.

FERNÃO—Deita-lhe agua, que está puro.
VASCO—E quer isso dizer?
Assoviaes como môcho!
COMP.—Não lhe arrendo eu o escamoucho. [1]
Oh! acabae de beber.
CAV.—Deixae-o ora.
FERNÃO—Cuidaes que amanhece agora?
Acolhamo-nos d'aqui.
CAV.—Vamo-nos, qu'eu digo que sí.
VASCO—É cêdo; vêde ora hi fóra.
CAV.—O sino é já acabado, [2]
e a justiça anda agora
nos outros de casa fóra.
Cada um merece pingado. [3]
FERNÃO—Fallaes como cavalleiro!
Acolhamo-nos asinha.
COMP.—Alto! sus! com cantiguinha!
E alça la véla, marinheiro.

Deo gratias

FIM

---

(1) Não lhe arrendo o escamoucho, isto é, não lhe arrendo os sobejos do seu prato, ou não faço caso do que tanto presa, e estima.—Moraes.

(2) Havia o costume de *correr o sino* das oito para as nove horas da noite, a fim de que os habitantes se recolhessem a suas casas. Só por motivo de festa deixava de haver *sino corrido*. Soropita, referindo-se ás noites de vespera de Anno Bom e Santos Reis, diz: «... serem noites privilegiadas em que não correm o sino.» No Porto chama-se ainda a este costume tradicional—o *sino dos mariolas*. Depois d'este aviso, sahia antigamente a ronda.

(3) Castigado como escravo.

Copia dos manuscriptos existentes na Bibliotheca d'Evora

Avisos para guardar: do Chiado, frade que foi em Lisboa (1)

Guardar de cão que manqueija
e de homem mui fragueiro; (2)
guardar de quem de ligeiro
em tomar nunca se peja;
guardar de quem deseja
o alheio e quanto vê;
guardar de esperar mercê
por modo de lisongear;
guardar de praticar
entre pessoas não certas;
guardar das encobertas
e de quem falla á vontade;
guardar de fallar verdade
a quem trata com mentira;
guardar de quem suspira
co'o pesar do bem alheio;
guardar de quem sem freio
diz cada vez o que quer;

---

(1) Estes *Avisos* foram publicados por Cunha Rivara no IV volume do *Panorama*, pag. 406. Rivara dizia possuir outros escriptos do Chiado, que aliás não publicou; mas como deixou os seus papeis á bibliotheca de Evora, ahi mandamos copiar os escriptos não publicados por elle. A copia foi extrahida sob a auctorisada e obsequiosa inspecção do nosso amigo o sr. A. F. Barata. Vão marcadas em nota as pequenas differenças que se observam entre a copia de Rivara e a de que nos servimos, comquanto feitas sobre o mesmo manuscripto.
(2) Rivara leu: *fagueiro*.

guardar de receber
   boa obra do villão;
guardar do parvoeirão
   que zombando dá no fito;
guardar de sobre-scripto
   e de querer o senhor; [1]
guardar de homem de primor
   e de grande fantasia;
guardar de quem aporfia
   em dizer o que não sabe;
guardar de homem que se gabe
   e se quer sempre louvado;
guardar de villão honrado
   quando tem alguma posse;
guardar de homem que tosse
   e falla pelo falsete;
guardar de quem se intromette
   e de homem mui commum;
guardar de homem que nenhum
   amigo póde achar;
guardar de dar nem tomar
   com homem de cumprimentos;
guardar de homens isentos
   e não sendo intitulados;
guardar de homens docicados
   se o são com pouco aviso;
guardar d'homem que por siso
   muito soffre a sandeus;
guardar de homem que aos seus
   tendo posses [2] não faz bem;
guardar tambem de quem
   o não faz a quem merece;
guardar de quem desconhece
   o bem que tem recebido;

---

(1) Rivara griphou a palavra *senhor*.
(2) Rivara leu: *posse*.

guardar de homem escolhido
  onde não o hade ser;
guardar de vos parecer
  que ha em tudo soçobra;
guardar de fazer má obra
  sem o pago esperardes;
guardar de damnificardes
  em a honra de quem quer;
guardar tambem de fazer
  bem a homem de más manhas;
guardar de fazer façanhas
  pessoa que pouco val,
  porque n'este Portugal
  não são vistas nem ouvidas;
guardar de quem em bebidas
  folga muito ser devoto;
guardar de quem traz motto
  não dizer bem de ninguem;
guardar de quem sem vintem
  faz gastos demasiados;
guardar de homens casados
  que em seus feitos são solteiros;
guardar de lisongeiros
  e tambem quem os escuta;
guardar de folgar com puta
  nem com sua amisade; (1)
guardar de homem que fôr frade
  e o é fóra da regra;
guardar de homem que se alegra
  com o mal do seu visinho;
guardar de torcer focinho
  onde haveis de fallar claro;
guardar de homem avaro
  nem de ter com elle conta;
guardar de homem que remonta
  entre meio mal querenças;

(1) Rivara supprimiu estes dois versos.

guardar d'homem que pendenças
folga muito ter com todos;
guardar d'homem que por modos
vos quer sempre obrigar;
guardar de conversar
com homem peçonhento;
guardar de riso secco
e de quem peccou natura;
guardar de provar ventura
em casos de gran substancia;
guardar de ignorancia
e privar por mexericos;
guardar d'esperar em ricos
nada sendo antes pobre; (1)
guardar de homem que descobre
a mais de um seu segredo;
guardar de homem que por medo
deixa de fazer o seu;
guardar de homem sandeu
brigoso e topador; (2)
guardar d'homem jogador
que no jogo sabe pouco;
guardar de homem mouco
que se faz e não o é;
guardar de pôrdes fé
em homem sem conhecerdes;
guardar tambem de fazerdes
partido com quem folgaes;
guardar d'homens liberaes
se o dão por louvaminhas;
guardar de fazer farinhas (3)
com homem de ruins artes;
guardar que n'estas partes
ser estante em fortaleza;

---

(1) Rivara leu: *nada sendo d'antes pobres.*
(2) Intromettido.
(3) Ter convivencia.

guardar de quem por alteza
  aos seus parentes nega;
guardar de homem que se pega
  onde quer que vê bom pasto;
guardar de homem muito casto
  não sendo religioso;
guardar de com poderoso
  vos tomar [1] nunca em pontas; [2]
guardar de terdes contas
  e anojar muitas pessoas;
guardar de palavras boas
  com obras não de teor;
guardar de quem sem valor
  se vende por muito preço;
guardar de quem tem começo
  e não busca meio e fim;
guardar de homem ruim
  esperar d'elle fructo bom;
guardar de bailar sem som
  e de outras cousas enormes;
guardar de não ser conformes
  ao tempo e á razão;
guardar que no coração
  não haja odios, nem rancores.

FIM

---

(1) Rivara escreveu: *tomardes.*
(2) Estar em guerra.

Parvoices que acontecem muitas vezes. [1]

Pelo frade Chiado compostas

PRIMEIRA JORNADA

Parvoices insoffriveis

Homem que faz por todos até morrer, e o que lhe muito cumpre manda fazer por outrem,

Isso parvoice.

Rifão : Vae onde te cumpre e manda por cumprires.

*

Homem que a chave de seu dinheiro vae fiar de outrem,

Parvoice.

Rifão : Na arca aberta o justo pecca.

*

Homem que dá cinco cruzados por janella ou palanque para sua mulher ver festas,

Parvoice.

Rifão : Quem faz a vontade a sua mulher tome o que lhe vier.

*

Homem que consente que sua mulher mande mais em casa que elle,

Parvoice.

---

(1) Barbosa diz que as *Parvoices* eram repartidas em cinco jornadas : 1.ª das Insoffriveis ; 2.ª das Mortalissimas ; 3.ª das Criadas ; 4.ª das Enfadaveis ; 5.ª das Religiosas.

Só damos as duas primeiras jornadas, que são as unicas existentes na Bibliotheca d'Evora.

Na *Pragmatica Sanssam ou lei estabelecida por ordem da razam contra as parvoices dos homens, dada á luz pelo zelo do bem commum,* author J. F. M. M. (A Amsterdam, *chez Jeanne Roger*. 1735) vem, como pudemos verificar, algumas das *Parvoices* compostas pelo Chiado, salva a redacção.

No prologo, o collector da *Pragmatica* nomeia os auctores a que foi buscar a substancia da sua obra, mas quanto ao Chiado cinca desastrosamente chamando-lhe padre Antonio *Pires* Chiado !

Rifão: Mal vae á casa onde a roca manda a espada. [1]

*

Homem que depenna barbas pela morte de sua mulher,

Parvoice.

Rifão: Porque benta é a porta por onde a mulher foi morta.

*

Homem não fidalgo que consente sua mulher aprenda a ler,

Parvoice.

Rifão: Ou é já cornudo ou anda para o ser!

*

Homem que consente sua mulher aprenda a ler com moço de mais de dez annos,

Parvoice.

Rifão: Conversação de rapaz mais damna do que faz.

*

Homem que leva sua mulher nas ancas a ver festas,

Parvoice.

Rifão: Homem que com sua honra não sonha, vem-lhe de ter pouca vergonha.

*

Homem moço casado com velha,

Parvoice.

Homem que sua mulher gaba a outro,

Parvoice.

Rifão: Porque quem sua mulher gaba de bella, vive d'ella.

*

Homem que escudeira a mulher solteira se não fôr bargante, que tem privilegio,

Parvoice.

---

(1) Em Antonio Prestes:

Ha mulher espada, e ha homem roca.

Rifão: Porque quem com sua honra não tem conta, não teme affronta.

*

Homem que deixa estar sua mulher por ama no paço,
Parvoice.

Rifão: Porque a que anda servindo no paço sempre tem embaraço.

*

Homem que se casa com mulher solteira e a deixa e se vae para a India,
Parvoice.

Homem de bem que põe villão ruim á sua mesa,
Parvoice.

Rifão: Não faças bem a villão ruim nem te fies de beguim. [1]

*

Homem que se deixa estar folgando em casa alheia passante de oito dias,
Parvoice.

Homem que se corre de estar em pé na egreja,
Parvoice.

Rifão: Porque o que se corre de estar em a egreja de pé, suspeitoso é na fé.

*

Homem que se corre de lançar agua benta nos defuntos,
Parvoice.

Homem que manda criado lhe traga agua benta na mão para molhar o dedo,
Parvoice.

Homem que consente lhe levem a fralda pela egreja,
Parvoice.

---

(1) Hyppocrita.

Fidalgo que manda levar cadeira de estado á egreja,
Parvoice.

Homem que empresta vestido para invenções,
Parvoice.

Homem que conta historias a trancos, (1)
Parvoice.

Homem que se teme e traz espada que se não póde arrancar,
Parvoice.

Homem que compra bêsta com manqueira,
Parvoice.

Homem que está preso por cousa grave e o carcereiro o deixa ir fóra, elle se torna, e não se acolhe. (2)
Parvoice.

Homem que empresta cavallo para dormir a noite fóra,
Parvoice.

Homem que dá sentença sem se ouvir ambas as partes,
Parvoice.

Homem que corre por ladeira acima,
Parvoice.

Rifão: Quem por ladeira arriba corre, por sua vontade morre.

*

Homem que deixa caminho por atalho que não sabe,
Parvoice.

Homem que compra escravo com doença ou ladrão,
Parvoice.

Homem que se desherda antes da morte,
Parvoice.

---

(1) De pressa, mas não seguidamente. Moraes. Nós temos ainda a expressão: saltar trancos e barrancos.
(2) E não se esconde.

Homem que lhe parece mal bom cantar,

Parvoice.

Homem que deixa rua direira por morar em azinhaga,

Parvoice.

Homem que tem casas e vive debaixo de outrem,

Parvoice.

Homem que em tempo de tormenta se embarca podendo ir pela terra,

Parvoice.

Homem que manda mostrar aguas duas legoas d'onde está o enfermo,

Parvoice.

Homem que em tempo de tormenta vae sentado em bordo de barca por se correr de ir dentro,

Parvoice.

Homem que empresta dinheiro sem penhor,

Parvoice.

Rifão : Melhor é penhor na mão que magoa no coração.

*

Homem que empresta sobre penhor que não val a quantia,

Parvoice.

Homem que vai pedir sobre penhor e não o nomeia primeiro,

Parvoice.

Homem que tem bèsta e anda a pé,

Parvoice.

Homem que zomba com a verdade,

Parvoice.

Mas parvo que com a verdade quer zombar, não o conversar,

Parvoice.

Quem não quer tomar conselho de ninguem,

Parvoice.

Rifão: Conselho de quem te bem quer, ainda que te pareça mal, escreve o que te disser.

*

Quem no que não entende porfia muito,

Parvoice.

Rifão: Porque quem porfia sem saber, virar-lhe as costas e mandal-o a beber.

*

Quem conta proezas em sepultura,

Parvoice.

Quem manda fazer capella e n'ella sepultura para se enterrar e n'ella faz mais custo que na capella,

Parvoice.

Quem deixa em testamento que quando d'esta vida presente fôr seu corpo, seja levado a tal parte,

Parvoice.

Quem cuida que depois da sua morte os seus filhos e criados não hão de rir d'ahi a dois dias,

Parvoice.

Quem quer só emendar todo o mundo,

Parvoice.

Homem branco perdido por negra,

Parvoice.

Quem lhe fede o bafo e por força vos quer fallar com a bocca no nariz,

Parvoice.

Quem não foi mais que té á raia e quando torna não quer se não fallar castelhano,

Parvoice.

Quem a barqueiro entrega cousas de comer que lh'as metta no barco,

Parvoice.

Rifão: Por que quem fia de villão é parvo de ante-mão.

*

Quem descobre segredo a mulher,

Parvoice.

Porque a mulher tem por officio mentir sem cuidar, mijar onde quer, chorar sempre, e descobrir o que sabe e não fez, só por não perder ponto de seu costume.

*

Quem deixa ir sua mulher a muitas romarias,

Parvoice.

Quem deixa conversar sua mulher honrada com outras que não são tidas n'essa conta,

Parvoice.

Rifão: Por que se diz: O homem fogo, a mulher estopa, vem o diabo e assopra.

*

Quem chama aleivosa a sua mulher,

Parvoice.

Quem tolhe ao marido que não dê em sua mulher,

Parvoice.

Quem entra em casa onde nunca entrou ás escuras temendo-se,

Parvoice.

Quem se aventura a ir só por caminho de ladrões,

Parvoice.

Quem se fia de amigo reconciliado,

Parvoice.

A este tal má Pascoa lhe venha, e as Outavas na cadeia, e o S. Janeiro na forca, e pague as custas.

*

Quem promette o que não pode dar,

Parvoice.

Rifão: Palavra e pedra solta não tem volta.

*

Quem consente em sua casa criado ladrão,
Parvoice.

Quem não conversa com ninguem,
Parvoice.

Homem de bem que manda cobrir villão ruim,
Parvoice.

Quem ha vergonha de fazer o que deve,
Parvoice.

Quem dá dinheiro a chocarreiro,
Parvoice.

Rifão: Nem a chocarreiro, nem a frade fóra do mosteiro dês teu dinheiro.

*

Quem erra o caminho por não perguntar,
Parvoice.

Quem não sabe nem quer aprender,
Parvoice.

Rifão: Quem não sabe nem aprende, por asno se vende.

*

O que aposta dez cruzados sobre cousa que não sabe certa,
Parvoice.

O que se enfada de ouvir discreto,
Parvoice.

O que manda casa alheia,
Parvoice.

O que quita dinheiro de jogo,
Parvoice.

O que não toma dinheiro por fidalguia,

Parvoice.

O que folga com hospedes,

Parvoice.

O que se corre de tomar conta a seu feitor ou criado,

Parvoice.

O que lhe cae o dinheiro da mão e se corre de se abaixar por elle,

Parvoice.

O que por parecer discreto merca muitos livros,

Parvoice.

Rifão: Livros cerrados, não fazem lettrados.

*

O que é nescio e merca Boscão [1] para ler.

Parvoice.

O que entra em casa alheia sem primeiro bater,

Parvoice.

O que mata a outro a fiusa [2] de conde,

Parvoice.

Rifão: Se matares, martar-te-hão, e matarão a quem te matar, se te o conde poder livrar.

*

O que se preza de andar de noite com o alcaide,

Parvoice.

Rifão: Quem anda de noite com o alcaide ou meirinho, ou é beleguim ou amigo de vinho.

---

(1) O trovador barcellonez João Boscan Almogaver, cavalleiro do sequito de Carlos V. Elle e Garcilazo de la Vega tiveram grande voga. Camões, no segundo acto do *Filodemo*, refere-se aos dois poetas castelhanos, dizendo: «... e gabam mais Garcilasso que Boscão; e ambos lhe saihem das mãos virgens, etc.»

(2) Por conta de

*

O que se teme de querelarem d'elle e não toma passe,

Parvoice.

O que se deixa tomar por guilhote, [1]

Parvoice.

O que é honrado e conversa com mancebos de má fama, vadios,

Parvoice.

O que a seu amigo deixa de reprehender do vicio que tem, por lhe fazer a vontade,

Parvoice.

Rifão : O que me reprehende, de más linguas me defende.

*

O que vê a seu amigo agastado, jurando de fazer e acontecer, e elle lh'o não estorva como melhor possa,

Parvoice.

Rifão : Aquelle é meu amigo, que me livra de perigo.

*

O que não folga muito de ver mulher formosa,

Parvoice.

O que em grande fogueira se põe diante de outrem por lhe tirar a quentura, não tem cura,

Parvoice.

O que joga a primeira, e o contrario envida [2] ao resto, e elle lh'o não quer ter, e vae ver se o tivera a carta que lhe vinha, e diz : ó bargante de mim, que se o tivera fazia maco, ou etc.,

Parvoice.

---

(1) Parasita.
(2) Já annotámos este vocabulo na *Pratica dos compadres*.

O que lhe não acode carta e cacha [1] com ruim jogo, e mette seu resto, e o outro diz «tenho», e elle responde «ganhastes»,

Parvoice.

Rifão: Quem mal cacha, peior acha.

*

O que com outro vae em companhia, e toma mulher solteira e a deixa ao amigo pela companhia,

Parvoice.

O que gasta o seu com mulher que não deve nada nem dorme, nem é sua parenta,

Parvoice.

O que lava as mãos ou rosto com agua da bocca,

Parvoice.

O que convida hospedes e não tem que comer,

Parvoice.

O que cavalga sem espora e sobe em bêsta sem vara,

Parvoice.

Rifão: Quem cavalga em bêsta sem vara ou espora, asno é de nóra.

*

O que dá com agastamento, dá com a mão,

Parvoice.

Rifão: Quem com a mão dá com sanha, quantas dá tantas apanha.

---

(1) Cachar, fazer cacha. Dissimular ao jogo. Moraes diz: envidar falso.

SEGUNDA JORNADA

Parvoices mortalissimas

Quem compra pedra de muito preço para trazer em annel,

Parvoice.

Rifão: Quem com pedra gasta seu dinheiro, é grande malhadeiro.

*

O que é perdido por honra e antes quer ir a pé embuçado que em bèsta d'albarda,

Parvoice.

Quem em caminho ou em barca convida todos com o que leva,

Parvoice.

Rifão: Quem o seu dá, e quem do seu se desherda, beba da merda.

*

Quem em caminho dá ancas do cavallo a quem não tem muita obrigação,

Parvoice.

Quem um dia só, conversa com outro, lhe descobre seus segredos,

Parvoice.

Rifão: A quem dizes tua puridade, (1) dás-lhe tua liberdade.

*

Quem para banquetear mulher solteira dá tostão por duzia de azevias, (2)

Parvoice.

Rifão: Os que com putas gastam, nem d'ellas se afastam, ellas o gastam.

---

(1) Segredo.
(2) Peixe do Tejo, muito delicado, convinhavel a doentes.

*

Quem cuida que mulher solteira lhe tem lealdade,
Parvoice.

Quem sem necessidade chouta,
Parvoice.

Rifão: Se fôres passo [1] chegarás, se choutares cansarás.

*

Quem vae com outro fallando segredo entre vallados,
Parvoice.

Rifão: Quem traz de vallados vae fallando, filhos alheios vae castigando.

*

Que não tem que comer e hospedes convida,
Parvoice.

Rifão: Cada um tenda a perna segundo tem a coberta.

*

Quem aluga grandes casas sem ter que lhe metter,
Parvoice.

O que se senta onde sabe que o mandarão levantar,
Parvoice.

Rifão: Assenta-te em teu logar, e não te mandarão levantar.

*

Quem gasta mais do que tem de renda,
Parvoice.

Rifão: Quem não tem, e muito despende, na praça se vende.

---

(1) De vagar.

*

Quem falla muito e não sabe nada,

Parvoice.

Rifão: Quem muito falla, e pouco sabe, por asno se gabe.

*

Quem descobre o que secretamente passa com sua mulher,

Parvoice.

Rifão: Quem o que com sua mulher não cala com sisudo, ou é fanchono ou cornudo.

*

Quem anda sempre fallando comsigo só,

Parvoice.

Rifão: Quem comsigo só anda fallando, o diabo está enganando.

*

Quem dorme com mulher que sabe que está doente,

Parvoice.

Quem perder amigo por dicho, (1)

Parvoice.

Quem tem em casa parente por criado,

Parvoice.

Rifão: Nem moço, parente, nem rogado tenhas por criado.

*

Quem, se póde, não toma o melhor logar no palanque,

Parvoice.

---

(1) Ditos, contos; dichotes.

Quem se corre de lhe tirar pulga ou piolho,

Parvoice.

Rifão : Quem se corre de lhe tirar pulga ou piolho, mettam-lhe figa no olho.

*

Quem ha mister a outro, e quando lhe falla, lhe tira o sujo da capa,

Parvoice.

Rifão : Quem por lhe darem tira fio, é parvo bem frio.

*

Quem bebe agua sem primeiro a ver,

Parvoice.

Quem acena a dama de longe,

Parvoice.

Rifão : Quem de longe acena, de perto se condemna.

*

Quem consente lhe façam em casa farça, e dá dinheiro por ella,

Parvoice.

Rifão : Quem em sua casa folga com ajuntamento, tem siso sem fundamento.

*

Quem no inverno dorme com outros em uma cama e jaz toda a noite descoberto, porque ha vergonha de puxar pela roupa,

Parvoice.

Rifão : Melhor é dormir coberto com atar ataca (1), que ficar parvo de marca.

---

(1) Cordão ou fita para prender.

*

O que prova força com alimaria,

Parvoice.

Rifão : Com o animal não luctes, nem o alheio furtes.

*

O que salta por desenfadamento,

Parvoice.

O que passa rio sem saber váo, [1]

Parvoice.

O que se teme e anda sem arma,

Parvoice.

O que anda com espingarda aos passarinhos,

Parvoice.

O que não crê a ninguem,

Parvoice.

O que dá conselho a nescio,

Parvoice.

O que falla de siso com doido,

Parvoice.

O que toma conselho de amigo suspeitoso na amisade,

Parvoice.

O que mata seu escravo,

Parvoice.

O que se toma [2] com quem muito póde,

Parvoice.

O que gaba geração,

Parvoice.

---

(1) Sitio em que o rio se póde passar a pé.
(2) Contende.

O que dá banquete por vaidade,
Parvoice.

O que roga com pucaro de agua a quem lh'o não péde,
Parvoice.

O que dorme em barca sem necessidade,
Parvoice.

O que entrega cousas doces a quem é amigo d'ellas,
Parvoice.

O que falla a outro por tu,
Parvoice.

O que brinca com espadas nuas,
Parvoice.

O que fica por fiador de burlão,
Parvoice.

O que vae vêr ladrões á cadeia,
Parvoice.

O que é nobre e empresta arreios a villão ruim para jogar canas,
Parvoice.

O que põe seu signal em latim não sabendo bem linguagem,
Parvoice.

O que diz a todos o que secretamente determina fazer,
Parvoice.

O que sem muita necessidade parte de sua casa ao sabbado, ou com grande invernada,
Parvoice.

O que quer ensinar a quem sabe mais do que elle,
Parvoice.

O que ao levantar e deitar da cama se não benze,
Parvoice.

O que, depois de pão e vinho colheito, promette romaria,
Parvoice.

O que vae a Sam Thiago e cuida que não faz romaria se não passa pelo buraco, (1)
Parvoice.

O que dá alviçaras por cousa duvidosa,
Parvoice.

O que põe a sua honra em mãos de rapazes,
Parvoice.

O que dá razão a porfioso,
Parvoice.

O que apoda o que ouviu a outrem,
Parvoice.

O que anda ás fareladas, (2)
Parvoice.

O que mostra muito sentimento por cousa que lhe não vae nada,
Parvoice.

O que diz que o bom amigo não é melhor que irmão,
Parvoice.

O que diz que ha mór amigo que pae e mãe,
Parvoice.

O que diz que se não ha de haver nojo de nada,
Parvoice.

O que diz que preso e captivo tem amigo,
Parvoice.

---

(1) No sumptuoso templo de S. Thiago da Galliza, quem quer visitar o tumulo do Santo tem que passar por um estreito tunnel ou *buraco*. Não atino com outra explicação ao texto.
(2) Por coisas de pouca monta ou inuteis.

O que está doente e diz que antes morrer que tirar onça de sangue,

Parvoice.

O que acabado de comer não dá graças a Deus,

Parvoice.

O que escreve carta a amigo em resposta d'outrem e lhe pôe sobrescripto,

Parvoice.

O que sella carta que ainda que vá aberta nada releva,

Parvoice.

O que joga sem vèr dinheiro,

Parvoice.

FIM DA SEGUNDA JORNADA

Querela entre o Chiado e Affonso Alvares

O Chiado foi frade de S. Francisco em Lisboa: era bargante, dizidor, poeta etc.; e para usar de sua condição, fugiu do mosteiro, e andando fóra alguns dias (aliás annos, como se vê da replica de Affonso Alvares) foi preso e penitenciado pelo guardião, em o aljube d'onde compoz os versos seguintes, e os mandou ao seu guardião:

(1) *Ne recorderis peccata*
neste triste encarcerado;
que assás está castigado
quem a fortuna mal trata
em poder de seu prelado.

Em que vossa commissão
vos mande ser com razão
muito justo em vosso officio,
ó não *intres in judicio*
cum servo tuo, não, não.
Esqueça seu maleficio.

Mereço que me destrua
se por justiça caminha;
mas peço ua migalhinha
de misericordia sua.
Conheço a culpa minha.

---

(1) Esta petição foi, como diz Barbosa, prohibida pelo inquisidor geral D. Fernão Martins Mascarenhas. Sousa Farinha reimpremiu-a em 1783. A nossa cópia diverge muito da de Farinha; por isso nos abstemos de notar todas as differenças, que seriam enfadosas de lêr.

Porque Deus nosso Senhor
não quer mais do peccador
que um coração contricto,
o qual torna de precito
outra vez a seu favor.

David peccou contra Deus,
e sendo peccado grave,
teve poder um *peccavi*
para penetrar os ceus
e trazer perdão suave.

Pois do ladrão que direi?
que por só *memento mei*
lhe disse Deus improviso:
«Tu serás no paraiso
hoje commigo: dar-te-hei
meu reino e gloria de siso.»

O publicano que obrou?
Lede-lhe a vida e feitos,
que só com bater nos peitos
logo lhe Deus perdoou,
porque tem outros respeitos.

Deus não ha quem o entenda,
é summo bem sem contenda,
mas para nos perdoar
não diz venham-me fallar
veadores da fazenda,
que é piedoso sem par.

Que digam frades da ordem
que mereço ser punido.
Si dirão, que um cão mordido
todos os outros cães mordem,
sem nunca mais ser ouvido.

Use vossa reverencia
commigo de tal clemencia
qual Deus com estes usou;
e se não, eu aqui estou:
cumpre-me ter paciencia.
Pague o corpo, pois peccou.

Aqui acompanharei
graves descontentamentos.
Mas *constitutas mihi tempus*
in quo recorderis mei
por terem fim meus tormentos.

E se quizer ser juiz
e castigar o que fiz,
em que meus males se agucem,
post tenebras spero lucem,
que a sua commissão me diz.

Affonso Alvares, mulato, poeta, em nome do guardião responde ao Chiado preso

---

([1]) *Ne recorderis peccata*
Disse Deus, quem a seus pés
vem pedir perdão e o acata;
mas quem vem em que lhe pés'
ne dabiti sedes grata.

Se vós de rependimento
viereis a este convento
como filho do evangelho,
foreis vós cá um espelho
de nosso contentamento.

Mas, vós, vinte annos a eito
non habens memoriam nobis;
vivestes por ruim geito,
e diz cá nossso direito:
flagelum dabitur vobis.

Vosso habito e corôa
leixastes por cousas vis.
Deus permittiu e quiz
viesse vossa pessoa
a poder de beleguins.

Porque a vida soberana
trocastes pela mundana,
e, como ovelha fugida,

---

(1) Tambem reimpressa por Farinha em 1783.

já de vós mui esquecida,
vos tornei a esta cabana
porque não fosses perdida.

Que creis tão irregular
á Ordem de S. Francisco,
que todo o mundo a barrisco
no dissoluto peccar
vos tinha por basilisco.

Porque ereis tão conhecido
por sacerdote perdido
com fama de gracioso,
sem graça de virtuoso,
que era mal serdes soffrido
sem castigo rigoroso.

Dizeis que seja piedoso
e que não entre em *juditio!*
Se vos eu vira exercicio
de santo e virtuoso,
usára de beneficio.

Mas com vida viciosa
e com lingua mundanosa
já pertinaz nos peccados,
não vos lembrando cuidados
da vida religiosa,

Dizeis que David lestes;
que, porque se conheceu,
perdão de Deus mereceu;
assi é; mas vós não tivestes
cor contricto, nem viestes
pedir perdão como réu.

Dizeis que Christo salvou
ao ladrão, porque chorou.

Assi foi; mas foi de geito,
que para entrar perfeito
na gloria, o corpo pagou
os males que tinha feito.

Assi vós n'este convento
não haveis de entrar peçonhento;
e para que nos converseis,
é razão que vos purgueis
com disciplina e tormento.

Que não ficava serão
onde vós, frei mexilhão,
não fosses metter o saco
com vossas graças de vão,
fallando velha e villão,
feito vasilha de Baccho.

Dizeis que use de exemplo,
como Deus com o publicano.
Usára, se vós, mundano,
viereis chorar ao templo
a culpa de vosso damno.

Sinto vossa condição,
e o mal de que sois zeloso
ser de tal constellação,
que já nunca vos farão
casto e bom religioso.

E crede que nosso beato
S. Francisco precioso
foi comvosco piedoso
em vos trazer a este fato [1]
de seu pasto glorioso.

---

(1) Rebanho.

E pois que já aqui estaes,
vos não lembre o mundo mais;
e fazei-vos de tal sorte,
que temais a Deus e á morte,
porque no fim mereçaes
gosar da celeste côrte.

Outras do Chiado a Affonso Alvares em resposta [1]

Affonso Alves amigo,
muito ha que vol-o digo:
poupai-vos como o ouro;
guardar da volta do touro,
se quereis ter paz commigo.

Olhae que passaes de velho,
não sejaes escaravelho,
não esgaravateis em tudo;
acolhei-vos a sisudo
e vós me nomeareis.

Vós sois grande grosador [2]
a mi tambem coplador; [3]
e se botar frade a um cabo,
inda me isenta o diabo
para homens de vossa côr.

Eu não hei comvosco nada;
lograi vossa meijoada
no mundo c'os mais contentes;
não me reganheis os dentes,
porque vos não temo a ossada.

Deixae-me embora viver,
não me rendeis o escamoucho; [4]
que eu hei vos d'apertar o arrôcho
com quanta força tiver.

---

(1) Estas trovas vem citadas por Barbosa. Suppomol-as inéditas. Pelo menos, Barbosa não diz que tivessem sido publicadas.
(2) Glosador.
(3) Que faz coplas, trovas.
(4) Vide nota á palavra *Escamoucho* no fim da *Pratica dos compadres*.

Deixae o peccado alheio,
que muitos tendes no seio;
não digo mais por agora.
Vento é o que anda de fora
para o que cuidado tenho.

Eu sou natural praguento,
por uma trova dou cento;
e pois isto confessaes,
Affons'Alves, não queiraes
que vos diga quanto *sento*.

E não vos vireis da bainha
e curae da vossa tinha;
fazei dos males pendença
senão, se me daes licença,
rebentarei asinha.

Ó cão, enganado estaes;
peço-vos me digaes.
E vá-se fallar verdade,
fazer da necessidade
virtude, não m'o louvaes.

Outra vez vos peço paz,
não sejaes tão contumaz;
vossa mercê não me ladre,
que se eu saio da madre,
hei de praguejar assaz.

Tende-vos pela barbella,
olhae não vos solte a trela;
não queiraes tanto ladrar.
Olhae que o recuchilar [1]
é o diabo das penas.

---

(1) Ripostar a golpes de navalha.

Outras de Affonso Alvares em resposta ao Chiado, e começam na maneira seguinte: (1)

Reverendo frei Chiado,
de virtude grande imigo,
sente tua alma comtigo
e verás se estás desculpado
d'isto que agora te digo.

Que não serão parouvelas (2)
que fallas da minha côr;
mas serão tuas guelas
tão torpes, que já por ellas
não tens na Ordem valor.

Tu não achas mais em mim
que dar n'esta côr presente:
pois que Deus me fez assi
e não tão mau como ti,
dou-Lhe graças de contente.

Mas tu que, velhaco velho,
por bolires c'o trebelho (3)
foges pela contra-mina,
e pois te dão deciprina, (4)
porque tomas mau conselho;

Não vês tu que S. Francisco
faz regra de abstinencia,
pobresa e obdiencia,
e disse: «Matae o viço
da carne com penitencia»?

---

(1) Publicamos na integra as trovas de Affonso Alvares, por se encadearem litigiosamente com as de Chiado.

(2) Parvoices.

(3) Trebelho, brinco; trebelhar, brincar. É uma das palavras que Duarte Nunes de Leão já dava com antiquadas no seu tempo.

(4) Disciplina.

E tu queres ser rufião [1]
e beber como francez
e comer como allemão
e fallar velha e villão
e dar aos frades mau mez!

Chamas-te de Espirito Santo,
tão fóra de nunca o ter!
Porque quem tal nome quer
hade ser santo: portanto,
a ti não póde caber.

E que és demonio simulado,
que andas n'essa carne má
cre-m'o, que cá onde está
provocaras a peccado
quantos te conversam lá.

Vê a sentença sagrada
de Christo a ti comparada,
sente-a, não sejas bruto,
que a arvore de mau fruto
manda Deus seja cortada.

Pois vê o fructo que dás
em tua vida, precito,
e com teus males verás
que és arvore, maldito,
com fructo de Satanaz;

Que não mereces de estar
n'esse habito virtuoso:
pois és tão mau e vicioso,
que o bom que te conversar
tu o farás duvidoso.

---

(1) Homem devasso, que vive em companhia de mulheres de má nota, á custa d'ellas.

Nasceste de regateira
e teu pae lançava solas:
d'onde aprendeste parolas
e os anexins da ribeira,
de que cá tinhas escólas.

Fizeste cá mil façanhas
comendo o seu a seus donos;
para frade mal te amanhas,
porque com tuas más manhas
deixaste mil fanchonos.

Olha que em habito estás
que nunca mereceste,
onde mil bons acharás;
e porém não o serás,
porque tu sempre te deste
a cousas torpes e más.

Se tens mais que me accusar,
faze feira do que é.
Dá na côr, falla em Guiné,
que eu não t'o posso negar,
pois que de fóra se vè.

Mas as verdades que eu vi,
de que te accuso e fallo,
estas fazem grande abalo,
porque estão todas em ti
e outras móres que calo.

E se quizeres fallar
hei te de contrariar:
por isso olha por ti,
que como te ouvir chiar,
hei te logo de acamar
com o mais que não 'screvi.

Seguem-se outras do Chiado, em resposta

[1] Cão fôra vossa mercê
de me dar o que lhe pedi;
e se lh'o não mereci,
não o quero nem m'o dè,
pois que para isso nasci;
        e porem
sei onde jaz o desdem
d'aquillo que entendi.

Quem vive sempre ás escuras,
como eu nunca me vejo,
não é muito ter despejo
n'estas velhas mataduras,
porque por mim mesmo rejo,
        e por tal,
que se fôra d'outro metal
já tivera o que desejo.

Nunca achei quem se perdeu
nem perdi quem não achou;
nem busco quem se gerou
no ventre d'onde nasceu;
assi proprio como eu sou,
        de maneira,
que ultimo e verdadeiro
é saber por onde vou.

Mas quem trata com mudanças
lançadas á peior parte,
toma para si que farte
assás de desconfianças

---

(1) Barbosa tambem cita estas trovas.

e sabe bem pouco d'arte,
        e comtudo,
homem que é cabeçudo
ha mister que se descarte.

Eu sou vosso servidor
e por meu senhor vos tinha.
Quem se mette na farinha
logo fica d'outra côr;
e se por geração lhe vinha:
        e porem quero
servir-vos de escravo mero
com propria vontade minha.

Eu bem sei que me entendeis,
e por isso fallo claro
com medo de desamparo
que a outros muitos fazeis;
mas a mi me custa caro.
        Já deixo
a razão de que me queixo,
que cão proprio vos comparo.

Outras suas porque lhe disseram que Affonso Alvares fazia outras em que lhe punha as mãos

Per rogativa vos peço
que me não ponhaes as mãos,
nem façaes queixumes vãos,
porque vol-o não mereço.
Que quem diz que sois juiz
dá razão contra o quesito;
e se eu não minto,
louvem-me do que fiz,
por cão mal vos pinto.

Que esta gratis data,
que eu mesmo tenho commigo,
faz que seja mais amigo
do bem que a virtude trata;
mas deixo isto.
Homem que é negligente,
se elle bem sente,
deve ser com todos bem quisto,
pois não é como outra gente.

Vós não sabeis entender,
por mais que vos aleaçais, [1]
esse pouco que trovais:
perguntai que quer dizer.
Deixo tudo.
O mais sisudo
é quem nunca vos ouviu
do vosso proluxo [2] 'studo,
que já nunca se sentiu.

---

(1) O mesmo que alear: assoprar.
(2) Prolixo.

Outras para o mesmo Alvares

Pouca arte tens em nada,
pois quizeste abrir as covas
no logar onde desovas
tua pequice trovada.

Mas o que eu de ti diria
para acertar sem mentir,
prophetiso que has de vir
ser mais negro cada dia
sem o poder encobrir.

E tambem por que descante
sobre cães maliciosos,
damnados, maus, invejosos,
de me ouvir ninguem se espante
com passos não duvidosos.

Porque certo é para crer
que quem tem côr de carvão
é signal que o coração
não póde deixar de trazer
de cadella a condição.

E de tão mau trasfogueiro [1]
não se tira bom madeiro,
nem por mais que se elle dobre
não hajaes medo que cobre
se não cão, cão sorrateiro.

E ainda mais além,
que essa desgraça tem
de preto; e é a verdade:

---

(1) Vide nota a esta palavra na *Pratica dos compadres*.

tão preto da escuridade
como da virtude áquem.

Cão, enganando andaste
homem branco n'esta vida;
cão, vã gloria alcançaste,
sem ter a vida regida
no mal que continuaste.

E se dais algum conselho,
não é com intenção casta;
e se a còr vos agasta,
ella tem tal apparelho,
que o bem em ver-vos se afasta.

Quem de ti mais alcançou,
vá direito como a linha:
longe de ti que adivinha
que o diabo te enganou.

E eu por fado te dou
seres toda a tua vida
mulato, com ver perdida
ess'alma que te ficou
sem teres nunca guarida.

E com tudo sempre quiz
estar firme no que espero;
ó mau cão, que se me viro,
farte-hei tornar ao axis. (1)

E mais tenho certa prova
que és tão negro, salvanor, (2)

---

(1) Axi é a pimenta da Guiné. Equivalerá isto a dizer: Far-te-hei fugir para entre os teus.

(2) Com o devido respeito. E' a significação que lhe attribuem Gomes Monteiro e Barreto Feio. Com igual significado vem no *Diccionario* de Frei Domingos Vieira, unico em que encontrei esta palavra.

como demonio pastor
d'outros como ti, que és cova
no insoffrivel fedor.

Quem te viu como te eu vejo
ou te vê como te eu vi,
achará que és um cangrejo,
que andas através de ti
buscando nescio desejo.

E quem te mais contemplar
fóra d'esses coiros pretos
achará em ti secretos
mui altos para alcançar
e baixos para discretos.

Não posso deixar de ter
uma grande opinião
se tu, cão, tens salvação:
certo é para saber
que diga logo a razão.

Fez Deus á sua imagem
homem branco para gloria
e disse sem menencoria: (1)
«Quero que haja linhagem
«n'esta vida transitoria.

«Estes são os mulatos,
«que procedem de malicia,
«casados com sorraticia (2)
«e vivem com seus biocatos, (3)
«porque nascem da immundicia.»

---

(1) Melancolia.
(2) Subrepção.
(3) Certamente diminutivo de biôcos.

Tu, cão, fugiste de ti,
porque não vives comtigo;
eu, porque sou teu imigo,
ando fugindo de mi,
por te não ver em perigo.

Mais, pois pulas
tu, ladrão, chucha matullas; (1)
lambe candieiros, mão;
has te de afogar no vão
por onde passam as mullas.

Soam cá tuas soalhas, (2)
negrinho taibo, (3) marafuz; (4)
mas se eu revolvo o capuz,
crè que te heide dar nas falhas
onde tu, cão, digas buz; (5)
e pois és
ferrado de mãos e pés,
como um áquem atiras,
não posso fingir mentiras,
pois nada digo ao revés.

Quem mais saido que ti
e quem mais cão por cadellas
e quem mais morto por ellas?
Dize, responde-me aqui,
pois mettes todas as vellas.

Ó ladrão, fazes-te grave,
escondes teu centafolho; (6)
vês-me o argueiro no olho,

(1) A mecha ou torcida do candieiro.
(2) São as chapinhas de latão que, enfiadas nos arames do pandeiro, chocalham entre si.
(3) Semsabor. Camões usou d'este vocabulo no *Rei Seleuco*.
(4) O mesmo que marafoneiro.
(5) Não mais.
(6) Uma das tripas do estomago do boi, que tem muitas folhas. —Moraes.

e no teu não vês a trave!
Deita as barbas em remôlho.

Eu não sei onde nasceste,
cão, mulato, mû, [1] rafeiro!
tiras couce lisongeiro,
peçonhento mais que peste,
enganador onzeneiro.

Porem eu bem reconheço.
Mas quem te inda não conhece,
sei muito certo que padece
o que eu agora padeço
e muito mais, se acontece.

Tu havias de nascer
para ter
bocca contra um sacerdote!
ladrão, que andas ao escote [2]
c'os demonios a aprender
os seus enganos, de cote. [3]

Vae-te para Lucifer,
que andas cá fugido d'elle;
tu és seu, que na pelle
logo te hão de conhecer,
ainda que outrem vele.

Quero dar novas de ti
a ti, que andas de ti fóra:
eu te vi não ha um'hora
em logar d'onde eu entendi
que tua vida empeora.

---

(1) Bêsta muar.
(2) A quota parte da despeza feita em commum.—Moraes.
(3) Continuamente, diariamente.

Com os diabos armas laços,
cães em suas armadilhas,
nascem-te filhos e filhas:
os machos, mulatos baços,
e as femeas são pardilhas. [1]

O quanto que fui sentindo
e descobrindo
para te dar por retorno:
tua mãe esteve em forno!
És tão boçal, que me estou rindo
como soffres tal sojorno! [2]

Tu és cão com rapozinhos [3]
e és cão sem ter engenho!
Ainda não me detenho...
vens-me ladrar aos caminhos
por onde ás vezes venho!

Pois não queres acabar
sabendo tu que eu acabo!
não me esperes pelo rabo
se me vires começar,
pois sabe que sou diabo.

Sendeiro, gallego, macho
asno, ruão, [4] salvanor,
goso de caça, uivador,
cavallo sem barbicacho,
cão de caça, trovador!

Noite de inverno fechada
de corisco peçonhento,
escura, mal assombrada!

---

(1) Tirantes a pardo.
(2) Casa de habitação.
(3) Com raça de preto, que cheira a catinga.
(4) Cavallo branco com nodoas negras.

que se ha mister candeia benta
para tua trovoada.

Sempre andas com nevoeiros,
não te enxergas quando andas;
pareces d'ambalas [1] bandas
malvado cão sorrateiro,
que traz cadellas em demandas.

Pareces procurador
d'homens que estão entrevados,
e deram-te seus cuidados
porque és estrovador
dos bens que estão limitados.

Tinha um pouco de dinheiro
para haver um negro bom:
ouvi de ti bom tom
e achei-te tanganheiro; [2]
faça-te o diabo bom!

Eu te vi já em Arronches
ser captivo de um Sequeira,
e pois é d'esta maneira,
ha mister que tu te enconches,
pois que sabes tal manqueira.

Se te quizermos buscar
tua carta de alforria:
inda tu hoje em dia
te não poderas casar
se fôra por outra via.

---

(1) De ambas as. Na phonetica popular das provincias ainda se emprega *lo* por *o*, *la* por *a*.

(2) Tanganheira é «a preta de peitos cahidos, e não em pé, ou atacados» valendo por isso menos.—Moraes.

Outras do mesmo para Affonso Alvares

Quem de si mesmo é escuro [1]
inda que faça luar,
ha mister de se apalpar
se quer pôr o pé seguro.

E tambem para se achar,
que já vèdes
dará por essas paredes,
se a si mesmo enganar.

Quem a si mesmo engana,
se sois acabado feito,
ficais um perfeito macho;
vós que sois o principal,
usareis do natural.

---

(1) Suppômos que serão estas trovas as mesmas que Barbosa cita como principiando:

Quem vive sempre ás escuras.

E' certo, porém, que este verso vem encorporado nas trovas, tambem citadas por Barbosa, que principiam: *Cão fôra vossa mercê,* etc.

Outras

Não póde sem barbicacho
este mú andar direito,
porque quanto mais o espreito,
tanto mais lhe dou no facho.

E se eu o entresacho, [1]
sei que é vento todo al :
para quem tem natural,
eu não hei de ter empacho. [2]
Mas digo que é preceito
que este mú seja eleito ;
porque de que o não taxo
e sei mui certo que acho
este mú quanto val,
só por que tem natural.

---

(1) Interrompo.
(2) Papas na lingua.

Resposta de Affonso Alvares a todas as que lhe fez o Chiado

Irregular fui na entrada
em contar as vossas novas
em villancetes e trovas;
não quizera dar pennada
mórmente em vossas desovas. (1)

Porque minha cortezia
não quizera eu sentir
comvosco n'esta porfia;
mas pois quereis competir,
a vossa hypocrisia
hei-vol-a de descobrir.

Eu li, creio que no Dante,
os filhos de generosos
serem muito cubiçosos
de passar o risco ávante
nos habitos virtuosos.

E diz mais não póde ser
que os de ruim villão
deixem de mostrar que são:
que ninguem póde fazer
do vil raposo leão.

Assi que do sapateiro
não póde vir cavalleiro;
nem de regateira pobre
póde nascer filho nobre.

---

(1) Desmandos.

E portanto não é bem
que eu, nem vós, nem ninguem,
finjamos com gravidade
negando a propriedade
das entrelinhas que tem.

Porque se vos enganaes
com ter a roupa comprida,
com isso não me fartais,
que o que jaz n'ella mettida
quero que m'o digais.

Que eu vi com grandes gedelhos [1]
muitos podengos de rasta, [2]
que eram de tão má casta,
que fugiam dos coelhos,
como o bem de vós se afasta.

O respeito da pessoa
se ausentou do mosteiro
por se tornar ao cheiro
d'azevia de Lisboa,
manha de gran calaceiro.

Que sabeis por que leixou [3]
o bom habito que tinha?
Porque se cobriu da tinha,
que é um mal que o cegou.

Porém o que elle ganhou
em fazer esta saida
lá vereis na despedida,
onde lhe a sorte chegou.

---

(1) Guedelhas
(2) De rasto.
(3) Deixou.

E os castos religiosos,
que são devotos prudentes,
fogem inconvenientes,
que podem ser suspeitosos.

Porém os maliciosos,
e que têm pouca vergonha,
chegam-se para a peçonha
de maus e luxuriosos.

E cuido que bem sentis
onde vae dar este tiro;
que se com elle vos firo,
queria mais dois ceitis.

A serpente que enganou
o pae da primeira terra,
de tal modo conversou
comtigo, que te tirou
da paz e te trouxe á guerra
do mundo, que te cegou.

Irracional creatura,
outro Lucifer segundo,
perdido, que não tens cura;
porque tu és a figura
do mesmo filho do mundo;

Que fugis da cabana
do Celestial Cordeiro
e caiste no lameiro
d'este mundo, que te engana,
hypocrita lisongeiro:

Que esperando te estou
como a Judas Escariote,

pois tu, falso sacerdote,
foges de quem te creou,
não serás meu matalote. [1]

Vadre retro, Satanaz,
basilisco peçonhento,
que eu não faço fundamento
de fazer obras tão más,
quaes tu sabes que te eu *sento*.

Porque quem hade fiar
de quem trez no mez tomou?
e nenhum não conservou
e espera de negar
esse outro, que lhe ficou!

Devèras porém, em razão,
ingrato desconhecido,
que me achaste percebido
sempre com obras de irmão,
mais que de ventre nascido?

E porém se tu praguejas
da mãe que te trouxe em si,
como não dirás de mi?!
Mas já sei que são invejas,
que o mundo sabe de ti.

Que se me tocas na côr,
nunca outro mal me digas;
mórmente com essas ligas
me deu Deus honra e favor
e dou-te quarenta figas.

Que nunca cosi correia,
nem menos lancei tacão.

---

(1) Companheiro de viagem; parceiro.

Faço obras de quem são,
e a côr não me desfeia
minha honra e discrição.

Que a nobreza que me vem
de parte superior,
se d'isto julgado fôr,
ficas de mim tão áquem,
como o servo do senhor.

Tu bebeste no ribeiro
do rio da Palhavan
por seres chocarreiro,
que não tem virtude sã,
velhaco frei malhadeiro.

E quem te vir capello
cuidará que és capellão,
sendo tão fóra de sel-o,
quanto fóra estás de tel-o
e tomar a perfeição.

E fallas em gratis data,
sendo tu tão fóra della!
Que do que foge da cela
gratis data não se acata,
por que não se espera tel-a.

Nem eu digo que a tenho,
e se alguma me vem,
é d'Aquelle que a tem,
e m'a dá porque mantenho
preceitos de homem de bem.

E tu és frei matulão,
badallo de campanario,

natural escorpião,
que afagas com bom doairo [1]
e mordes com o coração.

Velhaco és comulgado, [2]
levita frei maricote, [3]
regateiro mal creado,
que consentiste em peccado
em trajos de sacerdote.

Que te acham em S. Gião
em casas de regateiras
e de putas taverneiras,
onde tu és mexilhão.

Em tua filosomia [4]
julgára quem foi discreto
que és ladrão encoberto,
mais mau do que és descoberto.

Bargante [5] nonno [6] Chiado,
que sempre estás refolhado
de tredoro [7] malicioso,
a mi *sento* merecer
me injuriaste sem dó.
Deus t'o dê a conhecer,
e a mim, para soffrer,
a paciencia de Job.

---

(1) Rosto, semblante.
(2) Perfeito, completo.
(3) Diminutivo de maricão: mulherengo.
(4) Phisionomia.
(5) Picaro.
(6) Religioso.

«Oh! como sois bom, meu nono!»

Monge de Cistér, tomo I, cap. I.
(7) Traidor.

Que se não foram filhinhos
e a honra que mantenho,
eu te fizera canhenho
de pernas, mãos e focinhos,
pela virtude do Lenho.
E porém
tu, ladrão, andaste bem
em topar com consciencia
que te metteu a penitencia
de Roma e Jerusalem.

Disse-me lá no convento
um padre de santo nome,
quando foi teu filhamento, (1)
que disse: «Eu não *consento*
que este velhaco se tome,
porque d'este hade nascer
o infernal Ante-Christo,
seus filhos se hão de dizer
da ordem, não póde ser,
corra no mundo seu risco,
porque se se receber,
este ha de corromper
a Ordem de S. Francisco.»
Chiado!
Não posso fingir mentiras
do que digo contra ti,
pois todos vêem como eu vi
que tudo fundas em iras.

Mette a mão tu, cão, e atira
mais malicias, que mais tens,
tu que vás e tu que vens,
por onde a bondade expira.

(1) Adopção.

Se certo se me acudira
á memoria o que entendi,
que fizera logo alli
que o bem por bem se sentira.

E pois este mú se vira
com as ancas para o invés,
fica a virtude em revés,
que do al eu bem me rira.

Ladra tanto este cão,
que eu me corro
de o ver assi ladrar;
se se accende o tição,
em que venha todo o mar
não o poderá apagar.

E porém que lhe dèem
pancadas como em centeio,
damna-se este cão arreio [1]
e então morde quem o tem.

Finis laus chrispto [2]

---

(1) Constantemente.

(2) Este codice, que tem na Bibliotheca d'Evora a numeração de $\frac{C \times 11}{1 - 37}$, foi escripto em Salamanca em 1589, ao que parece por quem alli era estudante. Pertenceu a Fernando Vaz Cepa, de Borba, que reuniu uma preciosa livraria, a qual por sua morte passou aos frades do Convento do Bosque, d'aquella villa, ou por legado ou por compra. Ha na Bibliotheca d'Evora grande numero d'aquelles livros impressos, tanto portuguezes como hespanhoes.

Reproducções da edição de Sousa Farinha (1783)

Regra espiritual que fez Antonio Chiado ao Geral de S. Francisco (1)

Mui catholico e prudente,
de inclinação mui real,
pois que vos Deus fez Geral
dae-Lhe graças infinitas.

Que digam gentes malditas
o que é de seu costume:
não ha tão fino betume,
que véde linguas.

Fazei por privar minguas
dos que são murmuradores;
não tenham de vós favores
estes taes.

Fazei-os todos iguaes
em perfeita charidade;
resplandeça a humildade
entre nós.

Fazei que sejamos sós
virtuosos, verdadeiros;
esquivae mexeriqueiros,
e seus vicios.

Sejam nossos exercicios
em pura contemplação,

---

(1) Vide nota aos *Letreiros*.

pois que comemos o pão
de muitos pobres.

Recebei na Ordem nobres,
creados em bons ensinos,
porque sejam depois dinos
de Prelados.

Empregae vossos cuidados
em augmentar esta Ordem,
a qual indiscretos mordem
cada dia.

Abaixae a fantasia
de quem sempre quer mandar;
não queiraes desconsolar
os pequenos.

Olhae que não sejaes menos
do que requer a verdade ;
nem perdoeis á maldade
dos roazes.

Trabalhae por metter pazes
entre todos os irmãos ;
nem vos escapem das mãos
maus sem justiça.

Tirae-lhe toda a cubiça,
desenganae-os em tudo ;
estimae muito o sisudo
sem malicia.

Destrui as sorraticias
de muitos sem consciencia;
e conservae a paciencia,
e não vos percaes.

Guardae-vos que não caiaes
em laços d'almas damnadas;
nem de más embaixadas
não cureis.

Em tudo quanto sabeis
não exerciteis com ira;
o que vos disser mentira,
escosei-o. [1]

Olhae que tragaes no seio
inferno, e paraiso;
e que a vida é um riso,
pois que passa.

Quem mette a mão na maça
passando alem do Prelado,
merece bem castigado
com razão.

Escrevei no coração
amor, paz e concordia;
usae de misericordia,
que é a summa.

Fazei que ninguem presuma
deshonrar homens de bem,
o que alguns Prelados tem,
que eu sei.

Não nos ponhaes nova lei,
nem carregueis d'estatutos;
os males que são corruptos,
cortae-lhe os herpes.

---

(1) Escoser: traspassar, varar; empregado por Gil Vicente.

Não consintaes serem serpes,
tyrannos mal inclinados;
não sejam sempre Prelados
á la luna.

Gozem tambem da fortuna,
saibam que é ser captivos;
não os façaes altivos
imperadores.

Buscae homens de primores,
na Ordem achal-os-heis;
e não vos affeiçoeis
a não sei quê.

Não façaes nunca mercê
d'officio de pastorado,
porque, além de ser peccado,
será damno.

Amostrae-vos sempre humano
a homens de conclusão:
cada um para guardião
é um anjo.

Não consintaes desarranjo
de sandia opinião;
mas guardae no coração
o Evangelho.

Nunca façaes sem conselho
coisas que são d'importancia;
os erros por ignorancia
perdoae-os.

Os vossos olhos cerrai-os
a coisas que vos não vão;
nem tomeis visitação
de malino.

Sède do Officio Divino
mui devoto em extremo;
lançae tambem mão do remo
por exemplo.

Trabalhae por serdes templo
em que Deus seja servido;
guardae sempre um ouvido
para o réu.

O intento estêe [1] no céu
ao dar disciplina:
porque é cousa divina
a charidade.

Tratae com benignidade
a todos mui geralmente,
como discreto e prudente
sabedor.

Tratai todos com amor
fraternal e das entranhas;
não façaes grandes façanhas
por pouca cousa.

Não deixeis cair a lousa
sobre quem póde mui pouco;
não vos façaes nunca mouco
a um fradinho.

Mettei todos a caminho
seguro, sem ter biscatos: [2]
que não deixemos nos mattos
lã, e pelle.

---

(1) Esteja.
(2) Pequenos lucros ou ganhos que se davam a apaniguados e favoritos.

Fazei que cada um véle
como frade verdadeiro;
se vos cançar o cordeiro,
levae-o ás costas.

Nunca façaes pelas postas
cousas sem cuidardes n'ellas;
nem estreiteis mais as cellas
do que estão.

Não consiste a perfeição
de nossas portas a dentro:
o que se encerra no centro
é o diabo

Não vades com tudo a cabo,
pois já fostes como nós:
enxergue-se tambem em vós
piedade.

Usae de proximidade
com homens de carne e osso:
não queiraes matar a cosso [1]
suas vidas.

Não deis sentença d'ouvidas,
pois ha homens mentirosos:
estimae os virtuosos
sem errores.

Não consintaes confessores
idiotas, ignorantes;
e não confessem antes,
que é cegueira.

---

(1) O mesmo que corso.

Tirae-lhe fóra esta manqueira,
e outras coisas mais feias;
não ponhaes almas alheias
em mãos de moços.

Lançae n'estes alvoroços
agua fria com grão tento:
pois todo seu fundamento
é coisas vãs.

Os sacerdotes com cãs,
me fazei, e não cachopos, [1]
aos quaes distrae os corpos,
como espero.

Olhae que não sejaes Nero,
porque sereis mui notado:
querei antes ser Prelado
que senhor.

Antes vos tenham amor,
que medo, notae bem isto :
porque, como fordes quisto,
descansae.

Parecei de todos pae :
quando fordes pelas casas
mettei de sob as azas
da clemencia.

Ponde muita diligencia
que se faça aos enfermos
charidade, pois são termos
do que digo.

---

(1) Moços: é provincianismo muito usado.

Prezae-vos de ser amigo
de fazer guardar a Regra,
qu'isto é com que s'alegra
S. Francisco.

Fazei que não tenham visco
mexericos nem mentir:
pois são para destruir
mil cidades.

Aconselhae-vos com os frades
n'aquillo que relevar,
e folgae bem de tomar
seus conselhos.

Escolhei para isso velhos
que não queiram prelazias,
e segui as suas vias
virtuosas.

Fugi das maliciosas
tenções verdadeiramente;
fazei prelado prudente,
e acertareis.

N'isto não vos enganeis,
que seja cousa mui forte:
lembro-vos que ha d'haver morte,
e dar conta.

Não mettaes alma em affronta,
attentae o que ordenaes:
fazei sempre officiaes
de respeito.

Para a porta seja eleito
um padre de tal exemplo,

que em se ver pareça templo
de bondade.

Seja de tal qualidade,
mui discreto, e verdadeiro:
porque a honra do mosteiro
está na porta.

Que certo não se supporta
porteiros mal ensinados:
estes sejam visitados
cada hora.

Se seculares de fóra
folguem com nossa vivenda,
não haja entre nós contenda
de mandar.

Trabalhae por esquivar
repr'enções descortezes,
e com outros entremezes
de vingança.

Desmanchae aquella dança,
e pondo-lhe algum repairo;
mandae que nenhum vigairo [1]
pregue á meza.

Isto tenha tal defeza
em nossas ordenações,
que não fallem mais razões
das necessarias.

Todos vos paguem páreas
por nos terdes mui quietos;

---

(1) Vigairo por vigario.

fazei conta de discretos
sem dobrezes.

Fazei rezar muitas vezes
pelos nossos bemfeitores,
pois comemos dos suores
de suas mãos.

Não ouçaes queixumes vãos,
nem vingueis vãos apetitos,
porque alguns teem espiritos
de Satanaz.

Não vos lembre o de detraz,
quando quer que houver emenda;
mas estes ponde na lenda
de Salomão.

Esquadrinhae sempre o são
do frade que visitar,
e não o deixeis passar
da razão.

Seja a vossa opinião
guardar a honra de todos,
que, em que venham dos Godos,
sempre damna.

Será cousa soberana
haver ahi quem saiba ler
a Regra, e entender
o que diz.

Sêde direito juiz,
sem acceitardes pessoa;
fazei sempre que vos dôa
o mal alheio.

Castigae sem arreceio
o mal que é damno de partes:
contraminae suas artes,
com virtude.

Trabalhae que não se mude
esta Ordem cada dia;
sigam todos sua via
d'um vestido.

Seja muito bem provido
estas tantas dissenções,
pois que visto as razões
estão quietas.

As cousas que são secretas
encobri-as, como amigo;
e lá lhe dae o castigo
muito em paz.

Estèe a ordem como está,
sem outras emburilhadas;
não sejam accrescentadas
mais posturas.

Não ha hi coisas seguras,
onde ha muitas mudanças;
pois ficam as esperanças,
e vaidades.

Não haja especialidades
d'isto vosso, e isto meu.
Castigae quem fôr sandeu,
á sua custa.

Toda cousa que fôr justa
não n'a negeis a ninguem;

prezae-vos de fazer bem,
como se vê.

Fazei que muito vos dê,
a estes extremos que vejo,
os quaes dizel-os me pejo;
e isto abaste.

Vossa vida em Deus se gaste;
d'extremos sêde passeiro: [1]
que o cilicio verdadeiro
está na alma.

Olhae que tragaes na palma,
qu'esta vida é como setta.
E sabei que a vós beta [2]
ser discreto.

Fazei por viverdes quieto
n'esta Ordem, e acertareis.
Regei-vos como sabeis
ser necessario.

Não deixeis nenhum almario
fechado com affeições;
levem suas repr'enções,
e eu tambem.

Com outro d'outro desdem,
não pratiqueis vossos casos;
mas fazei-nos todos rasos
a uma voz.

Amostrae-vos muito feroz
em vicios mui desiguaes,

---

(1) Vagaroso, como quem diz—cauteloso.
(2) Betar na accepção de quadrar.

que se os não castigaes,
será mau.

Os males que não têm váo,
concertae-os de maneira,
que, em que a fortuna queira,
não damnem mais.

As eleições sejam taes,
tão santas, e tão perfeitas,
que pareçam serem feitas
pelo 'Spirito Santo.

E, pois sois de todos manto,
reparti bem vossos pães;
fazei tambem guardiães
fuão, e fuão.

Provae para quanto são
homens de juizo claro;
não haja ahi prelado avaro,
nem se *consenta*.

E pois o mundo attenta
em coisinhas que sabeis,
peço-vos que as emendeis,
sem risco.

Havereis de S. Francisco
sua benção como filho;
item não me maravilho
serdes santo.

Não estorveis no canto
por que Deus é louvado,
e quem n'isto fôr enganado
dae-lhe o pago.

Não vos arrimeis ao bago, [1]
que mereceis muito ha,
porque Deus vol-o dará
a seu tempo.

Levae grande contentamento
fazer-vos Deus sabedor,
para que fosseis pastor
na Sua igreja.

De nada tenhaes inveja,
nem andeis com Deus á caça,
e dar-vos-ha aqui Sua graça
n'esta vida transitoria,
e na outra Sua gloria.
Ad quam nos perducat. Amen.

---

(1) Báculo.

LETREIROS [1]

muito sentenciosos, os quaes se acharam em certas sepulturas de Hespanha.

FEITOS POR

Antonio Chiado

em trovas.

As quaes sepulturas elle viu

AUCTOR

Estes letreiros achei
em jazigos differentes,
e são muito excellentes,
e eu por taes os notei.

Tome-os Vossa Senhoria,
e tenha-os por seu espelho,
e de meu fraco conselho,
leia n'elles cada dia.

Em uma Sé, de nossa Hespanha
correndo as estações,
topei com uma pedra estranha,
a qual nunca vi tamanha,
posta sobre dous leões.

---

(1) Barbosa menciona uma edição dos *Letreiros,* de 1602, mas o coordenador do *Summario da Bibliotheca Lusitana* diz que viu uma edição mais antiga. Era em letra quadrada, e estava na livraria d'el-rei (Paço da Ribeira).
Os *Letreiros* foram reimpressos em 1783, por diligencia de Bento José de Sousa Farinha, em Lisboa, officina de Simão Taddeo Ferreira, juntamente com a *Regra espiritual* e a *Peliçam,* constituindo tudo um folheto de 43 paginas.

Tinha em cima um rei armado,
com corôa imperial,
na mesma pedra lavrado,
e tinha por seu ditado:
«Não me chegou Annibal.» (1)

Cuido que lhe vi na mão
uma grande maça por sceptro,
e tinha os pés n'um alão, (2)
muito maior que um leão,
e dizia a letra em metro:

LETREIRO

Dentro está o muito forte
invencivel imperador,
o qual sendo d'esta sorte
o venceu tambem a morte,
como a qualquer lavrador.

AUCTOR

Foram palavras d'alteza,
as d'este imperador,
e que parecem certeza.
Quem de discreto se preza,
sei que lhe dará louvor.

Porque a morte não perdôa,
ainda que seja ao Papa,

---

(1) No IV volume do *Panorama* (pag. 271, 275 e 287) vem uma collecção, muito curiosa, de epitaphios antigos.
N'essa collecção ha um epitaphio, encontrado na egreja da Graça de Evora, que tambem falla em Annibal:
«Aqui jaz Albame, mais valente que Annibal, etc.»
Vê-se que Annibal era de todos os famosos capitães da antiguidade aquelle cuja comparação mais lisonjeava a vaidade militar.
(2) Cão.

nem tem respeito a pessoa :
tudo se por ella côa ;
cousa viva não lhe escapa.

Em outra cidade afamada,
entrando n'um gran mosteiro,
assim logo na entrada
estava uma campa honrada,
a qual tinha este letreiro :

Letreiro

Os que os enganos affagam
em se perceber não tardem,
e aconselh'o-lhe que tragam
obras, porque ellas apagam
o fogo em que as almas ardem.

Auctor

Entrei em uma capella
d'este mesmo convento,
sumptuosa, coisa bella,
e estava dentro n'ella
um muito rico moimento.

Tinha umas armas reaes,
mui ricamente lavradas
de letras especiaes,
gregas, muito bem talhadas.

Este soberbo jazigo
era d'uma pedra inteira,
alli trazida com perigo,
e a letra, como digo,
dizia d'esta maneira :

Letreiro

Se queres saber quem repousa
aqui dentro, e quem eu sou,
manda alevantar a lousa :
acharás nenhuma cousa,
d'um rei que se aqui lançou.

Auctor

Bem junto da portaria,
logo á entrada da casa,
e junto da sachristia,
estava uma campa raza,
cuja letra assim dizia :

Letreiro

Debaixo se aposentáram
os que o tempo despojou,
e, depois que se lançaram,
nenhum d'elles acordou,
que é signal que acabaram.

Auctor

Quem aqui adormecer,
não surgirá a nenhuns portos,
mas assim ha de jazer,
até quando Deus vier
julgar os vivos e os mortos.

Então se alevantarão
outra vez : homens formados ;
em carne apparecerão,
deante de Quem serão
publicamente julgados.

Esta campa entestava,
com outra tambem d'esp'rito,
que meia crasta tomava,
de fino jaspe. E estava
n'ella este sobrescripto :

Letreiro

Quem d'avarento se preza,
cave aqui, que eu lhe fico
que ache o pó de um rico,
a quem não valeu riqueza.

Auctor

Este rico disse bem.
A morte não leva peita,
menos respeita a ninguem ;
e quem mais riqueza tem,
vive com maior suspeita.

Quem morre por ajuntar,
esse se vae mais ao fundo,
porque a vida ha de acabar,
e não se póde resgatar,
por nenhum ouro do mundo.

Logo, assim á mão direita,
estava uma campa pequena,
lavrada, muito bem feita,
mas porém sua receita
lia-se com mui grande pena.

Estava a letra gastada
dos pés, segundo entendi ;
não se via quasi nada,
mas, por descripção tomada,
cuido que dizia assim :

LETREIRO

Aqui se mandou lançar
terra tal sem differença,
e aqui ha de esperar
até o virem chamar,
para ouvir a sua sentença.

AUCTOR

Juizo de grande affronta
sabemos que ha de haver,
e que havemos de dar conta.
E de tudo o que se monta,
pagará só quem dever.

Fui dar n'uma sepultura,
com a qual entristeci
por saber quão pouco dura
esta vida, e e ventura.
E dizia a letra assi :

LETREIRO

Tu, que lês o sobrescripto
por saber quem aqui s'encerra,
teus dias serão finitos.
Jazem os ossos sem esp'rito
da carne que é feita terra.

AUCTOR

Respondi : Bem o sabemos.
Todos temos esta mancha ;
o porque não conhecemos,
que, assim como nascemos,
pomos logo o pé na prancha.

Uns partem na baixa-mar,
e outros na maré cheia,
outros quando quer vazar ;
e o nosso maior durar
é um fumo de candeia.

Em uma capella escura,
que não tinha nenhuma fresta,
de muito velha pintura,
estava uma sepultura,
cuja letra era esta :

Letreiro

Se queres letreiros antigos,
lê este d'este jazigo,
onde jaz quem por amigos
morreu nú, e nos perigos
sempre só se achou comsigo.

Auctor

Fallou do tempo d'agora :
se tendes quem vos lisonge,
se a fortuna em vós escóra,
lançam-se os amigos fóra
e respondem-vos de longe.

N'este nosso Portugal
vi um discreto letreiro,
em uma sé cathedral,
e é mui especial,
e mais muito verdadeiro.

Letreiro

Se queres saber quem sou,
Deus te livre de tal praga ;

sou terra, cuja alma paga
o tempo que mal gastou.

AUCTOR

N'esta mesma sé fui dar
com outro jazigo chão;
e a letra singular
dizia d'esta feição:

LETREIRO

Vae-te d'ahi, homem mortal.
Que lês? que queres saber?
Aqui jaz quem has de ser.

AUCTOR

Respondi: Bem o sabemos.
Tudo passa como fumo,
porque não tem fundamento,
e achareis que tudo é vento,
se lhe lançardes o prumo.

Vejo que morreu meu pae,
minha mãe, e meus avós,
vejo que tudo lá vae,
e que assim ha de ser de nós.

Em uma parochia topei
uma sepultura honesta,
em a qual bem contemplei,
e por discreta a julguei,
cuja letra era esta:

LETREIRO

Aqui jaz Fernão Bicudo,
qu'esta cidade mandou;

emfim por fim acabou,
porque assim acaba tudo.

Auctor

As móres prosperidades,
diz o sabio Salomão :
«Vaidade das vaidades».
E quem não cáe n'estas verdades,
risque-se de toda razão.

Com este letreiro fui dar,
que me fez ficar em calma,
e é bem para notar ;
o qual devia d'andar
por joia no pescoço d'alma :

Letreiro

Aqui jaz nada enterrada,
que de nada se formou,
e em nada se tornou,
e em fim tudo é nada.

Auctor

Tudo passa n'um momento,
como bem se manifesta.
Tudo não tem fundamento,
tudo acaba, tudo é vento,
e tudo é uma aresta.

Não ha hi cousa segura :
o mais forte mais manqueja,
tudo está em ventura,
tudo é de pouca dura,
o tempo tudo despeja.

O d'hontem já se passou,
o d'hoje vae-se chegando,
o d'ámanhã não chegou,
e quem se mais enganou,
desengane-se chorando.

Achei uma campa honrada
assim n'outra freguezia,
tosca, toda escavoucada,
mal posta, mal assentada,
cuja letra assim dizia :

LETREIRO

Se tu queres saber quem
jaz debaixo d'este chão :
jazem vermes que estão
esperando a ti tambem.

AUCTOR

Putredini, disse Job,
meu pai, mãe e irmã,
são vermes, e cada um só,
contemple que ha de ser pó,
da vespera até manhã.

Cada um faça por chegar
a ser Papa, se puder,
e, pois tudo ha d'acabar,
ando para me livrar,
a mim mesmo se puder.

Fui descobrir n'uma aldeia
este letreiro galante,
e quem n'o fez tinha veia,
mas matou-se-lhe a candeia,
no cabo da consoante :

LETREIRO

Aqui jaz quem não tirou
nunca segredo do seio,
nem menos por elle veio
mal a viva creatura...

AUCTOR

N'um adro cuido que vi
letras em uma cabeceira,
quasi como estas em si,
e essas poucas, que li,
diziam d'esta maneira:

LETREIRO

Aqui jaz terra enterrada,
qu'em seu tempo bem folgou,
mas a vida a enganou,
sem lhe dar o mundo nada.

AUCTOR

O mundo tem assentado
de se rir de nossa dôr:
Qual é o tão enganado,
que põe todo seu cuidado
em servir tão mau senhor?

Faz a vontade ao mundo,
entrega-lhe seu coração.
E' um Satanaz segundo,
que vos veja ir ao fundo,
não vos ha de dar a mão.

Fui dar n'esta sepultura,
ao pé da cruz d'uma ermida,

sentenciosa e escura,
que certo pela ventura
de mui poucos entendida :

LETREIRO

Aqui jaz João Braz, moleiro,
folião foi dos mais destros,
mas não lhe valeram cestros, (1)
nem tabaque (2), nem pandeiro.

AUCTOR

Bom letreiro singular.
Esta foi das reaes campas,
que nunca cuidei achar ;
e bem se pode gabar
que ella só levou as lampas.

---

(1) Ou sestros : manhas.
(2) Ou atabaque : especie de tambor.

Cópias de manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa

---

Profecias do theologo doutor Antonio Chiado, do que havia de acontecer em Portugal no anno de 1579.

Porque os homens foram creados d'este oceano mediante os doze planetas e os doze signos, e suas passagens, olhando umas cousas das outras, pelo qual acontecem muitas cousas, e em diversos tempos, segundo suas entradas e sahidas, e os que as sabem é razão que as digam a quem são occultas, para se guardarem dos grandes perigos e damnos que lhes pódem occorrer, segundo diz Lucinto e Esposado, e Reymunda, e Curcio, e Frei Pedro de Roquasisa, e Merlim, e outros doutores, que calo por não ser prolixo.

O que acontecerá em Portugal é:

—Primeiramente, o dia depois do mez de dezembro, da dita era, será dia de anno bom; e isto não haverá homem que o possa estorvar, e n'este dia amanhecerá antes do sol sahido, porque reinará o planeta Sol no signo de Capricornio, o qual dia será um dos dias, em que se tangerão os sinos da sé de Coimbra, e de Evora, tirando rijamente pelas cordas, que não ficará cabeça de homem com toutiço.

E o ceu se tornará maior que a terra, as nuvens andarão pelo ar, os rios correrão para o mar, e desfazer-se-hão como o sal na agua.

E os caminhos estarão estendidos pelo chão, e as serras, porque mais cansarão cincoenta homens a pé, que um a cavallo.

E será o espanto tão grande nas gentes, que estarão os mortos debaixo da terra, e os vivos por um cabo e por ou-

tro; e será tanta a escuridade pelo mundo, que todos terão os olhos cerrados quando dormirem.

As mulheres darão gritos de parto, os meninos de pouco nascidos não saberão d'onde vém; tão grande será o temor com que sahirão dos corpos, que, se lhes perguntarem por novas, não saberão dar razão das guerras que vão na India, nem das de Allemanha.

No dia de S. João Baptista, sahido o sol, apparecerá a todos o Castello de Lisboa mais alto que toda a cidade, e, crescendo o dia, e minguando o mar, ficará sêcco com todas as casas que estão no pico. Em tal dia como este estará Alcochete em Ribatejo onde estiver, e, logo após isto, haverá rebolico no ceu, e reinará o planeta da Lua no signo de Leão. As aves andarão voando, os cervos correndo pelos campos, e os lagartos sahirão das buracas arrastando as barrigas pelo chão.

Os gallos cantarão de noite ás escuras, e os corações dos homens andarão nos corpos mettidos, e se porão na parte esquerda, e com temor estarão bulindo. E, depois da conjucção da lua, será o juizo tão temeroso, que os vivos não quererão ser mortos. A qual era ha de ser esta, que não querem dizer os astrologos, nem descobrir, porque sabem que não haverá homem que queira adoecer, nem doente que não queira ser são, por ser fóra de tão grande perigo.

E n'este anno se ajuntarão n'um campo os corvos, e as garças em outro, e haverá tão grande differença de uns a outras, como de branco a preto.

E n'esta terra as chuvas serão tão grandes, que não haverá navio, que pelo mar não ande a nado.

Os ventos serão tão grandes e fortes, que alevantarão as palhas do chão.

Os trovões e terramotos serão tantos, que, de puro temor, não haverá homem nascido que fique por nascer.

E, depois d'isto, sahirão flores no campo, que sempre continuamente foram vistas nascer.

E os suões serão tão espantosos, que serão todos os pães sèccos; e a palha e a cevada deital-a-hão ás bèstas, e o trigo fal-o-hão mais meudo que o sal.

E nas estrellas haverá differença, que umas parecerão mais claras que outras; e nos planetas não menos, que tal haverá, que allumiará de dia e outro de noite, que são o sol e a lua.

E os elementos serão contrarios.

E o fogo se tornará mais quente que os banhos das Caldas.

E o mar se tornará todo agua.

Na terra haverá penedos e seixos mais duros que pedras.

E o ceu se tornará tão escuro, que não haverá homem, que cego seja, que possa vêr estrellas ao meio dia.

E na semana de Ramos apparecerão trez estrellas sobre o corucheo da Batalha, e trez sobre o corucheo de Coimbra, e trez sobre o curocheo de Lisboa, que significam guerra, onde as houver, e fome a quem não tiver que comer, e peste onde morrerem de tal mal.

E tudo isto pelos grandes peccados que ha em Portugal, pelo que, se se não quizer emendar, Deus sabe o que será.

Os tempos serão tão mudados, que todos os animaes irracionaes andarão com as cabeças para baixo, e as arvores se enverdecerão na primavera, e as folhas cahirão depois de sèccas.

E os melões se tornarão tamanhos como a minha cabeça, pouco mais ou menos. E os alhos e as cebolas metterão a cabeça debaixo do chão. E os marmellos, se os deixarem. se tornarão amarellos.

Com o grande temor, as gallinhas pretas porão ovos brancos, pelas grandes mudanças que haverá no mundo.

Oh! maravilhoso Deus! Quão grandes são as Suas maravilhas, e quão escuros são Seus juizos.

E dia de Paschoa florida, caminho de Enxobregas, perto de Lisboa, apparecerá o mosteiro de Santos com algumas freiras formosas e outras feias. E o da Madre de Deus, perto do mar, que não haverá homem, que o fôr vêr, que, quando tornar (a) sua casa... sobre a terra.

E nas partes de Africa, entre os inimigos haverá grande destruição, e todos aquelles que morrerem em terra de christãos não escaparão em nenhuma maneira.

E n'aquelle tempo o xerife se tornará mouro.

E na costa de Guiné se acharão muitas povoações, onde apparecerão muitos homens negros.

E em Portugal haverá muito grande crueldade; que todo o malfeitor não sahirá da cadeia emquanto n'ella estiver preso; nem haverá enforcado que chegue com os pés ao chão.

As cousas pesadas descerão para baixo, e as pennas voarão, se as deitarem no chão.

E todo o homem, que estas cousas ouvir, não morrerá emquanto estiver vivo.

Na era de 99, no mez de dezembro, serão vistas grandes maravilhas em toda Hespanha, porque estão Venus e Jupiter, e andarão de signo em signo, do distraimento do sol.

E depois do meio dia, estando o sol claro, verão as gentes mais claramente os caminhos e carreiras, que á meia noite fazendo grande escuro. E, depois d'isto, estarão os asnos á sombra até que amanheça. Isto acontecerá emquanto durar.

E n'este tempo haverá uma legua de Setubal a Palmella, e os almocreves do Alemtejo folgarão de acharem o trigo barato e vendêl-o caro em Lisboa.

E n'este tempo, havendo grandes cheias, irão os caminhos para as pontes, e as ribeiras correrão para o mar.

E, fazendo o dia claro, apparecerá Lisboa de Almada, e Badajoz de Elvas, e d'Evora-Monte a cidade de Evora. [1]

---

(1) *Collecção Pombalina,* Cod. 147.º fl. 302. Cinco paginas in-fol.

Carta de Antonio Ribeiro, o Chiado, a um seu amigo, que se metteu religioso

---

Muito virtuoso e discreto irmão:—Os longes do desengano, e amor que sempre vos tive me fazem não caber de prazer, por vos assim vêr saberdes-vos aproveitar: porque por derradeiro não ha outra verdade, senão servir a Deus com vontade. E já que escolhestes a melhor parte; va... a não ser vossa tenção de pedra em osso (?): porque nunca al vimos, senão virtudes com o sangue na guelra, entrecoserem logo á primeira jornada com qualquer tentação, e d'outro cabo vemos que faz o diabo suas cousas muito bem: e vemos que quem não tem n'esta vida mesquinha, que é frade: e vem-lhe por linha ficar ás vezes áquem. Mas prazerá a Nosso Senhor que passarão minhas suspeitas como sol pela vossa porta, e que sabereis a como nos agora cheiraes.

O sr. Pero Vaz me deu rebate de como vos mettêreis frade; e eu, de muito desconfiado de vós, portanto o não quiz crêr até m'o não jurar. E depois que pude acabar commigo que o crêsse, disse logo:—Cria raizes em Deus, que é nosso thesouro, val assim pesado a ouro.

Á volta d'este villancete vos direi, quando souber que vos vencestes a vós mesmo, que é a maior valentia que podieis fazer: e em extremo folguei de vos cahir a sorte n'esse mosteiro, porque é cousa a que tive sempre muita devoção, e mais tem a benção de S. Francisco, que é meio caminho andado para viverdes muito consolado, se não recalcitrardes.

Peço-vos, muito virtuoso irmão, vos lembre o de que lançastes mão, e quem sois, e quem sereis: e que ponhaes os

pés por cima de todas as tentações que vos vierem, porque emfim, emfim, *allá miran ojos* onde tudo dura para sempre. E se vos o mundo convidar com algumas lembranças, não lanceis mão d'ellas, que não servem de mais que de vos fazerem que nunca entreis em povoado, afóra as custas de vossa perdição: porque nós outros (digo, os que fazemos a vontade ao mundo) temos uma consciencia tão gastada do aço, e tão costumada a peccar, que qualquer obra pia nos parece hypocrisia, fóra outras circumstancias mais perigosas ao deliberar, que o mesmo parto.

De trez cousas vos prezae muito na religião, as quaes fazem muito ao proposito de vossa tenção, se me não engano: das quaes a primeira é serdes muito humildoso; e a segunda, charidoso, que é bom signal para frade: e a terceira, negae a vontade: e ficareis um religioso para apresentar a um principe, e não como os que agora costumam, que só uma vista d'el-rei os torna vinagre; e isto lhes nasce de se entremetterem em negocios, que lhes não importam mais que á perdição das almas; e a estes chamo eu cortezãos do demonio com o signal no peito pelo qual se perderam Fuão e Fuão, os quaes praza a Deus que nos não deixem peior semente do que elles foram e são. E, pois vos descubro o caminho por onde estes vão ao inferno, trabalhae por haverdes de Deus que antes vos leve de boa morte, ou vos torne ao mundo para vos curardes, que vos parecerdes com algum d'estes.

E, tornando ao meu proposito, digo que vos arremateis todo a essa verdade, a que vos apegae, e dae os pregões da vida passada por corridos, e vós me nomeareis, e tende para vós que não ha bem que dê pelos pés a um bom religioso.

Não vos façam os trabalhos da religião tornar atraz; porque, com a má vida do corpo em serviço de Deus, engorda a alma.

Vivei muito resumido, fallae mui passo, cuidae muito alto: não possuaes na vontade valia de uma palha; porque tanto se pécca com ella, como com a obra.

Não deixeis crear barriga a nenhum peccado, ainda que seja venial, porque por uma só veia se sangra todo o corpo:

fugi das murmurações, como do mundo: deixae a condição como o vestido: não vos fieis de vós mesmo: fugi da ociosidade até o quarto grau: achem-vos sempre occupado nos officios da humildade, porque, como já digo, por ahi *van allá.*

Não cheireis contentamentos da vida que tomastes, porque fareis a vontade ao demonio: de tal maneira haveis de ser devoto, que vos pareça que vos carteaes com Deus, e olhaeme que seja assim.

Oh! quãmanha inveja vos hei! E se já lá não estou, é porque não é chegada ainda a minha hora: e, na verdade, já lá fôra, se não me detivera a cheia de meus peccados.

Peço-vos muito, virtuoso irmão, que me encommendeis em vossas orações: e ainda vos peça muito, não o é, porque estaes em logar onde, se quizerdes, podereis merecer para vossos amigos, e mais para quem sempre foi vosso, como eu, não é muito deixardes lançar mão de uma *Ave Maria* vossa.

Nosso Senhor vos deixe acabar em seu santo serviço, e vos dê graça, com que persevereis até o fim, e a nós não desampare, e sempre tereis uma collação de cartas minhas, que não é pouco, as quaes vos não damnarão tanto, como cuidam frades.

E Deus vos faça santo.

Carta de Antonio Ribeiro, o Chiado, a um religioso, seu amigo

---

Muito estimado Padre, e que farte Religioso:—A chegada de V. R. seja assim, nem mais nem menos, como a pedir por bocca. E, se vém de saude, não darei o meu contentamento por o thesouro de Veneza: e com o recebimento do Padre Fr. Henrique da Cunha, fica a musica a quatro amarras, sem com ella poder intender nenhuma justiça.

Mas deixando uma cousa pela outra, estando assim sob a guarda de Deus e d'el-rei, saltaram commigo tão desarrazoadas saudades de V. R., que não tive outro remedio, se não ter-lhe esperanças de cadeira: por cujo respeito dei todos meus pensamentos por moços fidalgos a el-rei, que d'outra maneira não pudera escapar a más linguas.

Mas, todavia, tornando a commetter a barra, passei por tão junto de minhas culpas, que estivemos á falla, bem vida de dez pessoas; mas, como viram que lhe deram no gôto, fizeram-se em outra volta, e á vista de terra alojaram (alijaram?) todos seus arrependimentos, por que as tenções não levavam lastro. E, porque para estes negocios se ha mister homem sisudo, accórde respondi, e disse: não se vá aqui a zombar; alguem cuidará que com um só Conde Claros [1]

---

(1) O *Conde Claros* é um typo cavalheiresco do cyclo carlovingio. Duran traz no *Romancero general* trez lições do romance do *Conde Claros de Montalvan*, que foi surprehendido em flagrante com a filha do rei: a infanta, para o salvar, lembra os serviços feitos pelo seu ascendente Reynaldos de

hão de espantar os francezes da costa, estão enganados, que eu o perguntei e é a maior mentira do mundo.

E n'este comenos, *dixit autem una sabbatorum :* Assentae que por força ha de ser o que Deus quizer. E aqui deixou de ventar, a proposito de Fuão, sobre que eu fallei já a V. R. esteve por deliberar em quanto fossem d'aqui á Sé, e viessem: e porém ás primeiras badaladas, vae a prima e trincou por trinta logares, e o mar que amansa, e o tempo que passa, e o lisongeiro que priva, e o mau que prevalece, e a mentira que reina, e ainda bem a justiça não cerrava o olho, quando já o sól andava pelos telhados da cobiça : e por derradeiro, paga o justo pelo peccador, porque a virtude se não louve do nosso bom zelo. A este arruido acudiram odios, sem-razões, invejas, murmurações, e uns peccados veniaes tão tão grandes, como saveis de maio : da qual doença saltou grande frenezi na sensualidade, que nunca cuidei que escapasse. Mas, porque vaso mau nunca quebra, tornou a reviver como ave Phenix. E antes que se gastasse a candeia, os frades chegaram da vindima com os alfôrjes que queriam rebentar de desobedientes : porque a sua regra andava para cada dia : e porque o pouco temor de Deus sabia que o queriam accrescentar a escudeiro fidalgo, mandou a Flandres fazer reposteiros de enganos, porque assim diziam as forças do alvará : e a verdade n'esta parte minha voz era, que se fizesse tudo de cantaria : porque, o que has de dar ao rato, da-o ao gato. E o madraço do porteiro, cuidando que o diziam por elle, poz isto com isto. Eu porque comi já seu pão, entornei-

---

Montalvan, que tambem era citado no *Marquez de Mantua,* da litteratura de cordel:

> Oh valentes cavalleiros !
> *Reynaldos de Montalvão !*
> Oh esforçado Roldão !
> Oh marquez Dom Oliveiros !

Depping crê que a infanta do romance seria a propria filha de Carlos Magno.
Theophilo Braga allude ao romance do *Conde Claros* no prologo da *Floresta de varios romances.*

lhe os escamouchos, porque não quiz que um villão ruim bebesse á minha graça: fiz então dous passos atraz, porque as lamas de Lisboa não soffrem esporas, que se deixa vir uma nuvem de pontas de diamantes da côr d'esse manto de V. R., com os poderes da fortuna, e mais soberbas que as Columnas de Hercules, e, entrando no templo de Jupiter, escreveu com um carvão na maneira seguinte:

—Dae-me um ter-se por discreto, dar-vol-o-hei parvo.
—Dae-m'o querer emendar o mundo, eu vol-o darei nescio.
—Dae-m'o não soffrer reprehensão, dar-vol-hei sandeu.
—Dae-m'o favorecido, eu vol-o darei perdido.
—Dae-m'o vanglorioso, eu vol-o darei hypocrita.
—Dae-m'o pobre, eu vol-o darei lisongeiro.
—Dae-m'o mexeriqueiro, eu vol-o darei rapaz.
—Dae-m'o offerecer-se muito, eu vol-o darei mentiroso.
—Dae-m'o gabar geração, eu vol-o darei villão.
—Dae-m'o villão, e com officio, eu vol-o darei soberbo.

E por vos não deixar com a palavra na bocca, e com os desejos na vontade, puz estas quatro palavras abaixo, dando-vos a entender que ouro é o que ouro vale. As quaes palavras dizem assim:

Não dou esta regra a moço,
porque não mantém secreto;
mas deve qualquer discreto
de a trazer ao pescoço.

E acabando de dar sua embaixada, sahiu-se lá pela porta travéssa, fugindo a murmurações de religiosos, porque é mal que chega ás cordas do coração. Conclusão:—Sahiu-se a consciencia seu pé ante pé, dizendo contra o mais alto monte:—Oh! da barca! Que vos parece?—Responderam os homens do Alcaide:—Quem chama? Estamos em baixamar. Mettam-vos vossos enganos ás costas, e quem dinheiro tiver fará o que quizer. A prancha d'estes entendimentos era toda de malicias: e porque eu estava algum tanto descuidado, que minha boa ventura desarmou sua ira em vão, bem aos pés de

meus receios, e com estas suspeitas, disse a submissa voz: —Olá, meus senhores! Cada carneiro por seu pé pende; cada um tira para seu santo; cada um para si, e Deus para todos; tal de mim, tal de ti; quem comsigo não gasta, de amigos se affasta; gemer a meude, é pouca saude; quem o seu mal dispende, depois se arrepende: mas que presta muitas vezes, que os rapazes entendiam já por onde se este negocio contraminava, e em seu concilio ficou assentado, que ninguem se perdesse senão por boa condição: isto tudo forro de siza, por cumprir aquelle exemplo que diz:—Antes mar por visinho que escudeiro mesquinho. D'alli nos partimos, nossa rota batida, e démos comnosco em casa do Padre S. Francisco, por então ser o dia seu, e por se nos não passar a festa do Santo, sem lhe assoalharmos nossas boas vontades; estando no melhor, senão quando vimos assomar Fr. Gaspar de Covilhã, bom letrado, de fama, que não de vista, mais ensosso que polme de hostias, e mais frio que caramello de Janeiro. Quizeramos lançar por outra parte do rio, por nos faltar o mantimento, senão quando o padre desentrouxou sua prégação, cosida n'agua tal, e com uns pós de canella, que lhe roiam a tréla até o quarto grau. Disse eu então, como ladrão de casa: — Que havemos de fazer? Já aqui somos: o que é mau para o dente, é bom para o ventre. E porque nunca falte quem murmure, *ex tollens vocem quandam mulier de turba,* disse: —Não se faça aqui de prégador mangas ao démo: Não tem outro mal, senão quando lhe lançaram as letras, não lhe enxaguaram a vasilha. Quizeramos mandar-lhe notificar sua desgraça, e chamou-se a frade, de maneira que ficou apostolico em sêcco. A primeira fervura praticámos n'isto tres meios por alqueire; e entre outras muitas antigualhas nos despedimos cada um para seus desejos, porque era pregão lançado que ninguem tivesse apetites fóra da marca, sob pena da vida. E porque eu não sei se tornarei tão cedo, deixo dito que estou n'esta cidade de paz e de saude até meus visinhos. Deus seja louvado: e com vontade para servir a V. R. como na metade do dia, esperando sua resposta, e licença para lhe ir beijar as mãos quando, e onde, e como quer ser: porque com isto me hei por

tão consolado, como com uma gallinha gorda. E, quando não sahir-nos-hemos com *quedae-vos a la paz en buena fé,* por que é muito certo achar-se isto em janeireiros. [1]

---

(1) Janeireiros eram os cantadores de *janeiras*. Antonio Prestes diz no auto da *Ave Maria:*

Quebrae-me os pandeiros,
fazei-vos agora por mim *janeireiros*.

Soropita refere-se a este costume:
«... na noite da vespera de janeiro e dos Reis, andarão cantando e tangendo pelas ruas, sem se temerem da justiça, por serem noites privilegiadas em que não correm o sino... Mas póde-se-lhe perdoar tudo, porque soube atinar bem com o titulo dos villões ruins que essas noites vos perseguem; porque, quando vos não percataes, achael-os á porta com seu pandeirinho eivado já do serão, e com mais sarro na garganta que as cubas dos frades loios; e, com tudo isso, vos põem em estado que forçosamente lhe haveis de louvar aquella musica de agua pé com chocalhada que toda a noite vos zune nos ouvidos com bisouro, e sobre tudo isto haveis de lhe offertar os vossos quatro vintens; e, quando lh'os entregaes, a candeia vos descobre o feitio dos ditos musicos: um mocho com sombreiro com mais chocas que um corredor de folha, e lança-vos baforada de dentro d'aquellas fornalhas, que parece que toda a vida estiveram de vinho e alhos com entrecôsto de marran. Ora tomae-vos lá com a musica que houvera de estar mettida em barças finas como vidros de Veneza, e mais reservada que uma virgem vestal, e vós achael-a atolada em dois bebedos por curtir, aonde se não enxerga mais que um pedaço de focinho, com uma barbinha falsaria e mais suja e mais tisnada que bragas de carvoeiro.»

Carta de Antonio Ribeiro, o «Chiado», a outro religioso seu amigo.

Muito estimado Padre, e precordial Commissario:—Se me parecêra que tanto por onças havia de conversar V. R., tomára antes por partido não no conhecer, que estar á discrição de bem-mequeres, mal-mequeres: porque não ha porteiro nem frade, que não tenha já safado com lhe perguntar por V. R. E ainda que vá a horas cahidas do ceu, todos me dizem a uma voz:—*Quem quœritis?*—Digo-lhes:—*Frater Andres.*—Dizem-me:—*Surrexit, non est hic,*—que é um desgosto para das portas a dentro se não poder calar quanto mais soffrer.

Uma das tres é, e isto como o pão que nos mantém, e senão que perca o signal: ou eu aborreço, ou não lhe acertei a veia, ou é quem eu cuido. E se em algumas d'estas suspeitas nascem meus enganos, não poderei al fazer senão praguejar á redea solta, porque então irei salvo na fé dos padrinhos. E quando minha mofina não quizer, senão que por força lhe faça a vontade, então me resumirei, e chorarei para quão pouco sou.

Beijarei as mãos a V. R. mandar-me dizer por que festa se ha de mostrar outra vez, porque queria tocar n'elle duas palavras para trazer commigo. E se não puder ser, *con las mal casadas me contaré yo.*

Nosso Senhor lhe mostre bom prazer de sua tenção, e isso mesmo o chegue a estado quieto, para todos podermos communicar, pois n'elle está a consolação de muitos.

Uma pequena mercê lhe peço, que é encaminharmos este moço: parece-me que é sua vontade *per aliam viam.*

Agora me deram umas novas muito frescas; que se ia V. R. para Castella. Se, antes que se vá, quizer desempenhar a sua palavra, Deus que bem ; e senão, ficar-me-ha fundamento para não confiar em ninguem, senão por seu justo preço.

Não mais, senão que essas sagradas mãos de V. R. beijo etc. (1)

---

(1) Esta carta e as duas anteriores encontram-se na Bibliotheca Nacional, na secção de MISCELLANEA HISTORICA PORTUGUEZA, E—6—15.

ADDENDA

Oy vindo, e cras garrido

(pag. 9)

é um dos rifões que o marquez de Santillana colleccionou como sendo d'aquelles que *diçen las viejas trás el fuego: Oy venido, é crás garrido.*

Elle logo saconde...
medo gasopar da náo

(pag. 12)

Pelo Roteiro das ruas de Lisboa no seculo XVI, precioso manuscripto de José Valentim (Bibliotheca Nacional de Lisboa B-16-31) vê-se que havia o *Bêco de Gaspar das Naus*, que tinha de comprimento desde a rua da Calcetaria até ao Bêco do Loureiro 213 $^1/_2$ p. e de largura por um e outro lado 10 p. Presumo que ficaria entre a Boa-Hora e a rua Augusta.

Com referencia aos momos, de que se falla a pag. 44, occorre-nos agora esta citação de Sá de Miranda:

Os momos, os serões de Portugal,
Tão fallados no mundo, onde são idos?
E as graças temperadas do seu sal?

E tu fazes nem migalha

(pag. 52)

Os quinhentistas escreviam as duas palavras (*nem migalha*) juntas, formando uma só. Fernão

d'Oliveira diz na sua *Grammatica:* «... nemichalda o qual tanto valia como agora nemigalha segundo se declarou, poucos dias ha, huma velha que por isto foy perguntada dizendo ella esta palaura: e era a velha a este tempo quando isto disse de çento e dezaseis annos de sua idade.»

Como dizem, lá vão leis

(pag. 58)

Em castelhano, o proverbio correspondente era: Allá van leyes do quieren reys. Marquez de Santillana. —*Refranes.*

Com relação ao romance castelhano *La bella mal maridada* (pag. 65), vejam-se as referencias que lhe faz Gil Vicente na tragi-comedia da *Frágua d'amor,* em que dá um fragmento do romance, e no *Auto da Lusitania,* em que apenas cita dois versos.

Veja-se tambem Theophilo Braga, prologo da *Floresta de varios romances.*

Hulo s'ha guardado

(pag. 89)

Hu-lo, onde o. Gil Vicente, na Farça do *Clerigo da Beira:*

GONÇALO — E a lebre que foi d'ella?
DUARTE — Que sei eu? GONÇALO — *Hu-lo* parceiro?

E tira essas crenchas fóra

(pag. 90)

Os diccionaristas dão *crenchas* como synonimo de tranças. Mas Herculano *(Panorama, III,* pag. 3o3) diz que este vocabulo corresponde exactamente ao francez *meche de cheveux:* porção de cabello empastado, que não chega a ser trança.

Anforismo (anphorismo) pag. 128, e não anfarismo. Tambem se dizia inforismo. Significa: Aphorismo, maxima, sentença.

No *Canc de Baena:*

Que yo vos daré inforismo
de rrason sotil alguna

A pag. 163 encontramos a palavra *azevia* no sentido de peixe do Tejo. A pag. 196 lê-se esta quintilha:

O respeito da pessoa
se ausentou do mosteiro
por se tornar ao cheiro
d'azevia de Lisboa,
manha de gran calaceiro.

Aqui Affonso Alvares quiz decerto fazer *calembour*, pois que ainda temos o vocabulo *azevieiro,* no sentido de femeeiro, frascario, por onde se póde concluir o duplo sentido que o poeta quereria dar ao substantivo *azevia.*

Os sacerdotes com cãs
me fazei, e não *cachopos*

(pag. 209)

«... stando já para dar aa vélla, lhe deixou dous filhos, zēdo que dixessem a el Rei, que tomasse la seus cachop e que por isso se chamou Cachopos aquelle lugar do onde os deixou, não entendendo aquella gente vulgar, cachopos he palaura Portuguesa de homẽes rusticos, por chamão a os moços de pouca idade...»

Duarte Nunes de Leão—*Chronica d'el-rei Affonso o terceiro.*